

10
anos

revista

Barbantina

VOL. X - Nº 48 - 30 DE SETEMBRO DE 2022
ISSN 2238-1414

BARBANTINHA
Caderno especial escrito por crianças
Página 180

Foto: ©Marise Castro



Foto: ©Marise Castro

Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Barbante está feliz com mais uma edição repleta de textos bonitos de pessoas de vários lugares do Brasil e até mesmo de outros países! Este sempre foi o nosso objetivo, ou seja, chegar aos quatro cantos do universo presenteando os leitores com textos de qualidade. Os nossos artigos estão maravilhosos assim como todas as nossas demais seções!

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida fotógrafa Marise Castro que traz a natureza com uma beleza singular no clique da sua máquina e no seu olhar encantado de poeta da imagem.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Cartuns, Cartas, Contos, Crônicas, Ensaios e Poemas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Daniel Bezerra, Dhiogo J. Caetano, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

A nossa gratidão a todos que colaboram com a revista Barbante criando um laço afetivo de amor e cuidado entre autores que buscam fazer da literatura um meio de aproximar pessoas nos mais diferentes lugares com a alegria e solidariedade de quem escreve por amor e se dedica à arte da escrita com singularidade e maestria.

A Barbante apresenta, também, mais um número da sua irmã caçula, Barbantinha, um caderno especial escrito por crianças do mundo inteiro com ilustrações e textos! Nesta edição, crianças do estado de São Paulo e Rio Grande do Norte. Convidem as crianças para participarem mensalmente desse caderno encantador e cheio da beleza de mundos imaginários aos quais só as crianças conseguem chegar!

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

As editoras



Foto: ©Marise Castro

Artigos

Aspectos românticos no conto “O dominó preto”, de Florbela Espanca¹

Cátia Canêdo

(Universidade de Brasília)

“É nestas almas simples que o amor é mais puro e mais forte.”

Florbela Espanca, “O dominó preto”

O romantismo é uma escola literária caracterizada, sobretudo, pelo desejo de evasão, uma constante melancolia, associação ao mórbido e ao tétrico, paixões malogradas, caracterização de personagens que ficam refém de sentimentos, na maioria das vezes exacerbados, que refletem um estado de espírito muito pessimista². Apesar de ser uma escola fixada no século XIX, os seus antecedentes remontam ao século XVIII. A maioria dos críticos considera a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, como um dos precursores do romantismo europeu. Nesse romance epistolar, encontramos uma protagonista a sofrer por amor tendo como seu único caminho o suicídio. Por isso clama-se a Deus, como aquele que é o único capaz de entender o seu padecimento:

Deus sabe quantas são as ocasiões em que me deito na cama com o desejo, e às vezes a esperança, de não tornar a acordar. E de manhã abro os olhos, revejo o sol e me sinto miserável! (...) Eu sofro muito, pois perdi tudo o que me causava delícia à vida, essa força divina, vital, com a qual criava mundos ao redor de mim (GOETHE, 2009, p. 58-59).

Assim, o suicídio e a morte mostram um herói romântico que está inadaptado ao mundo. O desejo de morrer acontece devido a um amor não correspondido:

Está decidido, Carlota, quero morrer, e escrevo-te sem nenhuma exaltação romanesca, sossegado, na manhã do dia em que te verei pela última vez. Quando leres esta, minha querida, o túmulo gelado já estará cobrindo os despojos rijos do inquieto, do desgraçado que não conheceu prazer mais doce para os derradeiros momentos da sua vida do que o de se ocupar contigo. Tive uma noite terrível e, por que não dizer, uma noite benéfica. Ela definiu, radicou a minha resolução... Quero morrer! (...) Lancei-me de joelhos, sentindo-me fora de mim, e, oh Deus! Concedeste-me pela última vez o alívio das lágrimas mais amargas. Mil projetos, mil perspectivas lutaram em fúria na minha alma, e por fim ficou ali, firme e inteiriço, o último, o único pensamento... Quero morrer! Deitei-me e pela manhã, no sossego do despertar, ainda encontrei o mesmo pensamento, firme, inteiriço, ancorado em meu coração. Quero morrer! Não é

1 Agradeço ao Professor Fabio Mario da Silva, pelo material que me disponibilizou e pelo incentivo para escrever sobre a obra de Florbela.

2 Conferir Aguiar e Silva, 1997.

desespero, é a certeza inabalável de que termino minha carreira e me sacrifico por ti. Sim, Carlota! Por que eu haveria de ocultá-lo? Um de nós três [Alberto, Carlota e Werther] tem de morrer, e quero ser eu! (GOETHE, 2009, p. 72).

Isso acontece, segundo Adilson Citelli, porque junto com a perspectiva do misterioso e do insondável, a escola romântica enfatizou a relação entre o Eu (personagem, eu lírico) com a morte: “No afã de se afastar do mundo incompleto e desajustado, o romântico opta pela morte, como algo glorioso, gesto definido e radical a revelar uma profunda indisposição com a sociedade. A morte tornou-se um tema comum a quase todo romantismo” (1986, p. 77-78)

Tendo em vista essas breves reflexões, consideramos que no conto “O dominó preto” de Florbela Espanca, escrito provavelmente após 1927, encontram-se aspectos do pensamento romântico. O referido conto faz parte da obra homônima publicada em 1982 pela editora Bertrand em Portugal e possui 7 narrativas, entre elas: “Mulher de perdição”, “À margem dum soneto”, “O dominó preto”, “Amor de outrora”, “O crime do pinhal do cego”, “O regresso do filho”.

O conto inicia-se com um marco temporal, indicando que há 8 anos Joaquim, um pobre caixeiro de mãos deformadas pelas frieiras, “ridículo no seu fato de cotim de mangas demasiado curtas, de cabeleira encrespada”³, andava atrás de Maria e só depois de muita insistência, sua pretendente resolveu ouvi-lo. Ele se apaixonou logo quando a viu caminhando no “seu passinho grácil e desenvolto a calçada de pedras pontiagudas” – lembremo-nos que na literatura romântica é comum esse enlace amoroso intenso logo à primeira vista. Ouvia-se quando Maria dava um passo em falso e dava “gritinhos” e até mesmo as lojas mais sujas e fétidas se tornavam deslumbrantes com a sua presença.

Maria possuía, segundo o relato do narrador, “a boca fresca e os olhos gaiatos da rapariguinha risonha que, sem piedade, troçava dele constantemente.”. Ao que tudo indica, Joaquim não se importava de ser tratado com desdém, pois ficava tão enebriado com a presença daquela moça, que possui uma boca que lembrava um morango e com os dentes tão brancos, que tal visão lhe dava de tal modo satisfação que nada mais lhe importava.

Esse início da narrativa quer mostrar duas coisas: essas duas personagens principais são muito diferentes tanto no aspecto financeiro quanto fisicamente. Enquanto o corpo de Maria é descrito com singeleza e atributos que remetem a um corpo jovem, sadio e belo, o de Joaquim e de suas roupas são associados a um corpo maltratado e associado a enfermidades e a sujeira. Essa disparidade também é reveladora da maneira como uma personagem trata a outra: uma com afeto e admiração e a outra com indiferença, apatia e jocosidade. Outro fator a ser observador é que Joaquim possuía um corpo casto e Maria descrita como mulher pecaminosa, assim, como já referiu Fabio Mario da Silva (2019), inverte-se a imagem de pureza que agora é associada ao homem.

O narrador continua a enfatizar os anos que Joaquim sofria desde que se apaixonou por Maria, a única mulher por quem nutriu amor na vida:

3 Todas as citações do conto “O dominó preto” fazem parte da obra *Diário/ O dominó preto*, de Florbela Espanca, organização de Fabio Mario da Silva, publicada pelas Edições Esgotadas em 2019.

inutilmente, mendigando sem se cansar um bocadinho de amor que matasse a fome e a sede ao seu corpo de adolescente casto que nunca se atrevera a seguir uma mulher pelas ruas escusas, pelos cantos misteriosos, quando a cidade cúmplice fecha os olhos e finge que dorme. (2019, p. 137)

Joaquim recorda-se quando tentou se aproximar de sua amada para lhe confessar o seu amor e ouviu gargalhadas como respostas, enchendo-lhe os olhos de lágrimas e dor. Mesmo assim, ele continuou a amá-la quase como uma obsessão, que parece lhe servir como meta de vida:

Ele era um pobre diabo mas queria-a, queria-a como sabem querer os rústicos das suas montanhas, queria-a com todo o ardor dos seus vinte anos, cheios de seiva como um chaparro novo, queria ganhá-la custasse o que custasse, embora tivesse de andar de rastos atrás dela a vida inteira. Tinha tempo! (2019, p. 137)

Como se sabe, é comum na literatura romântica o amor intenso associado ao sofrimento que vai alimentando a fixação na pessoa amada. Essa mesma dinâmica comparece no conto de Florbela como uma espécie de resgate e releitura dessa estética literária. O narrador, apesar de se compadecer de Joaquim, não deixa de acentuar um certo caráter heroico dessa personagem: relata que o mesmo trabalhou incansavelmente dias e noites, feriados e finais de semana, mal se alimentando, na expectativa de angariar fundos para se casar com Maria: “foi servo de toda a gente, com a tenaz ideia fixa encasquetada a martelo no estúpido bestunto, sem querer saber de mais nada,” (2019, p. 137). O protagonista dormia em um quarto escuro e húmido do seu trabalho e devido a esse contato diário com o patrão, que ficou compadecido de seu estado, resolve lhe arrumar um professor para que ele possa aprender a ler. Por isso, aprendeu a soletrar o nome de sua amada, Maria:

Soletrou-lhe as duas sílabas, de olhos arregalados, boca aberta, num êxtase e os grossos lábios, subitamente, sem ele saber como, foram pousar-lhe no livro roto e cheio de nódoas, sobre as sílabas mágicas, enquanto as lágrimas lhe saltavam dos olhos e os soluços lhe enchiam o peito. Esteve mais de meia hora a soletrar-lhe o nome: «Ma ria», a olhar para as letras, sinais cabalísticos que queriam dizer tudo o que ele tinha para dizer, traços que faziam surgir, como varinhas de condão, um mundo de coisas boas, de coisas que ele nem sabia porque eram tão lindas e tão boas! (2019, p. 138-139)

Para Joaquim, tudo o que se referia a Maria lhe causava extremo encanto e vivendo um mundo de ilusões, a partir de seus desejos não concretizados, alimentava a sua expectativa de um dia consumir o seu amor. Para isso, o personagem tinha um objetivo, que era o acúmulo de dinheiro, dinâmica essa presente na sociedade burguesa e na literatura oitocentista: estatutos financeiros poderiam ser sinônimo de um casamento, principalmente para o homem, com a esposa desejada: “A pouco e pouco foi subindo, juntando dinheiro, à custa de se privar de tudo, de economias insensatas. Ia-se matando; mas conseguira juntar seis contos de réis, que os tinha na Caixa,” (2019, p. 139). Por isso, para Leda Marana Bim, “Joaquim tornou-se prisioneiro de um sistema social em que não via alternativa para conseguir atenção de Maria, que não fosse através de bens materiais (...) e pequenos luxos que poderia proporcionar-lhe” (BIM, 2012, p. 30). Assim, a meta de Joaquim era condições de ter uma casa confortável:

nunca havia de faltar à Maria o casaco de peluche, o seu vestidinho de seda de vez em quando e os sapatos de verniz para sair à rua... Nada!, que ele não a queria ver feita uma pobretona, de xale pelas costas e lenço na cabeça. Havia de ser uma senhora, mais linda e mais bem posta que algumas feitas à pressa que ele via por essas ruas, a fingir que eram uma grande coisa... (2019, p. 139)

Contudo, as notícias que chegavam a Joaquim sobre a sua amada não lhe eram agradáveis, devido a isso pensou que a estavam difamando:

Não tinha sido nem uma nem duas vezes que lhe tinham dito mal dela; as referências que lhe faziam não eram nada boas, lá isso não! Que não era séria, que não tinha mesmo juizinho nenhum, que o não queria a ele mas que talvez quisesse outros, que andava metida com gente de teatro, que mais isto e mais aquilo, enfim, um ror de coisas que às vezes o entristeciam. (2019, p. 141)

O amor sincero, com características de obsessividade, que nutria por Maria fazia com que quaisquer comentários maldosos sobre a moça soassem como inveja ou mentiras. Assim, depois de tantos sacrifícios e preservando o seu amor por essa mulher, finalmente consegue um encontro com Maria que lhe dissera: “«Às dez horas lá estarei, no primeiro banco à direita de quem sobe, um pouco acima do Avenida, lá estarei, espere por mim, sem falta.»” (2019, p. 141) e ela ainda acrescentou: “«Leve um dominó preto, com um laço azul no ombro, para o conhecer. Havemos de nos divertir muito!»” (2019, p. 142). Assim, à espera por esse encontro despertou em Joaquim uma extrema ansiedade, pensava em ambos confessassem o amor, falando de projetos de vida juntos, o que fez ir ao encontro no banco antes do esperado, com medo de não se realizar esse encontro.

Esperou por Maria usando a típica roupa de carnaval, o “dominó preto”, no banco de uma avenida movimentada. Depois de meia hora de atraso de sua amada, pensou em ir embora, mas manteve-se firme no seu propósito e com um maço de flores em mãos: “envolveu-se melhor no dominó, que a noite ia-se pondo fria, e resolveu esperar com resignação. Passou, porém, uma hora, duas, e ela sem aparecer... A inquietação mordeu-lhe novamente a alma... Porque não viria? Onde estaria àquelas horas da noite?...” (2019, p. 144). Os transeuntes passavam junto ao banco onde estava Joaquim, até polícias, e ele continuava com a roupa e as flores nas mãos, sempre na expectativa de chegar sua amada: “A inquietação, a angústia, a mortal aflição dos que esperam sem esperança corroíam-no lá por dentro como chumbo derretido.” (2019, p. 144). Após tantas horas, Joaquim se sentiu engado e desiludido:

Era então verdade todo o mal que diziam dela, todo o mal que lhe tinham dito! Sem vergonha, sem juízo, sem consciência, passava a vida a desgraçar homens, a desgraçada! Mas então a sua casinha, a sua casinha nova na rua limpa e sossegada, as suas economias, todos os seus sonhos, toda a sua vida?! (2019, p. 145)

A sensação que o personagem protagonista teve foi de humilhação, mesmo sendo o seu amor puro e sincero:

Soluços violentos faziam-lhe estalar o peito, a emoção apertava-lhe a garganta em tenazes de ferro, caíam-lhe as lágrimas em fio pela cara abaixo. Na sua grotesca humildade era um espantalho desprezível. Mascarado, ridículo, lavado em lágrimas, era mais infeliz que as pedras e dava vontade de rir! (2019, p. 146).

Por isso, pensando se Maria teria reais intenções de lhe encontrar, que teria feito escárnio de seu amor, Joaquim resolve então pôr fim à sua vida:

Num arranco, apalpou no bolso das calças, com mão crispada, o canivete que trazia sempre; de olhos fechados, a boca torcida num rictus odioso, abriu-o e, num gesto de doido, enterrou fundo no pulso a estreita lâmina afiada. O sangue jorrou como um repuxo e salpicou-lhe os dedos. Sem pensamentos, a cabeça a fugir-lhe, tonto, desvairado, soltou um grito rouco, abafado como um rugido de fera ferida, dobrou-se sobre si mesmo como um fantoche e, de olhos muito abertos, ficou-se a contemplar, num ar pasmado, o sangue a correr-lhe pela mão, pelo braço, em grossos traços negros até ao chão. (2019, p. 146)

Mesmo caído ainda olha ao redor na esperança de vê-la ir ao seu encontro. Algumas pessoas passam próximo ao corpo de Joaquim e acreditam que ali no banco da avenida estava mais um bêbado que vivia vagando pelas ruas. Joaquim então se suicida, assim como um último ato, pois não há como viver a vergonha da humilhação que foi submetido, bem como sem o amor de Maria. Como observamos, na escola romântica, o suicídio é o último ato que o herói ou anti-herói toma em favor de sua dignidade, do seu amor, que o considera sublime em relação aos outros.

Vimos que no conto “O dominó preto” há alguns laivos da literatura romântica que são resgatados por Florbela, tais como: o amor exacerbado associado os extremos do sentimentalismo, muito próximo ao discurso ultrarromântico; idealização amorosa; personificação da mulher anjo e da mulher demônio; o amor puro e sincero que nunca é concretizado; o ideal de bem-estar financeiro para se arranjar um casamento desejado; o suicídio como única saída para sanar as dores amorosas.

Lembre-mo-nos que as temáticas da dor⁴ e do sofrimento amoroso intensos é comum na obra de Florbela, mas geralmente esses temas são associados a imagem de um eu lírico feminino que sofre por amor ou pela separação do amado. No conto que analisamos a mesma dinâmica ocorre, mas agora ocorrida por uma personagem masculina. Assim, o amor, o seu desdobramento, que seriam a euforia ou o malogro, é capaz de acalantar, aprisionar ou, no caso da personagem Joaquim, levar ao suicídio.

4 Para um maior aprofundamento desta temática na obra poética de Florbela consultar os seguintes trabalhos: Dal Farra (1997), Barros (2014) e Silva (2015).

Referências bibliográficas:

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. Romantismo. In BUESCU, Helena Carvalhão (coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 487-492.

BARROS, Eliana Luiza dos Santos. *Florabela Espanca: laços de amor e dor*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

BIM, Leda Marana. “As imagens masculinas nos contos O crime do Pinhal Cego e O dominó Preto”. In *Callipole Revista de Cultura*. Lisboa: Edições Colibri/C.M. de Vila Viçosa, 2012, p. 27-37.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

DAL FARRA, Maria Lúcia. “A dor de existir em Florabela Espanca”. In *Estudos Portugueses e Africanos*. Vol. 30, 1997, disponível em <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/5418/6125>>, acesso em 02 set. 2019.

FLORBELA, Espanca. *Diário/ O dominó preto*. Organização e fixação crítica de textos de Fabio Mario da Silva. Estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva e Isa Severino. Lisboa/ Viseu: Edições Esgotadas, 2019.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

SILVA, Fabio Mario da. “O dominó preto: as múltiplas faces do feminino”. In ESPANCA, Florbela. *O Dominó Preto*. São Paulo: Martin Claret, 2010, p. 07-12.

SILVA, Fabio Mario da. “A construção de uma autoridade poética através das sensações e expressões da Dor no *Livro de Mágoas*”. In ESPANCA, Florbela, *Livro de Mágoas*, organização, notas e fixação crítica de textos de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Estampa, 2012, p. 17-28.

ANÁLISE INTERPRETATIVA E CRÍTICA

Política Pública desigualdade de gênero no mercado de trabalho

Jaciara Santos Souza Dias¹

Resumo

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho, coloca em pauta diversos pensamentos e estruturas sociais, no que diz respeito ao papel social da mulher. E nesse cenário complexo, a gestão pública através de seus atores sociais, têm intensificado políticas de ações afirmativas, que minimizem a desigualdade, desmitificando inclusive, o caráter frágil e submisso da mulher hodierna. Muito se tem feito para quebrar esse paradigma ancestral e estrutural, porém é preciso apreender as principais causas que persistem na desigualdade entre o sexo masculino e feminino. A inserção em massa da mulher no mercado de trabalho, vem representando um avanço positivo, dando-lhes uma autonomia mais expressiva. A construção social de gênero está fundamentada nos diversos papéis que ambos podem exercer, assim como gozar dos mesmos direitos e oportunidades. Neste sentido, foram criadas diversas ações regulatórias e compensatórias para a promoção da igualdade de gêneros no mercado de trabalho.

Palavras Chaves: desigualdade, gênero, mulher e mercado de trabalho.

INTRODUÇÃO

Face ao cenário social complexo e multifacetado, o Estado cada vez mais vem pluralizando o seu papel, passando de agente regulador com intervenção mínima nas relações econômicas, para agente de transformação e desenvolvimento das classes de riscos sociais. Este pensamento tem como premissa o novo constitucionalismo, com abrangência nas dimensões sociais e econômicas (BERCOVICI, 2004).

Neste novo contexto, delinea ações, metas e diretrizes para minimizar e erradicar os problemas identificados por um grupo de pessoas, na tentativa de criar um ambiente social integrado. A partir de canais de participação da sociedade, torna possível em conjunto com os agentes sociais, um planejamento estratégico com foco nas prioridades fixadas.

Neste sentido, surgem as políticas públicas como ações e decisões tomadas pelo governo, com finalidade de garantir o bem-estar da sociedade. Sempre que houver demanda social, o governo através do grau de prioridade, adotará a decisão mais exequível e conveniente para atender o interesse público de um grupo, mesmo em detrimento de outros. Afinal de contas, o bem-estar- social é definido sempre pelo gover-

1 Jaciara Santos Souza Dias, Contadora, Administradora e Pós-Graduada em Gestão Pública Municipal pela Universidade do Estado da Bahia. Curso de extensão em Direitos Humanos e Gestão Escolar.

no, embora seja fundamental a ação de grupos de pressão na concepção e deflagração dessas ações.

Cada vez mais é recorrente a demanda social de um determinado grupo, que busca apoio em outros grupos, que formam um eixo temático de interesses afins. Neste viés, o presente artigo busca demonstrar a desigualdade de gênero existente no mercado de trabalho, bem como identificar normas positivadas vocacionadas ao seu amparo.

CONTEXTO HISTÓRICO

Em análise à historicidade do desenvolvimento da mulher nas sociedades, destaca-se, desde os primórdios que a figura feminina representava um ser submisso com finalidade exclusiva de procriação, isto pela ótica da cultura do homem dominante.

Essa cultura, ainda permeia no seio da sociedade brasileira em pleno século XXI. A igualdade da construção social de gênero está fundamentada nos diversos papéis que ambos podem exercer, assim como gozar dos mesmos direitos e oportunidades. Sob a luz da Constituição Federal, o homem e a mulher são iguais em direitos e obrigações, então por que essa diferença na construção social de gênero?

Nesse sentido, diversos movimentos feministas têm, há algumas décadas, possibilitado a inserção da problemática de desigualdade de gênero, na agenda política. Como consequência, tem-se notabilizado que há busca perene e incessante para que este segmento social usufrua de todos os direitos previstos em lei.

De acordo com a nova formatação da família, muitas mulheres ampliaram seu papel perante a sociedade, assumindo além da figura materna e educadora, o papel de provedora do sustento familiar, rompendo nesse diapasão a estrutura da família tradicional. Há uma crescente sobrecarga de papéis desempenhados pela mulher, que também assumiu o papel de pai. Nesse sentido, não se pode ignorar uma atenção redobrada para quebrar a desigualdade de gênero.

Essa negação da realidade, até o momento, tem permitido a contratação em maior número de mulheres, por se tratar de mão-de-obra mais barata. A renda da mulher não é considerada como principal, mas complemento da renda familiar. Ademais, algumas empresas têm a concepção de que a mulher é mais comprometida com as atividades laborais, pela flexibilidade de administrar o tempo.

É preciso superar a visão ainda prevalecente de que o gênero feminino, na condição imposta de “inferior”, não possa receber a mesma atenção das políticas públicas. A bíblia no livro de Gênesis, nos revela que a primeira mulher foi criada nos moldes da sociedade patriarcal, a partir de uma fração da costela do homem, como um ser submisso e voltado às atividades domésticas.

Adão e Eva pela ótica social, representam o primeiro impasse para a geração de conflitos de gêneros. Neste contexto, Emile Durkheim (2004) defendia a naturalização da desigualdade de gênero, baseada na divisão do trabalho e na categorização da posição do homem, sobrepujando a figura feminina.

A MULHER E O MERCADO DE TRABALHO

Essa teoria em alguns setores do mercado, onde a presença da mulher já é maioria, caiu por terra, como na área da saúde. Segundo dados do Dieese, entre os anos de 2006 e 2012, o efetivo de mulheres tra-

balhadoras, chegou ao percentual de 47% no setor de saúde privada. Porém, mesmo representando mais de três terços de toda a mão-de-obra, o salário é menor que o do sexo masculino.

Para a cientista social Claudia Mazzei, os ramos de atividade como a saúde, educação e serviços sociais, as contratações por mulheres se justificam em seu nível de atenção, habilidades específicas e alto grau de empenho com certos tipos de trabalhos, mesmo reconhecendo que as mulheres no Brasil, têm mais anos de estudo que os homens, ainda recebem salários mais inferiores e encontram dificuldades para a ascensão de carreira.

ACÇÕES AFIRMATIVAS

No que concerne a minimização da desigualdade de gêneros no âmbito do trabalho, algumas ações foram tomadas. Hodiernamente, existe uma gama de cursos voltados às mulheres em áreas de cunho masculino, sobretudo na construção civil e tecnologia da informação. Esta estrutura de curso é ofertada também pelo governo federal, através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Prona-tec).

Outra medida adotada, foi a elaboração de políticas de igualdade no local do trabalho, por meio do acompanhamento da agenda do trabalho decente, parceria do Ministério do Trabalho e Emprego e do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça, criado em 2005, buscando sensibilizar as empresas públicas e privadas nas práticas de valorização do trabalho feminino, com intuito de eliminar discriminação no acesso, ascensão, remuneração e estabilidade no trabalho. O programa ainda, oferta o serviço disque 100 para denúncia de casos de assédio sexual e outras violências.

Neste contexto, as empresas parceiras e voluntariadas voltadas à redefinição de gestão humana e desenvolvimento da cultura organizacional, se comprometem a executar o plano de ação ajustado com o Programa, apresentando os resultados qualitativos, não inferior a 70% das ações executadas, com vistas a obtenção do selo Pró-equidade de Gênero e Raça.

Este selo, acaba dando visibilidade e promoção para a empresa participante, mostrando a responsabilidade e o comprometimento com as questões de eliminação de qualquer discriminação para com as mulheres. As empresas que almejam participar não podem ter denúncias discriminatórias, trabalho escravo e devem estar em dia com as obrigações trabalhistas.

Uma ação que merece destaque no avanço das relações de trabalho feminino, é a ampliação da licença-maternidade que passou de quatro meses, para seis meses. Este aumento do benefício, regulamentado pela Lei 11.770 de 2008, é facultativo e conta com a sensibilidade das empresas. Isto porque a referida lei, só contempla benefícios fiscais às empresas com regime tributário optantes pelo lucro real, que abaterão dos impostos devidos, os sessenta dias extensivos, ficando a critério das demais empresas, aderirem ou não.

A mais nova ação em favor das mulheres, está em tramitação no Plenário para apreciação, o Projeto de Lei nº 6653/2009, de autoria da Deputada Estadual, Alice Portugal. O Projeto menciona mecanismos para garantir a igualdade entre mulheres e homens, para coibir práticas discriminatórias nas relações de trabalho urbano e rural. Mas como sempre, encontrou entraves e falta de aliança política para a aprovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, tem-se aos poucos criado uma atmosfera de igualdade, criando oportunidades e direitos para os gêneros. Para isto, foi necessário movimento feministas de enfrentamento dos direitos assegurados na Constituição federal, frente a uma cultura machista e patriarcal.

Cada vez mais, esses movimentos têm ganhado espaço e relevância na sociedade, através da mudança de pensamento e engajamento de empresas, nos programas voltados para a política de gênero no mercado de trabalho. Aliado a sociedade, na arena política, os atores sociais também se sensibilizaram, colocando a questão na pauta da agenda política.

Essa massificação da mulher no mercado de trabalho, têm demonstrado e quebrado paradigmas, principalmente nas atividades que antes eram exclusivamente, para o sexo masculino. Mudar uma cultura ancestral, não é fácil.

Mas aos poucos, o trabalho de conscientização, mudança comportamental, criação de programas inclusivo e extensivo, fiscalização social e equiparação da construção social de gênero, vão propiciando a igualdade de gênero e a autonomia feminina, frente às questões culturais de desigualdade.

REFERÊNCIAS

BERCOVICI, Gilberto. **Constituição e Política: uma relação difícil**. Lua Nova: Revista, Cultura e Política, nº 61, 2004.

DURKHEIM, Émile {1977 (1893)}, *A divisão social do trabalho*, Lisboa: Presença.

BRASIL, Secretaria de Políticas para Mulheres – **Mulher e Trabalho**. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/mulher-e-trabalho>, acesso 30 de outubro de 2015. _

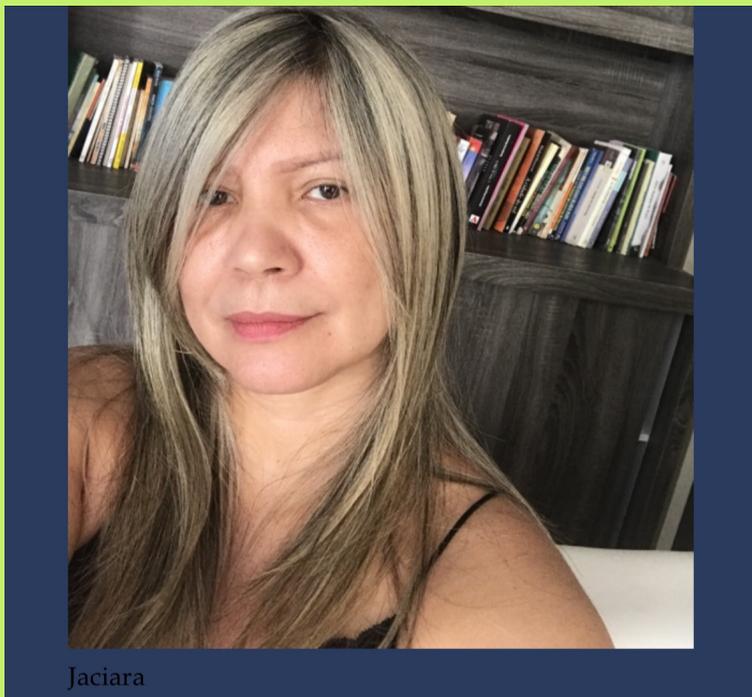
BRASIL, Câmara dos Deputados – **PL 6653/2009**. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=727123&filename=PL+6653/2009, acesso em 30 de outubro de 2015.

BRASIL, DIEESE. **A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**./ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. -- São Paulo: 2012.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Disponível em: http://www.galizacig.gal/actualidade/200306/cmn_a_feminizacao_no

[mundo_do_trabalho.htm](#), acesso em 30 de outubro de 2015.

Rua, Maria das Graças. **Políticas públicas / Maria das Graças Rua.** – Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2009.



Jaciara

Bibliografia

Jaciara Santos Souza Dias

Tem obras literárias publicadas na coletânea, *Novos Poetas*, da editora Vivara, 2016; *Elas em poesia*, da editora Heliópolis, 2017; *Almas em prosa e versos*, da editora Diário da Poesia, 2019; e *Diálogos*, editora Gaya, 2019. Compartilhou um livro de crônicas com o grupo BVIW, do Recanto das Letras, *Textos Curtos Para Mentes Grandiosas*, da editora Pimenta Malagueta, 2019. É membro efetivo da Academia Internacional de Letras – ALPAS 21, cadeira 129. Na esfera acadêmica, é bacharel em Ciências Contábeis, Administração, Pós-graduada em Gestão Pública e Direitos Humanos, Mestranda em Estudos Étnicos Africano.



Foto: ©Marise Castro

Nossos Colunistas



DESDE BUENOS AIRES

ARACELI OTAMENDI

Artistas callejeros

Un viaje en colectivo por la ciudad de Buenos Aires, un viaje rutinario no lo fue. Un día de sol, primaveral subo al colectivo, como siempre pago el pasaje y tengo suerte, al fondo hay un asiento libre. A los pocos minutos de andar, suben dos hombres vestidos de payasos. Las caras pintadas, la ropa con remiendos de colores, podrían haber trabajado en el circo. En esos circos que casi no se ven ahora y que deben andar por algún lugar en alguna provincia. Tienen algo lindo los circos y también triste, algo de desarraigo: payasos, clowns, ecuyeres, magos, prestidigitadores, equilibristas, un mundo que tal vez, seguramente, ya fue ...

Todo eso viene a la memoria en este día de sol mientras estos payasos cuentan chistes y tocan la guitarra, rasguñan un poco las cuerdas y disparan con los chistes uno tras otro, hacen participar a los pasajeros del colectivo quienes a regañadientes, a veces, levantan la mano cuando uno de ellos dice: levante la mano al que no le gusten los chistes. El tiempo que tardan en contar esos chistes que a veces logran arrancar alguna sonrisa a alguien atento dura nada más unas cuerdas. El colectivo va sorteando autos, taxis y otros colectivos en el tránsito alocado de Buenos Aires y sigue su recorrido. Los payasos recolectan algunas monedas de los pasajeros en una gorra y se bajan, siguen seguramente su trabajo en otros colectivos.

Mi viaje continúa, los chistes y los payasos duermen en algún rincón de la memoria hasta escribir esto. Por la tarde, a la vuelta, me encuentro también con dos artistas callejeros en una esquina de la ciudad, del barrio de Palermo. Son un hombre y una mujer, jóvenes los dos, ella de pelo largo toca la guitarra y canta. El también canta. La canción es para no olvidar y se llama **Tonada del viejo amor (1)**. Es una canción que habla del amor y de no olvidar, habla de la arena y de escribir en ella, del viento que lo fue borrando y de alguien que está solo mirando el mar. Es una canción hermosísima que cantan por ejemplo Juan Falú y Mercedes Sosa. Cantada por las voces de estos dos artistas en una esquina la canción también suena bella. La mujer se esfuerza por cantar y tiene una voz bastante melodiosa, el hombre la acompaña en alguna estrofa. Lo más lindo, tal vez, de esta canción es cuando dice: *“no tengo miedo al invierno con tu recuerdo lleno de sol...”*

Ellos también recolectan algunas monedas en un sombrero que está en el piso.

Durante algunos minutos estos artistas callejeros – los payasos del colectivo – y la pareja que canta me han hecho olvidar de mis preocupaciones, de mis temas cotidianos, de lo que iba a hacer diez minutos más tarde y de lo que había hecho durante la mañana.

Para los artistas callejeros, va aquí mi agradecimiento y recuerdo.

(^o) Tonada del viejo amor: canción de Eduardo Falú (música) y Jaime Dávalos (letra)

© **Araceli Otamendi**



SORRISO À POESIA

DANIEL BEZERRA

Amor Infinito

Deus não nos prometeu que o céu
Será eternamente sempre azulado
Nem ruas floridas pelos caminhos
Deus não prometeu sol sem chuva

Deus não prometeu vida sem luta
Batalha sem derrota e nem vitória
Nem mesmo alegria sem tristeza
Como também a paz sem ter dor

Deus prometeu força pro trabalho
Luz pra todo os nossos caminhos
Ajuda pra as nossas dificuldades
Um amor infinito pra quem tem fé

O PODER DA ARTE

Dhiego J. Caetano



Laura Cardoso - A dama do Brasil

O tempo em conversação com a arte.

Provocação das emoções.

Uma valsa constante, mutável, indomável, poética.

Quantas vozes, falas, gritos a ressoar da alma.

Espírito sensível que brada poesias.

Reluz esperança do olhar que transcende o passado, residindo no agora.

Na tela, a figura marcante de uma arte pulsante e ambulante.

Um ser transcultural.

Longeva Lady Laura.

A dama do Brasil.

Revolucionária atriz.

O feminino que inspira e transforma.

Plena, vertical, literal, cultural...

ASTROLABIO



Márcia Batista Ramos

El cementerio de porcelana de Limoges

“Los ausentes soplan y la noche es densa. La noche tiene el color de los párpados del muerto.” Alejandra Pizarnik

En esos días de septiembre, caminar por el “Cimetière de Louyat”, el famoso cementerio de porcelana de Limoges y ver un área tan grande dedicada a los restos mortales, cuando dicen que los monumentos erguidos en el campo santo son en un homenaje a la memoria del muerto, me causa cierta confusión por la bola de sentimientos encontrados. Prefiero que me den las flores en vida. Asimismo, prefiero regalar una palabra bonita cuando me puedan escuchar o leer. Así, en la tumba, los siento huecos, distantes, ausentes...

Camino entre las tumbas del famoso cementerio de porcelana, ya que el turismo de cementerios es parte del producto cultural, y el modo en que entierran a sus muertos, refleja un aspecto importante de una sociedad. Algunos de los ausentes se hacen presentes en las fotografías impresas en porcelana. Camino mirando los retratos en sepia que intentan inmortalizar

a los que murieron injustamente, como *Camille Vardelle* (1883-1905), trabajador de la fábrica de porcelana asesinado durante la huelga de trabajadores en Limoges en 1905. Cuentan que él miraba la manifestación cuando una bala perdida le arrebató la vida en sus escasos 19 años. Le asesinaron y erigieron una estela en su memoria en el Jardín de Orsay, en Limoges. Una calle de Panazol lleva su nombre... Siempre me repugna el cinismo de robar la vida y después, erigir monumentos.

Miro a la derecha y a la izquierda, veo las flores de porcelana que decoran las tumbas que ya no son visitadas por los familiares que, tal vez, ya descansan en paz y deben tener una tumba también, en la parte más nueva del panteón.

Las placas de porcelana dan cuenta de los muertos allí sepultados: Louis Guibert (1840-1904), historiador; Raoul Hausmann (1886-1971), artista dadaísta; David Haviland y su familia, fabricantes de porcelana; Leon Jouhaud (1874-1950), esmaltador; Emile Labussiere (1853-1924), albañil; Joseph Lugnot (1780-1836), militar; Jean-Louis Paguenaud (1876-1952), pintor; Charles Planckaert (1862-1933), arquitecto; Henri coutheillas (1862-1927), escultor; Mario David (1927-1996), actor; entre tantos otros con diferentes oficios y profesiones. Lo cierto es que murieron de diferentes formas, algunos por enfermedad, otros por vejez y otros de tantas otras formas despavoridas, porque todos mueren. La muerte es certera y de ella nadie huye.

El silencio en un espacio tan grande, lleno tumbas en la ciudad de los muertos es contrario al bullicio constante en la ciudad de los vivos. Tal vez, para recordar al visitante que todo en su existencia es vano y acabará, un día, igual para todos. Los nombres y rostros impresos en porcelana, son tan anónimos como la cruz que yace sin nombre.

No me gusta el paseo por el famoso cementerio de porcelana de Limoges y quiero regresar a casa, a Bolivia.

CASINHA DE SAPÊ



Rosa Regis

BRANCA DE NEVE (em quadras)

Há muitos anos viveu
Num reinado uma menina
Que a mãezinha perdeu
Ainda mui pequenina.

Seu pai casou novamente
Com uma bruxa malvada
Que o matou e, à inocente,
Trazia escravizada.

E um dia percebendo
Ser a jovem muito bela,
Fica logo remoendo
Como desfazer-se dela.E

A bruxa, maldade só,
Sua morte encomendou
A um caçador que, com dó,
O crime não praticou.

Poupou-lhe a vida. E, chorando,
Mato a dentro, ela correu.
Uma casinha encontrando,
Nela entrou e adormeceu.

A casa dos sete anões
Que trabalhavam na mina
E que à noite, cansadões,
Dão de cara com a menina.

Soneca, abrindo a boca,
Não consegue entender.
Atchim, que está de touca,
Espirra... E sai a correr.

Zangado fica irritado
Com sua cama ocupada.
Mas Feliz, por outro lado,
Achou a cena engraçada.

Dengoso vai se escorando
Na menina, com carinho.
Porém Dunga, ciumando,
Belisca o outro anãozinho.

Mestre, que é a quem cabe
O comando, a atenção
De todos, chama. Pois sabe:
Tem nas mãos um problemão.

Vai ficando a princesinha
Ali, mas, uma manhã,
Uma fingida velhinha
Lhe oferece uma maçã.

É a bruxa. E ao comer,
A princesa em profundo
Sono cai. Deixa de ser
Sua rival neste mundo.

Pelos anões, comovidos,
É guardada em um caixão
De vidro. E transcorridos
Anos, a ressurreição:

Um príncipe que se perdera
Em meio ao mato a caçar,
Quando o caixão percebera
Ali parara pra olhar.

E pousando o seu olhar
Naquela linda princesa,
Ele logo a quis beijar.
E qual não foi a surpresa!

Ela acordou! E, então,
O príncipe, apaixonado,
Lhe ofertou seu coração
E a levou pro seu reinado.

RELÓGIO DE PAREDE



Rosângela Trajano

Confie em si mesmo

Não espere que os outros te deem a motivação necessária para agir. Ou seja, encontre forças em si para confiar nos seus movimentos e levar sua vida para onde você deseja. Assim, é muito mais fácil conseguir alcançar seus objetivos quando sua mente já está direcionada em busca do seu sucesso.

Acredite em si mesmo. Tenha autoconfiança, autoestima e seja perseverante nos seus objetivos e ideais. Confie que tudo vai dar certo e que logo alcançará os resultados esperados. Se você não confiar em si mesmo ninguém mais poderá fazer isso. Devemos ser fortes e corajosos para ir em busca dos nossos planos. Todos os dias devemos traçar ideais para que possamos ter vontade de lutarmos e resultados positivos.

A confiança em si mesmo se faz necessária para que você possa alcançar os seus objetivos de uma forma plena e com uma vivência menos dolorosa. Quando acreditamos em nós nada nos impede de querermos e desejarmos

superar as dificuldades que surgem no dia a dia, as intempéries e os problemas. Também não deixamos as palavras de baixo autoestima que vêm do mundo exterior nos atingir.

Somos pessoas grandiosas e dotadas de forças internas capazes de conquistar tudo o que quisermos para isso basta usarmos as ferramentas necessárias. Nem tudo conseguimos de maneira fácil. Aliás, as coisas que são conquistadas muito facilmente tendemos nem dá tanta importância para elas. É preciso que lutemos, tracemos caminhos, busquemos maneiras de nos superar todos os dias. A confiança em si mesmo exige que antes de tudo você se conheça bastante e se ame.

Quando confiamos em nós as coisas acontecem de forma mais rápida, atraímos energia positiva, ganhamos mais batalhas e os caminhos têm menos pedras porque essa confiança nos deixa mais cheios de vontade de vencermos e não conseguimos visualizar a inveja e o egoísmo de algumas pessoas ao nosso redor. Aqueles que acham que não conquistaremos os nossos ideais passam despercebidos e as pedras no nosso caminho não farão mais calos nos nossos pés. Tudo se torna força e coragem.

Antes de ouvir a opinião alheia, se olhe diante do espelho, diga para si mesmo que você é capaz de ser ou ter tudo o que quiser, basta confiar em você e ir em busca do que deseja com todas as suas forças e sabedoria de que é preciso saber abrir caminhos para os nossos sonhos e objetivos.



Foto: ©Marise Castro

Chapada Diamantina - Bahia

Cartas

À moda antiga (35)

Remetente: Mdc santos

Destinatária: Morena Linda

Esta noite que passou vi descer luzes coloridas do firmamento. Uma paz infinita invadiu minha alma. Sorri. Por um momento, sem precisar tempo exato, fechando meus olhos, senti suas mãos acariciando meu rosto. Me parecia q meu corpo flutuava mediante a leveza fluídica que me envolvia. Sabe, Morena, posso afirmar a veracidade do sentir pelo estado emocional que me encontrei após o ocorrido. Seu perfume estava no ar, na minha pele e impregnado por todo o ambiente. Adentrei para o quarto e calmamente deitei sob os lençóis macios e, nesta hora, foi ainda mais intenso o sentir. Olhei o celular não havia mensagem sua, mas havia uma certeza, você ao certo também estava emocionalmente ligada em mim. Adormeci e despertei na manhã seguinte com o aroma por ti deixado. Guardo cada segundo dos sentires como uma relíquia, bálsamo para os dias vindouros. Te sou grato por todo sentimento e por o momento unicamente teu e meu. Sigo pensando no tanto quanto és perfeita naquilo que fazes. A mais «deixo acontecer naturalmente».

Por veredas caminhei

Você veio me socorrer,

Deixando leve minha alma

Fazendo sonho renascer!

Seja minha esperança,

Vibrando em sintonia,

Palavra de carinho

Que meu coração acaricia!

Observação:

Quando a noite chegar contemple as estrelas e, aqui também, estarei fazendo o mesmo. Lembre de mim que de ti não esqueço!

Meu endereço:

Rua da Alegria

Bairro: Amor e Harmonia

Cidade: Meu Coração

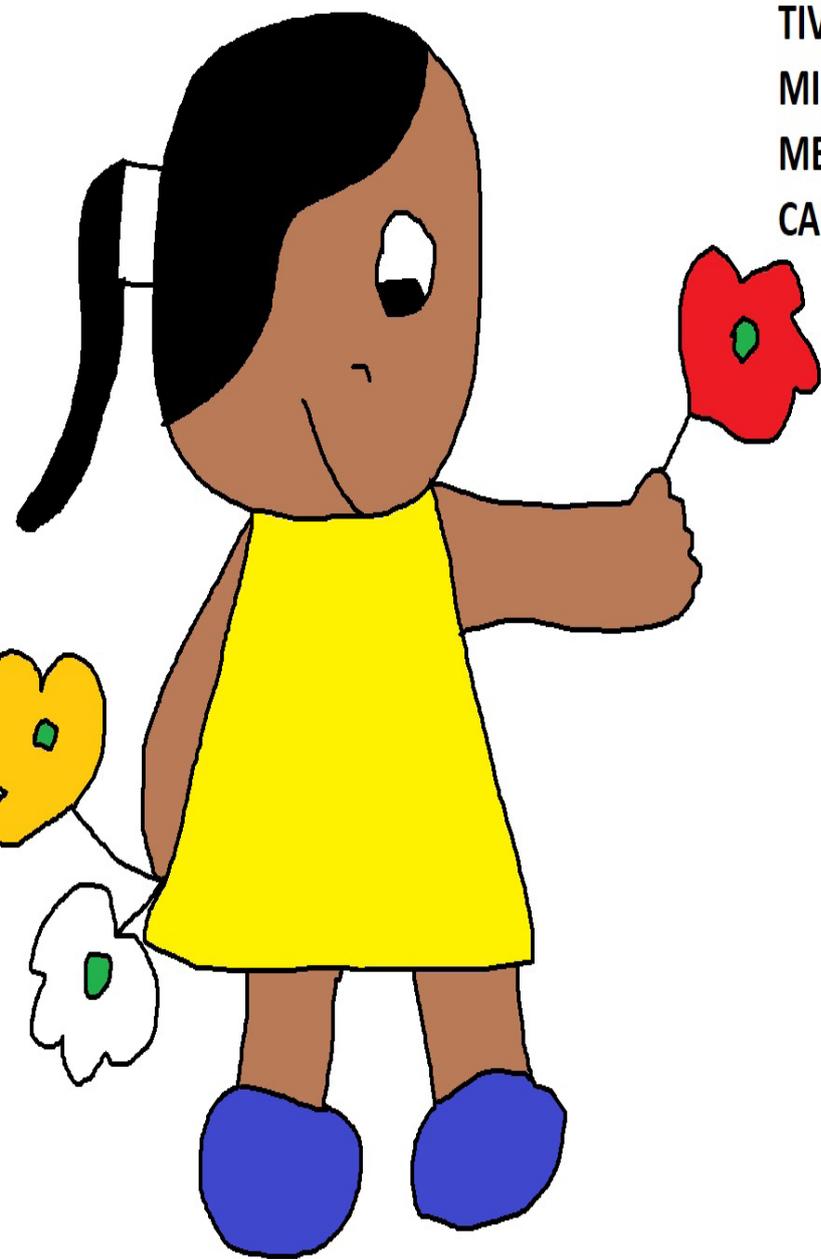
Mdc santos



Foto: ©Marise Castro

Cartuns

MAMÃE, A PRIMA-VERA
MANDOU UM PRESENTE PRA
SENHORA! VEJA SÓ!



NOSSA! PENSEI QUE ELA
TIVESSE ESQUECIDO DE
MIM! NUNCA MAIS
ME MANDOU
CARTINHAS!



Danda



(Córrego do Barro Branco - Lençóis - Bahia)

Foto: ©Marise Castro

Contos

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Ex-Diretor Regente da AMOS – Academia Musical Orquestra Show da PMMG; Bacharel em Direito; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Correspondente da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do título de Honra ao Mérito, concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG, pelo relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos!



Sonhos de Uma Noite de Verão

Introito:

A noite estava quente. O ar parado, sem que uma só brisa soprasse. O calor anunciava: essa é uma típica noite de um verão abrasador. Mais quente, contudo, estavam elas, “tipo assim”, passeando pelos becos, vielas, ruas, por sobre muros e telhados. Buscavam – ávidas, diga-se – a companhia de fogosos gatões. Sim, era isso que buscavam: Gatos! Gatos para saciarem o gritante e fogoso cio aflorado.

O mormaço da noite arrefecia o calor que a natureza fazia efervescer no âmago daquelas lindas gatinhas angorás. Peludas, cheirosas, conseguiram – com certa dificuldade, convenhamos dizer – driblar a rigorosa vigilância da zelosa dona, para, juntas, caírem na farra, na gandaia, partir para a balada!

A oportunidade singular surgira juntamente com o cio gritante no ego. É hoje ou nunca – lembrou-se Roxana de ter dito à sua amiga Teteia:

-Se vamos ter que “partir para a luta”, querida, terá que ser nessa noite. Oportunidade como essa (Ah, minha amiga!...) nunca mais! É agora ou nunca.

-Concordo! Aquiesceu a amiga, dando a Roxana razões para prosseguir com o voluptuoso e lascivo plano. No ato da concupiscência – e já antevendo os tão sonhados resultados – se lamberam e deram lânguidos miados. Lembraram que a tão zelosa dona havia esquecido aberta, uma das, sempre fechadas, janelas, facilitando, sobremaneira, a fuga. Deram miados e eróticos risinhos. É hoje, bela!... É hoje ou nunca mais. Rindo – como se houvessem ensaiado – disseram em uníssono: - Vamos nessa que vai ser bom à beça!

-Tá bom, tá bom!... (Mais risinhos!) Agora, vamos à caça dos nossos gatos, porque já não

suporte mais tanto fogo, tanta ansiedade. Deram lânguidos miados; lamberam as patinhas e, passando-as pela cara, imitaram o ritual feminino de retocar suas maquiagens. Então – e sentindo o quão bonitas estavam – partiram para as conquistas.

Gatas na quebrada:

Andaram por um bom tempo e quando já estavam desistindo da busca, Roxana exclama:

-Uau! Uau!... Miau, miau, miau, miau!... Olha só, Teteia! Lá estão dois gatões solitários, dando sopa. Vamos nessa?...

-Claro amiga!... Vamos lá!... E lá foram elas.

Mas – e como “à noite todos os gatos são pardos” – somente depois da aproximação é que puderam ver a gritante diferença existente entre eles, os pretendentes. Um era exatamente o oposto do outro – a antítese! Pierre – era esse o nome do mais charmoso – era um Gato no mais amplo sentido da palavra. De pelos bem cuidados – cheirosos, brilhantes e penteados – trazia, adornando-lhe o pescoço, uma linda coleirinha da qual pendia uma placa onde se lia, além do nome, o seu “pedigree”. Possuía um miado aveludado, suave, empostado de vários erres a identificar a sua origem francesa. Tonhão – nome do outro gato – era um tremendo vira-latas. Vadio, liberto – brigão e valente –, se postava como sendo o dono da área. Ali, ele era “O Rei do Pedaçó”. Nascera no lixão do bairro, e – ainda muito cedo – aprendera a dureza que é a luta pela sobrevivência. Com a vida aprendera que, para viver o amanhã, deveria peitar o hoje. Teria que, com a barriga, empurrar o mundo numa constante luta sem trégua, sem quartel, sem descanso – agora e sempre!

As Gatinhas, ao perceberem a tamanha diferença entre os pretendentes, resolveram confabular entre si. Precisavam decidir o: ‘quem ficará com quem?’

-Olha – dissera Roxana – aquele Gatão charmoso, cheiroso e gostoso, será para mim. E rindo, emendou: – Mesmo porque, fora eu quem os viu primeiro – concorda? Portanto, nada mais justo que eu fique com o melhor, o mais cheiroso e gostosão do pedaço.

-Está bem – concordou Teteia. Afinal, estamos no mesmo barco e a perigo, não é? E nessas situações, qualquer coisa serve. Vamos lá!... Vamos enfrentar as “feras” e seja lá o que Deus quiser!

Divisão feita, elas partiram para as conquistas. Rabões felpudos, empinados, os mais eloquentes ronronados, sensuais e roucos miados, assim, elas, deles se aproximaram. Roxana, colocando a patinha direita à altura da orelha, sacode a cabecinha e os cumprimenta:

- Olá, rapazes!... Linda noite, não?... – sorridente dissera!

- É!... Legal, pacas! Respondeu – com voz grave e rouca – Tonhão, para, em seguida, botar para fora todo o seu quixotismo verborrágico ao avançar dizendo:

- E aí? O que fazem estas lindas, charmosas e gostosas gatinhas nestas ruas escuras e, ainda por cima, sós... desacompanhadas? – quis saber!

- Sabe?... É que... bem... está um calorão danado, né? Daí nós saímos para dar um rolê, um giro – dar umas voltinhas para conhecer a área, sacou? – dissera a Teteia para, em seguida, se

apresentar:

-Eu sou a Teteia e esta é minha amiga Roxana! – dissera a charmosa Teteia!

- Hum, hum! Prazerão, gatinhas! Olha mina, eu sou o Tonhão. Esse aqui é o Pierre (- Prazer! Disseram em uníssono as apressadas gatinhas!), o meu maior amigo. Peça fina – sacou? – dissera o loquaz Tonhão!

Feitas as apresentações, Tonhão dispara a sua mais nova cantada:

- Legalíssimo, Gatinhas!... E aí, “tás afins” de passear comigo? Conheço um telhado joia e de onde a gente pode sacar um luar “manero pacas”. Topas “dar um giro, um rolê por lá... topas?” – ataca o romanesco Tonhão!

- Topo! Assentiu a Teteia, encostando-se, toda lânguida ao seu fedido Gatão Tonhão, deixando a amiga Roxana a se entender com o afrancesado Pierre. E lá foram eles a ronronarem juras de amor eterno, por sobre os muros e telhados.

A quente noite de amor:

Algum tempo depois, uma janela se abre e nela se assoma a irritada figura de uma irritadíssima mulher:

- Gatos malditos, filhos da (%#ç@)!... Parem com essa zoeira danada, essa gritaria dos infernos! Quanto escândalo, pô! Ato contínuo atira, em direção do forte alarido, um pé de chinelo. De pouco adiantou. A festa do Tonhão e da Teteia estava no auge. Eram miados e rugidos que mais se pareciam com gritos humanos a gozarem os prazeres da carne em lascívia. Teteia estava chegando – mais uma vez dentre as inúmeras – ao Nirvana, ao Paraíso de Eros!

Numa outra casa, um velhote – nervoso e irritado – revirou-se na cama soltando suas imprecações:

-Gatos desgraçados!... Toda vez é a mesma coisa. É só entrarem no cio para começarem com essa barulheira infernal, a todos perturbando. Mas, e contrastando com a opinião do velhote, a esposa carente entra em defesa dos Gatos:

-Pelo menos, eles estão fazendo amor, não é? – dissera! Aliás, amor é coisa que, de há muito, não se faz nessa casa. E dando vazão ao seu repúdio – e em defesa dos Gatos – abriu a janela e, aos berros, vociferou:

-Vamos nessa, gatinhos! Beleza pura! Manda brasa “gataiada”! Manda ver! Gozem à vontade, danadinhos! – dissera, enquanto aplaudia a farra Tonhão/Teteia!

O velhote, fazendo ouvido de mercador, virou-se de lado, dormiu ou fingiu que dormia.

Epílogo:

Amanhece o dia! O sol começa a desvirginar a escuridão empurrando-a para o outro lado do

mundo. Por trás das cacundas das montanhas já se denota um forte colorido mesclado pelo tom vermelho-alaranjado, anunciando o alvorecer de um novo dia.

E os primeiros raios do sol vão encontrar a Teteia totalmente abestada, língua para fora, olhar rútilo e boca trêmula. O seu andar é trôpego, vacilante. As pernas semiabertas, mal conseguiam sustentar o arrasado e despenteado corpo. A cara de sono demonstrava que não dormira durante a noite inteira. O cansaço, contudo, não conseguia esconder a enorme cara de incontida felicidade nunca dantes experimentada, como a daquela noite de amor ao lado do fedorento Gatão Tonhão. Sua face felina era – tão somente, diga-se – uma máscara de felicidade, de um amor nunca vivido, de prazeres nunca dantes sentidos, de gozos nunca dantes desfrutados. Estava rouquíssima de tanto miar, urrar e rosar ante as folias do deus Eros, durante as inúmeras vezes em que chegara ao Nirvana.

Encontrando-se com a amiga Roxana, comenta:

-Minha amiga, não te conto nada (Mas, e entre desavergonhados risinhos, contou!): Aquele Gato é um louco varrido. Eu estou (Ufa!) “morrrtisssíííssssiiimaaa”! Fizemos amor (Hum!... Ai, ai!) a noite inteirinha! Teve um momento, amiga (E a Roxana a tudo – impávida e com cara de poucos amigos – escutava!) que um pé de chinelo passou voando – zunindo perto das nossas cabeças – indo explodir numas telhas ao nosso lado. Nós nem ligamos, sabe? (E a Roxana – com raiva, calada e tensa – a tudo ouvindo!) A mulher, dona do chinelo, estava possessa. Olha minha amiga, vou te contar: se depender do número de vezes (Com a patinha direita tenta tampar a boca, para esconder uns risinhos sem vergonha.) que fizemos amor, dentro de mim deve ter – no mínimo – uns trinta gatinhos. Ufa!... Estou ‘mortadaça!’

E você? Como foi a sua noite de amor com o... Pierre? Tudo bem? Ele é, também, um, digamos – tipo assim – bem gostosão e doidão varrido igual ao meu fedido Tonhão? – quis saber a trêfega Teteia!

-Ah, minha amiga!... Nem te conto. Eu, também, não dormi nem um segundo nesta noite finda. O Pierre passou a noite inteirinha contando a triste história da sua vida, que começara no dia em que ele fora castrado!

O sorriso de Maria

(C o n t o / R o m a n c e)

Maria é uma menina, muito linda. Porém, muito séria; como dizia um amigo meu, “Mais séria que cachorro em proa de canoa”. Ela mora a poucos quilômetros distante da minha casa e até onde eu sei, nunca olhou pra mim; até nesse dia que passo a contar agora.

Pois bem, era um domingo daqueles de tirar o fôlego, nuvens correndo em céu de brigadeiro, um vento fresco cortando as palhas dos coqueiros; a grama do quintal verdinhas, todas bem aparadas e as flores ávidas se mostrando pra vida e encantando meus olhos; pra onde eu olhava estava lindo, e já se passavam das dez horas. Então eu disse pra mim mesmo: - É, hoje não... chega de cozinhar todos os dias. Vou comer fora, ainda que sozinho.

Pensei mais: - quer saber, vou me vestir bem bacana... e sem querer pensei na Maria. Mas me recriminei: - Ei, por que eu pensei nessa menina, será que é por que ela nunca sorri, nunca sequer olha pra mim e continuei pensando: - ainda bem que é assim, se ela me desse bola estaria como as tantas outras, não tenho pretensões alguma com ninguém. - Assim, olhei no armário e vi uma roupa nova que nunca usei e caia muito bem pra aquele momento. Me arrumei, passei perfume, fiquei lindão... rrsr... peguei a Pic Up e sai no ramal, a estrada toda sequinha, uma maravilha. Segui bem contente rumo a cidadezinha mais próxima, distante uns vinte quilômetros.

Já próximo de passar por frente da casa dela, vi muitas pessoas conversando, mas não a vi, pensei: - deve estar lá pra dentro. Diminui a velocidade do carro e passei bem devagarinho, buzinei... acenei, alguns retribuíram e realmente a menina não estava por ali. Fiquei meio decepcionado mesmo sem saber o por quê, se ela estivesse ali, com certeza agiria da mesma maneira de sempre. Um pouco mais a frente vi o carinha que fez um trabalho pra mim na minha casa, é um dos irmãos Feitoza estava com uma marmitta na mão, provavelmente iria almoçar; então eu parei o carro e brinquei com Ele: - Já vai matar quem tá te matando, né?! Ele riu e respondeu: - É, mas só daqui a pouco.

Aí eu desci do carro e falei pra Ele: - Vai guardar isso, deixa pra tua janta você é meu convidado pra almoçar comigo, vamos lá, depois eu te deixo aqui de novo. Ele ficou todo contente e disse: - Beleza, vou só trocar a camisa. Nesse instante eu senti um olhar bem furtivo sobre mim, daqueles de quem olha dos pés a cabeça, quando me voltei era a Maria Ela já estava de costas, rumando pra casa dela, não vi seu rosto. Aí eu fiquei pensando: - O que Ela está fazendo aqui?!, e a mim mesmo respondi: - deve ter trazido comida pra Ele, são amigos, parentes sei lá, - por aquelas bandas é assim, as pessoas são boas com as outras e quando fazem alguma coisa em suas casas sempre levam um pouco pros vizinhos.

Ele voltou, entrou no carro e seguimos viagem, e foi logo tirando graça da maneira como ele é, “bem gaiato” : - Pô Doutor, hoje vou marcar esse dia... primeira vez que tomo “umas” com uma autoridade e começou a rir... então eu falei: - beber não, mas vou pensar no teu caso... - Ele voltou a se animar; a ida até ao restaurante foi de muitas gargalhadas, estava me divertindo bastante com aquele sacana, ele falava tanta bobagem que eu me espocava de rir. Chegamos no restaurante, um local público bem animado, onde as pessoas bebem, comem,

dançam numa alegria imensa. Aí sentamos pedimos a comida e eu lembrei-me de perguntar dele o que a Maria tinha ido fazer na casa deles. - Aí Ele ficou sereno por um instante e vi nele um semblante de apaixonado. Então me disse: - Ela foi levar almoço pra mim, uma provinha do que eles estavam comendo na casa deles. Depois, com um ar festivo disse mais: - Ela é minha garota, minha paixão, meu amor... vou me casar com Ela assim que as coisas melhorarem.

Então, por uns segundos, eu olhei pra Ele, ri meio sem graça e disse: - Cara, que coisa linda, como isso é legal; fico feliz por vocês, faça isso mesmo case-se com Ela vocês vão se dar muito bem, serão felizes e o ramal vai ganhar mais uma família. Ele riu glorioso. Aí eu disse mais: - Quer saber, vou tomar umas com você em homenagem ao seu casamento com a Maria e tomamos umas boas cervejas; mais um pouco eu percebi que Ele estava se embriagando, então pedi a conta e voltamos pra casa; na estrada a fala dele estava pesada, mesmo rindo muito, dava pra ver que estava doidão... aí eu pensei: esse baitola não sabe beber não, e brinquei com Ele: - tu tá bêbado sacana! Ele respondeu morrendo de ri, tô mesmo doutor, oh... não sou acostumado não. Aí quem riu foi eu e lhe disse: - Como é que tu me chama pra beber? Ele disse: - Eu não, foi o Senhor, lembra não? Eu pensei: - lascou-se.

Chegamos na casa dele, eu desci abri a porta do carro e realmente Ele estava cambaleante. Ao nosso encontro veio Maria, séria como sempre, sequer me olhou... dirigiu sua atenção pra Ele, um tanto preocupada, mas logo percebeu que Ele estava de porre, aliviou o semblante e quando ia dizer alguma coisa Ele falou com a voz meio pesada: - Encontrei amor... apontou pra mim e continuou: - Ele vai ser o nosso padrinho de casamento, agora você cuida de arranjar a madrinha. Ela virou-se pra mim, e foi aí meu prezado leitor que eu vi pela primeira vez o sorriso de Maria, seu rosto vibrava de alegria, parecia que tudo nela sorria. Pensei que fosse me abraçar, mas não. Eu torci o beijo, gesticulei com a cabeça e também me mostrei feliz. Eles seguiram rumo à casa... antes de entrar Ela virou-se e novamente sorriu, e eu me certifiquei que naquele momento eu estava diante do sorriso mais lindo que vi nos últimos anos.

.....
Antônio Souza

(Escritor/Poeta)

**Obra de ficção, qualquer semelhança com fatos e pessoas é mera coincidência.*

CONTO - CEIA DE NATAL

Dizem que há muitos anos um pai plantou uma videira, logo que adquiriu uma casa simples, onde viveu com sua esposa e seus filhos até partir desta vida.

O tempo passou, tantas coisas aconteceram, a casa foi modificada, ampliada, mas o pé de uva foi preservado.

A sua família aumentou ao redor da mesa, seus filhos se casaram, vieram os netos, bisnetos que ele não teve a felicidade de conhecer...

Passam as estações com dias ensolarados ou chuvosos, os ventos de outono despem completamente a videira e arrastam as folhas mortas, depois ela se renova e surgem os lindos cachos entre o frescor das folhas abundantes.

E quando chega a noite da Ceia de Natal, aquele pai continua a participar através dos frutos da videira que ele plantou.

Para essa família essas uvas são as mais deliciosas da face da terra, pois, contém o sabor do amor paterno...

BRYZZA

ADIVINHA QUEM VEM PARA O JANTAR

DOLCE VITA

Mediu com uma grande régua transparente o centro da mesa. Em torno daquele ponto, dispôs os pratos, talheres e copos. Tudo perfeitamente alinhado. Restavam quatro minutos para deixar a carne no ponto exato. O som da porta se abrindo a fez correr em direção à geladeira. Retirou de lá a travessa oval com a salada de rúcula. Verteu sobre as folhas verdes um generoso fio de azeite, adicionando uma colher de sopa de limão. Nada de sal. Serviu o jantar às sete e quinze. Quando ele cortou a carne, o sangue escorreu ao redor do prato. E ela respirou aliviada: parecia que acertara o ponto. No entanto os olhos do marido diziam o contrário enquanto o peso daquela mão socava seu rosto.

A buscar alguma coisa de ânimo no Alcebíades, morador de uma corruptela de uma única rua em local afastado, uma lupa seria preciso sendo, entretanto dispensada pela preguiça que é presente em quantidade maior e a todo o momento. Menos pelo cigarro espanta insetos, do que pela sua pouca ou nenhuma disposição para entrar debaixo de um chuveiro. Ficar perto dele não era mesmo boa ideia.

Seus assuntos vão na contramão da realidade e chamá-lo de mentiroso, ai sim deixava o homem nervoso de verdade. Mas era faroleiro. Tinha a bravata de vangloriar uma topada que teve com um valentão de nome Nivaldo pelo que este último quando arrumava fuzarcas pelos botequins gostava de brincar de pegador com a força policial normalmente embriagado que representada por soldados cansavam da brincadeira antes de uma outra que eles preferiam e se divertiam mais; chamada atirei o pau no gato, aliás o Nivaldo nesse caso corria feito lebre para não ser o tal gato pois se os guardas pusessem as mãos nele a palavra gato escaldado perderia o valor na base do cassete esquecido com força no lombo .

Pois é. Ligando o valentão ao Alcebíades, este outro, que entre outras coisas não poderia ser nunca quem um dia enfrentou alguém de algum modo por outro adjetivo dele. Era um tremendo mentiroso. Deu de encontrar o valentão num prostíbulo saboreando um trago e abraçado com desleixo a uma morena de vestido aciganado com cores mediando entre verde e amarelo conforme o encardido permitisse. Bebendo com o bico da garrafa alguma coisa que deveria amargar, tal a careta que fazia.

A coisa sairia sem problemas, mas diachos! A morena “namorada” do infame era na verdade uma sobrinha do Alcebíades e isto o colocaram numa vexatória condição porque ou ele cairia fora dali fingindo nada ter visto ou então num acesso de loucura quem sabe enfrentaria o outro que nunca afirmou, mas alardeava-se ter umas mortes nas costas, pelo que o Alcebíades sem demora optou pela primeira hipótese, até porque poderia aumentar a lista de óbitos do outro com a rapidez que não permitiria sequer um trago e a moça resolveria com o pai dela (irmão dele) depois. Naquele momento ele tinha certeza ser está uma desconhecida total.

Contudo, acostumado a ter tudo de graça para não aprontar na casa e dentre tudo estava oferecer bebida aos “amigos” o Nivaldo resolveu estender a generosidade ao Amigo Alcebíades que já não tinha mais o estado de ânimo para aquele lugar e, pois ainda, não seria sua, mas do valentão a vontade dele ir embora. Uma indelicadeza que aborreceria o outro. Assim. Concordou quando lhe foi oferecido um vinho comum da região e não um copo, desses fáceis de virar na goela e acelerar uma saída com a gasolina de uma desculpa, mas uma garrafa para tudo ficar feito FNM numa subida de muitos quilômetros. A sobrinha sem graça já o havia reconhecido e quando este pensou no que fazer para tal vexatória circunstância, uma providência veio em seu favor: Encharcado de beber por longas horas o valentão despencou em súbito desmaio e a primeira coisa que o dono da casa fez foi chamar a polícia que veio sem demora e o sono do outro continuou numa cela da cadeia. Depois disso o Alcebíades não viu o Tal valentão que disseram ter morrido assassinado em um eito de milharal por ajuste de contas com alguém em quem teria dado uma surra noutra feita. Fato é que o Alcebíades avoca até hoje para si a prisão do infame que uma vez morto torna legítima uma mentira.



Olá amigos da Revista Barbante. Eu sou o João Cláudio, Mineiro, morador da Capital. Apresentando a vertente de escritor, traçando nas linhas o pensamento vivo do que é a lida cotidiana, buscando sempre a reflexão e o entretenimento, levando aos olhos de quem gosta de ler a satisfação de escritos curtos e intencionalmente interessantes. Sem formação acadêmica, mas autodidata convicto sou grande adepto da leitura e não me furto a ler até 20 volumes anuais. De todas as companhias, o livro é a que mais me identifico por ser silenciosa e cada página dele é uma porta aberta para o mundo que ele apresenta.

Assinante do Recanto das Letras desde 2007, onde conheci por lá colegas escritores a exemplo de Juli Lima e outros, aliás, a afinidade nas escritas com a escritora Juli Lima nos proporcionou uma parceria e escrevemos o livro “Leituras para o seu entardecer”, que no meu caso, verdade seja dita teve suas páginas em sua totalidade cooptadas daquele site de obras já publicadas por mim ao longo desses anos. E a convite de Juli Lima sempre proporciono textos na Revista Barbante que são também do Recanto.

Tenho uma outra vertente: A de cantador. E todo sábado estou no Mercado Novo, Av Olegário Maciel 742, Centro de BH, na Sala Vicente Machado, no tinido da viola. Isso fez de mim um compositor, com algumas letras gravadas e outras até disponíveis com outros interpretes que também gravaram CDs entre os anos de 2009 e 2015. Era comum a minha

presença no programa Trem Caipira, da Rádio Inconfidência, apresentado pelo amigo Radialista Múcio Bolivar. Além de participar das rodas de viola e apresentar em festas particulares, vou a casas de repouso e eventos sem fins lucrativos, mas legrando sempre pessoas a meu redor. Assim com esse pequeno histórico, agradeço ainda a todos que me dão vitrine lendo a Revista Barbante à qual também sou leitor e percebo ser de alto cunho cultural. Aquele abraço a todos

João Cláudio

Um gato gordo acordou com muita sonolência, espreguiçou-se até virar um homem e começou a vestir um sobretudo enquanto sua esposa, uma arraia preta com bolinhas brancas deitada no chão ao lado da cama parecendo um tapete, nadou fazendo movimentos espirais até tomar a forma de mulher. Eles foram para a cozinha, então ela abriu a janela do apartamento, pôs uma rede para fora, capturou algumas piabas e as fritou. Os dois não falaram nada, apenas comiam, comiam como animais, mastigavam com a boca aberta e não usavam nenhum talher.

Ele colocou um chapéu, pegou sua maleta, saltou da janela, foi caindo suavemente como uma semente de dente-de-leão até aterrissar na calçada e fez o resto do trajeto caminhando. A mulher dava gargalhadas de forma tão maliciosa que parecia estar tramando algum tipo de vingança, esperou cerca de meia hora e, sem mais nem menos, defenestrou toda a louça suja com um enorme sorriso de satisfação em seu rosto.

Ela sentou-se em frente à penteadeira e ficou mais de uma hora se maquiando, no final ficou parecendo uma palhaça, fez caretas e riu de sua própria estupidez. Tirou toda a maquiagem da cara e decidiu que iria passar apenas um batom, mas não era de qualquer cor, era vermelho *matte*. Depois de passar, achou que não ficou bem passado e decidiu retocar, a boca ficou toda borrada, sem paciência, rosnou, mastigou o frasco de batom líquido com fúria e cuspiu tudo numa lixeira. Foi escovar os dentes, gastou um bom tempo e meio tubo de pasta de dentes e, mesmo assim, não estavam tão brancos quanto gostaria.

Decidiu dar um passeio para aliviar o *stress*, vestiu um longo vestido laranja e desceu as escadarias do prédio correndo, cumprimentou o porteiro e saiu saltitando. Foi em direção ao nada, arrancou as sapatilhas dos pés, andou descalça sentindo cada seixo miúdo do fundo daquele lago de onde nunca saía; olhava para trás e via a cidade, olhava para cima e via o céu tremular com as

águas superficiais que a faziam se sentir inspirada. Subiu em uma pedra, ergueu sua mão e tão perto que pensava estar do céu achou que conseguiria alcançá-lo, porém alguns centímetros ainda a afastavam da superfície.

Com suas madeixas flutuando e o vestido sendo agitado pelo movimento das águas, começou a cantarolar uma cançoneta suave como uma brisa. Seu corpo subia lentamente e ela começou a sentir o vento que vinha do lado de fora; primeiro foi na ponta de seu nariz, depois nas mãos, nos braços, nos pés e nas pernas. Abriu os olhos, viu que o céu na verdade estava muito mais acima, estava acima da copa das árvores e acima das nuvens, totalmente inalcançável. Boiou até encalhar na beira do lago, sentia seu corpo mais pesado e se levantar era difícil; sentia-se um peixe fora d'água.

Como Sempre

Aproximou-se da janela e olhou a paisagem com tristeza. As lágrimas não demoraram e, junto com as tais, as nostálgicas lembranças chegaram em bandos. Era um lindo dia de domingo, mas, desde muito, para ela os domingos já não eram como antes. Acreditava que agora eram apenas... domingos.

Eu simplesmente a abracei e mostrei-lhe que não. Estávamos juntos, como sempre.

E, como sempre, a beijei e amei... doce e delicadamente.

(Miniconto)

Marcus Vinícius Andrade



BREVE HISTÓRICO

Sou **MARIA LEFÈVRE**, formada em Letras no Curso de Português-Inglês, pela UFRJ. Quando mocinha, costumava escrever paródias e fazer canções para Festivais Estudantis de Música e até fui vencedora num destes certames, mas me casei aos 21, depois vieram os filhos, o trabalho como professora de inglês e tradutora no Ministério da Aeronáutica... não tinha tempo para dar vazão à minha criatividade. Sendo desorganizada, perdi muitos de meus escritos. Em 2014, já aposentada, comecei a publicar meus textos e poesias no site Recanto das Letras, sob o pseudônimo de Luna Mia. Já escrevi um livro, participei de coletâneas e antologias e sou colaboradora nesta prestigiosa revista.

Visitem-me lá! Vou ficar feliz!.

DOIS LUGARES NA MESA

Todos os dias, há um ano, ela sonhava com ele. Eram noites tórridas de grande erotismo, ou de amoroso companheirismo. De manhã ao despertar, dava um beijo em seu retrato e ia pra cozinha preparar o café para eles... dois lugares na mesa... o dia às vezes custava a passar,

mas ela logo se envolvia em alguma atividade... donas de casa têm sempre o que fazer. Um dia, porém, ele lhe apareceu em sonho e lhe disse: “Meu amor, sei que você vai sofrer, mas será melhor assim... você tem que aceitar e encarar a realidade... eu morri... veja como foi; e dizendo isso, mostrou-lhe as imagens de seus últimos momentos, o instante exato em que teve o infarto fulminante. Minutos depois, ela acordou desesperada, banhada em lágrimas e em lágrimas banhada ficou o dia todo e a noite toda também... não comeu, nem tomou banho, mal dormiu... deixou-se ficar na cama.

No dia seguinte, agarrou-se desesperadamente ao travesseiro dele, beijou-o aos prantos, mas, depois de um tempo, conseguiu se despedir. Levantou-se, arrumou todas as roupas e as coisas dele, chamou o Exército da Salvação e entregou-as a eles. Daquele dia em diante, seus sonhos com ele cessaram e ela mergulhou num longo período de silêncio e luto... de manhã arrastava-se, mas já não preparava o café dele, só o dela... mesa só pra um. Seis meses se passaram e o antidepressivo começou a fazer efeito. Um dia, deu-se conta de que ele tinha morrido, não ela, embora parecesse meio morta. Decidiu, então, mudar as coisas. Como gostava de dançar e se exercitar, matriculou-se numa aula de zumba e foi dançar a vida que ainda tinha pela frente...

OUVINDO STARDUST --- NAT KING COLE --- TRAD.

[HTTPS://YOUTU.BE/X7HZJGBGVOA](https://youtu.be/x7hzjgbgvoa)

30/07/2020

MARIA LEFÈVRE



Foto: Marise Castro

Sem Mais

Naquele dia elas chegaram mais cedo e cantaram mais alto que nos dias anteriores, como um despertador ao lado da cama a querer despertá-la. Mas as aves estavam alto, bem alto no céu inalcançável. Mesmo assim a acordaram e ela espreguiçou com um longo bocejo e apressou-se. Apesar de ser domingo tinha um dia longo pela frente. Havia decidido ir embora e ainda faltava arrumar algumas peças de roupa nas malas já abarrotadas. Logo todos acordariam também e não queria despedidas. Queria conhecer outros caminhos e se contasse tentariam dissuadi-la do sonho já de tempos. Estava, por fim, saindo de casa.

Escovou os dentes durante o banho, arrumou a cama depois de vestir-se e desceu as escadas se equilibrando com as pesadas malas. Abriu a geladeira, tomou um copo de leite, pegou uma maçã, escreveu um rápido bilhete dizendo que amava a todos e saiu sem fazer barulho. O táxi a esperava lá fora. Já acomodada no carro, olhou para a janela do seu quarto e viu que as cortinas balançavam como se lhe acenassem um adeus. E ela sorriu triunfante.

Foi ser feliz!

(Miniconto)

Marise Castro

VOLTA PRA MIM

Maurício Batista

Eu fui uma criança muito espiritual, desde muito cedo eu passei a ter visões, sonhos, sensações e sentimentos que me pareciam alertar sobre algo. Às vezes eu compartilhava, outras vezes, guardava pra mim. Minha mãe nunca recebia isso muito bem... Já a minha avó paterna era uma macumbeira de anos, já havia vivido de um tudo nessa vida. Enquanto mainha me repreendia, dizia ser impressão ou bobagem minha, a minha avó, não. Dona Luzia me ouvia com os olhos cheios de brilho e, sempre que me encontrava, perguntava sobre as coisas que tinham me acontecido.

Ela dizia que eu era filho de Oxóssi, que eu tinha tudo de Odê e sempre quis me levar ao terreiro que ela frequentava, mas mainha nunca foi de deixar. Ela não era intolerante, sempre manteve respeito pela religião de vó, mas dizia que eu era novo e que quando eu fosse mais velho decidiria o que queria pra mim. Meu pai, quando vivo, era iniciado, era Ogã de Yemanjá. Ele morreu antes que eu viesse ao mundo, vítima de bala perdida em uma operação da polícia.

Em uma tarde, sentado no batente lá da casa de mainha, vi muita fumaça sair da casa da vizinha da frente, seguida de muitos gritos de desespero, mas, ao olhar outra vez, me dei conta de que não havia nada muito fora do comum acontecendo lá e que não passou de um flashback, como já tinha acontecido outras vezes. E ainda assim fui correndo, assustado, pra falar pra minha mãe, mas ela falou o de sempre: “Deve ter sido impressão sua, menino... Deixe de coisa, rapaz”.

No outro dia, naquela mesma hora, era possível ver e ouvir a fumaça e o grito de desespero da vizinha, que havia ido buscar seu filho na escola e quando voltou sua casa ardia em fogo, devido a um vazamento de gás. Felizmente, não havia ninguém em casa, ninguém se feriu. Mas eu me senti culpado por não ter alertado. Talvez eu pudesse ter evitado que aquilo tivesse acontecido.

E a partir daí eu passei a dar mais credibilidade às coisas que me aconteciam,

inclusive, a minha mãe também passou a ter fé em mim. Mas passou a acontecer com pouca frequência, quase não me aconteceu nada muito fora do comum...

Já aos vinte e dois, eu passei a ter espécies de flashback com um rapaz que eu nunca tinha visto, mal dava pra ver o seu rosto com clareza. Até que vieram os sonhos... Ele era alto, retinto, com os cabelos crespos e bem enrolados. E eu esperava ansioso pra na outra noite descobrir mais um novo traço seu. Eu me sentia tão envolvido... Ele não era nada parecido comigo, mas algo me convencia que ali era.

De sonho em sonho, eu já sabia mais sobre ele do que sobre mim. Parecia uma memória de uma vida passada, algo que eu já tinha vivido. Até eu ter a plena certeza: eu tinha vivido aquilo tudo, era eu ali, eu era Jeferson. Omo ogum, filho de dona Vera e de seu Fabrício, amor da vida de Deise, por quem eu era arreado os quatro pneus... Mestre de capoeira, sambista, e nas horas vagas arrumava uns bicos, fazia de tudo um pouco.

Sibite que eu era, não podia ouvir uma latinha batendo, que eu tava lá, exibindo o gingado, que era nato na sola do pé. Poderia ser samba de coco, de roda, de tudo, e eu estava lá, mostrando o que eu sabia fazer de melhor. Além de dançar, me arriscava no pandeiro, na cuíca e no agogô.

Eu errei de não ter procurado um auxílio em uma casa de axé. Vó, se ainda vivesse, teria me dado uns carões por isso. Mas ela sempre me dizia pra ouvir o coração, então dei voz primeiro ao que meu coração dizia e fui atrás de tudo aquilo que eu tinha vivido.

Na primeira oportunidade, desembarquei na cidade em que ele vivia, que é vizinha à minha. Por ser uma cidade histórica, as ruas e casas se mantinham nas mesmas formas. Algumas se encontravam deterioradas, outras pintadas e modernizadas, mas, ainda assim, eu me sentia pertencente àquele lugar.

Trilhei o caminho até à casa e lá me deparei com dona Vera sentada na porta de casa. Agora, com os olhos esbranquiçados, a cara ainda mais enrugada, mas não tinha mudado quase nada. Eu me aproximei e tentei puxar assunto, dizendo: “Engraçado como se passaram uns vinte e tantos anos e quase tudo aqui tá no mesmo lugar...” Ela me olhou meio espantada e deu uma gargalhada gostosa que

só ela sabia dar. “Mas, menino, e essa cara de quem nasceu ontem? Quantos anos você tem?” — ela disse, cruzando os braços e me olhando com cara de indignação.

Eu sorri junto com ela e respondi: “Tenho 23, mas o meu pai era daqui e tinha um álbum de fotos que tinha muitas fotos daqui.” “Que seu pai era daqui, eu sei, mas não tô sabendo desse álbum não”, ela disse, sorridente. Naquele momento, eu fiquei confuso, mas aí ela largou: “Parece que você adivinhou, menino. Entre, fiz um bolo de banana. Você ainda gosta de bolo de banana?”. Aí eu me dei conta de que, por alguma razão, ela sabia quem eu era: Jeferson. Eu entrei, seguindo os seus passos, indo em direção à cozinha onde estava o bolo ainda quente.

Lá dentro, tudo era muito diferente, exceto um retrato meu, que ainda estava pendurado e posicionado da mesma maneira. Mas ainda ali cheirava o mesmo cheiro e ainda me despertava os mesmos sentimentos.

Ao chegar, ela me olhou com um olhar choroso, me dizendo: “Eu sabia que você iria voltar, menino. E não teve um dia sequer que eu não esperasse pela sua volta.” E nos abraçamos bem forte, sem soltar.

Eu não economizei nas perguntas. Perguntei sobre meu pai, sobre Deise, sobre meu amigo Mário e outros amigos mais distantes. Meu pai tinha morrido há mais ou menos sete anos, uma morte súbita. De Deise ela não tinha muita informação, disse que se embandou pra capital, depois não soube mais de notícias. Alguns amigos se foram, outros se casaram e formaram famílias...

Naquele dia, sai de lá determinado a não perder mais nada que eu tinha. Voltei lá alguns meses depois pra morar com dona Vera, minha mãe. Eu tinha pressa. Eu tinha sonhos. Eu tinha paixão. Eu tinha saudades. Eu tinha a mim, de novo.

Me reaproximei de alguns antigos amigos, apesar da diferença de idade. Voltei a frequentar o mesmo barzinho na esquina, que hoje está nas mãos dos filhos de Zé, o dono do bar. Reuni algumas pessoas pra jogar dominó no coreto da praça, como antes era de costume. Entrei em um novo grupo de capoeira, agora como brincante. Procurei pelas rodas de samba que ainda restavam. Comprei um canarinho, um azulão, parecido com o de antes. Voltei a pensar e agir como antes, a ter os mesmos sonhos.

Em um primeiro instante, aquilo tudo foi encantador, me reencontrar; reencontrar a minha vida e os meus amigos. Mas logo veio o desconforto, apesar de ter tudo aquilo, eu já não me sentia lá, eu já não me sentia eu. Independentemente do que eu fizesse, dos passos milimetricamente calculados, da fala no mesmo tom, de tudo que eu moldei pra retornar como antes, ainda me sentia insatisfeito.

Um dia, pensativo, com um cigarro aceso entre os dedos, minha mãe se aproximou e questionou: “O que meu filho tanto pensa?”. Eu respondi: “Mainha, se eu sou eu, porque eu não me sinto mais eu?”. Depois de alguns minutos em silêncio, ela me olhou tristonha e disse: “Meu menino, me desculpa! Eu fiquei tão feliz de te ter comigo, que acabei não me dando conta do que você tava fazendo. Independente de quem você foi lá atrás, você já num é mais. Você pode vestir essas roupas, inalar essa fumaça, falar desse jeito, ouvir essas músicas, me olhar assim... Mas uma coisa não se pode mudar, que é o tempo. Você já não é o meu Jeferson. Você é o Wallas, um menino ainda, com um longo futuro pela frente, seus desejos, seus gostos, seus sonhos, seus planos... Não se limite a quem você foi lá atrás. A dádiva de lembrar o passado é a possibilidade de ser melhor lá na frente”.

Maurício Batista é natural de Aracaju, capital de Sergipe, escritor, poeta e graduando em Letras Português e Francês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Também é titular da Academia de Letras Estudantil de Sergipe (ALES) na cadeira 22. Escreve sobre sentimentos de um jeito sutil, misturando sensibilidade, delicadeza e espiritualidade em seus textos.

O EXTRAORDINÁRIO

Ronilson de Sousa Lopes

De repente, o absurdo acontece para nos despertar da ignorância.

Era uma noite quente verão em que a lua gigantesca e prateada estampava os céus de Lábrea, uma cidade do interior do Amazonas, deixando amostra milhares de estrelas como pigmentos do infinito.

Naquela ocasião Dona Carmilta foi à casa da vizinha e amiga Estartina Galvão para conversar. Ambas moravam na Rua 24 de Agosto no Bairro Barra Limpa da referida cidade.

As duas idosas já havia conversando a respeito de tudo: sobre os acontecimentos da cidade, da rua em que moravam, e sobre o tempo em que suas famílias trabalhavam no colhendo a látex no Seringal.

Às horas já estavam adiantadas, no entanto, as mulheres não estavam nem um pouco preocupadas com o relógio, mas pelo que tudo indicava deveria ser mais de meia noite, pois não havia nenhum movimento na rua, exceto os cães abandonados que trilhavam a procura de latas de lixo com restos de comida.

Quando de repente, Carmita viu ao longe algum vulto no céu e chamou a atenção de Estartina para que visse também e tentasse identificar o que seria.

Porém, o rosto estava muito distante, de modo que não poderiam reconhecer e assim, voltaram a conversar. Minutos depois, Carmita tornou a olhar em direção aonde havia visto o objeto e percebeu que agora ele estava bem mais próximo.

Carmita passou a mão nos olhos e deu em si mesma um beliscão na tentativa de verificar se não estava realmente de posse dos seus sentidos antes de chamar novamente a atenção da amiga Estartina Galvão para que olhasse e tentasse visualizar o que seria.

A outra, notando que algo desviava a atenção de Carmita olhou também para o céu e dessa vez percebeu que se tratava de um objeto estranho:

— Carmita, você está vendo o que eu estou vendo?

— Sim, menina eu já ia te falar. O objeto se aproximava. Era diferente de tudo que as duas haviam visto até então. Era uma espécie de nave oval e cheia de luzes.

As duas mulheres correram para dentro de casa de Estartina e ficaram olhando pelas

brechas da janela cheias de medo a ponto de Carmita ficar toda trêmula, precisando do apoio do outro que era um pouco mais corajosa, que neste momento teve que lhe segurar pelo meio com o braço.

— Aquiete-se! Disse Estartina. — Não vê que aquilo pode querer nos fazer o mal.

O objeto aproximou-se da rua, tinha um barulho como se fosse de um motor de caminhão e as luzes clareavam toda a casa de Estartina. As duas perceberam que alguma coisa fora lançada de dentro do objeto voador e em seguida ele sobrevoou novamente deixando tudo em perfeito silêncio.

Estartina queria ir olhar o que era, mas Carmita teve medo e assim, as duas ficaram acordadas o resto da noite a espreita de alguma movimentação, olhando, de vez em quando a janela para vê se avistavam alguma coisa de movimentar.

Às seis da manhã as Josefa, neta de Dona Carmita veio vê o que acontecera com a avó, o porquê a idosa não tinha dormido em casa. A menina, agora, batia à porta.

Quando Carmita percebeu que sua neta estava no portão, exposta ao perigo correu gritando: — Entre, Josefa! — Entre! Porém, quando ela, trêmula, conseguiu abrir a porta a menina estava com um estranho peixe nas mãos.

Era um ser pequeno, não muito pesado. Tinha o corpo na temperatura normal e tinha em sua pele uma leve maciez agradável. Seus olhos eram de um azul intenso e uma borda marrom.

Carmita olhou espantada para a neta, parada em sua frente com os olhos cheios de brilho e encanto parecendo que tinha encontrado a coisa mais interessante do mundo, a qual trazia nas mãos:

— Olha vó, o que eu encontrei! Carmita olhou sem acreditar no que parecia uma mine baleia mole e roxa nas mãos da menina.

— Solta isso, menina!

A menina ficou tão assustada com o grito da avó que deixou, sem querer, cair de suas mãos aquele ser estranho, com características de peixe, de boca e olhos grandes pele lisa, o qual deslizou pela calçada indo parar no meio da rua. Nisso, os vizinhos chegavam e logo havia um grupo de pessoas a admirar o que parecia um estranho cetáceo.

Dona Carmita começou a contar as pessoas o que tinha visto, de como aquele bicho tinha aparecido naquele local. O que despertou muitos risos, alguns começaram a pensar que aquela senhora estava ficando doida.

Com isso, foram tirar satisfação com Dona Estartina, afinal as duas estavam juntas, e esta confirmou tudo. No entanto, as pessoas não acreditaram, aquelas duas estavam querendo pregar uma peça nos moradores da rua, pensou alguns.

Surgiram alguns moleques da rua e começaram jogar pedras no animal, que parecia tão indefeso. Nesse instante a menina Josefa começou a chorar e querer proteger o animal e precisou que Dona Carmita se retirasse do local com a garotinha, enquanto os adolescentes o maltratavam assim como era costuma maltratar os animais que viviam nas ruas da cidade.

De repente, aquele ser que parecia, até então, muito calmo começou a se movimentar e a crescer rapidamente, conforme era alvejado pelos meninos e a medida que crescia começou a usar as abas para se deslocar e assim iniciou a comer os objetos a sua volta, a começar pelas pedras que lhe jogavam.

Assim, ele foi engolindo as pedras, e foi aumentando de tamanho, ingerindo os pedaços de madeira jogados na rua, e foi crescendo, comendo o lixo jogados ao chão e foi inflando, as bicicletas que passavam, e foi se avolumando, mastigando os carros e foi se agigantando até tornar-se um ser descomunal.

Veio um moço e acertou uma pá na calda do bicho que espirou um líquido de seu corpo, o bicho esguichou um urro e lacrimejou de seus olhos grandes e cheio de fúria acertou a calda no homem que ficou esmigalhado no chão.

Com isso, as pessoas correram, foram chamar as autoridades, que não tardou a chegar. O prefeito Jean Barros ordenou que a polícia atirasse no animal. Eles atiraram, as balas entravam no couro do bicho, que estremecia e gemia e continuavam crescendo.

Por fim, o soldado Marcos teve a ideia de trazer um trator e passar por cima do bicho, trouxe, enfiou a lâmina em um dos lados do animal que derreteu feito espuma e depois suas carnes voltaram a se regenerar.

O prefeito entrou em contato com o Governador que mandou as forças especiais, esses trouxeram helicópteros, atiraram com metralhadoras, bazucas e o animal estranho continuava gemendo e se regenerando. Agora ele rastejava nas ruas e com suas barbatanas destelhavam algumas casas enquanto o povo gritava de pavor e corria para se esconder.

Veio em seguida a Polícia Federal investigar o caso. Os agentes ficaram sabendo das duas senhoras que tinham visto um objeto misterioso e foram conversar com elas e estas contaram tudo que tinham visto.

A menina Josefa também falou que tinha segurado em suas mãos enquanto aquele ser

era apenas uma pequena criatura indefesa.

Nessas horas a imprensa já estava noticiando em todos os telejornais do Brasil. No Rede Globo fazia as aberturas do Jornal Nacional falando da estranha criatura do Amazonas, assim, o Brasil inteiro parou para assistir, curioso, e observar o que se passava aqui no Norte do País, em Plena Amazônia.

As informações chamaram a atenção das maiores potências mundiais. Dessa maneira, os Americanos enviaram a CIA e junto veio vários cientistas, o Vaticano enviou pesquisadores para verificarem se se tratava de fenômenos paranormais, enfim, veio gente de tudo quanto foi lugar.

Descobriram que se tratava de um animal nunca visto, de repente, poderia mesmo ser um extraterrestre. No entanto, o animal estava muito agressivo, ninguém conseguia se contactar com ele para saber direito o que realmente era aquilo.

Por fim, com a autorização do governo Brasileiro os americanos retiraram o animal para um lugar afastado da cidade e lançaram um míssil tão poderoso que destruiu o bicho e com ele foi-se animais e plantas.

Todavia, depois de algum tempo o animal se regenerou como uma fênix e retornou ao solo de Lábrea. Continuou a andar nas ruas vagarosamente utilizando suas pernas curtas que agora nasceram.

Com isso, as pessoas perceberam que se continuassem tentando destruir aquele ser ia destruir junto tudo que avia na terra e ele permaneceria e ainda mais forte do que antes, sendo assim, para continuarem vivos, precisariam deixa-lo em paz.

Josefa pediu a sua avó Carmita que a deixasse vê o animal, mas a avó ficou com medo do bicho fazer algum mal a menina e tentou convencê-la de que seria melhor esquecer o cetáceo. Todavia, a menina começou a chorar e a não querer se alimentar.

Com isso, a avó permitiu que a menina fosse as ruas procurar o animal. Quando a garotinha encontrou corre ao encontro do peixe gritando. Quando o ser ouviu a voz da garotinha seus olhos arregalaram e o animal abaixou a cabeça em busca de suas mãos repletas de ternura.

A garotinha tocou no animal e o abraçou chorando de emoção e isso se repetiu por alguns dias e com isso, as pessoas foram notando que aquele ser diminuía conforme Josefa se aproximava e acariciava o animal.

No entanto, aquele ser era muito sensível, percebia e reagia muito mal a falsidade, dava um safanão com a calda em seres que se aproximavam dele para tirar proveito, promover a

imagem, fingir que gostava dele só por interesse.

A partir de então, outras crianças e em seguida adultos passaram a ir em busca do animal para acariciá-lo. Com o tempo, ao ouvir a voz das crianças conversando com ele o cetáceo começou a ficar cada vez menor, a falar e a ganhar a forma de ser humano e os humanos começaram a ganhar a forma daquele ser.

O prefeito muito sábio enviou um secretário para intermediar uma conversa com aquele ser e saber suas reais intenções, no entanto, o secretário não descobriu muita coisa, no entanto, perceberam que era um ser de paz.

Com isso, o prefeito concedeu o título de cidadão Labrense ao ser e assim ele passou a viver na cidade. Quando, na ocasião, precisou saber o nome da criatura, este não tinha e na hora olhou a Josefa para que ela lhe desse um nome e a garotinha disse: — Ternura.

Ternura viveu muitos e muitos anos em Lábrea. Aprendeu com as pessoas a comer o Acaí, a pupunha, a correr na área, andar pelas florestas, ouvir o canto dos pássaros, a tomar banho nas águas barrentas do Rio Purus e nas águas turvas do Rio Passía.

Aprendeu a apreciar os finais de tarde olhando o sol bonito que se esconde no horizonte por cima das águas na orla de Lábrea, como se o sol quisesse tomar banho nessa imensidão de águas doce que só existe no Brasil.

Aprendeu apreciar o vento zombeteiro em dias de calor a refrescar o corpo em sua brisa mansa e a olhar as nuvens se afastando ligeiro.

Aprendeu a olhar as estrelas, a conta-las, a conversar com quem se gosta olhando o infinito que se descortina no olhar humano e semelhante e a sentir saudades de qualquer sentimento se a si se dispensou.

E ensinou as pessoas como respeitar o diferente os animais e a natureza em sua volta, enfim, a ter alteridade. Assim, nunca mais viu-se nessa cidade um cachorro abandonado, uma tartaruga sendo capturada e assada, o peixe boi saiu da lista de extinção e nunca mais viu-se tocar fogo nas florestas do município.

Até que um dia Ternura foi tornando-se plástico e fugidio ao ponto de tornar-se espírito e se multiplicou em centenas de pedaços e se dividiu no coração de cada morador da cidade. Porque o amor e a compaixão nos torna como o ser amado e compadecido sem ambos perderem a essência. Só a ternura conquista o coração do outro e este quando se ausente leva consigo um pouquinho da gente e deixa conosco um pouquinho de sim. É estranho, não se explica, só quem ama compreende.

Rota do coração

Kim não suportava mais aquela vida, o treinamento era desgastante! Eram tantos voos, idas e vindas. Queria formar uma família, ter seu ninho, seu companheiro, seus filhotes. Aquela seria a última competição que participaria. Já tinha o plano de fuga traçado, descobriu um caminho alternativo que a levaria direto para uma praça, lá a vida prometia ser calma, muito sol, brisa fresca, chafariz e comida à vontade. Naquela noite não conseguiu dormir, a ansiedade lhe consumia. Era hora de acordar e se preparar para competir. Queria ser a mais veloz, assim, teria uma vantagem sobre os outros competidores e faria o desvio sem ser notada. Mas, a noite mal dormida lhe trouxera um cansaço extra, pegou a saída errada e bateu em um penhasco. Ficou ali desacordada não se sabe por quanto tempo, sentiu então, umas bicadas pelo corpo e ao abrir os olhos, lá estava ele, um garboso conquistador. Ele lhe trouxe água e a conduziu até um vale repleto de aves, não era a praça chique de Londres, mas era um paraíso verde, todos ali eram livres e felizes.

-E o garboso conquistador, eles se casaram, vovó?

-Sim, Ruby, Duper lhe contou que também fora um pombo premiado no grande concurso e que assim como Kim, cansou da rotina estressante e solitária. Eles resolveram formar uma família e guardar segredo sobre suas vidas passadas.

-Por que, vovó?

-Assim seus filhotes não seriam influenciados e poderiam ser apenas, pombos, aves livres na natureza, como deve ser.

-Sim, vovó, como deve ser!

Ruby adormeceu serena e Lívia, então, agradeceu o dia em que sua mãe errou a rota e foi salva por seu pai.

Sandra Laurita.

Um chá pro chato

Suelen Farias

Todas as terças nos últimos 8 meses, o velhinho que morava sozinho no prédio do outro lado da rua, ia ao “Espaço Café”, e embora o estabelecimento fosse famoso pelo delicioso café cremoso que servia, o velhinho preferia chá. Não havia uma vez se quer que o velhinho não estivesse carrancudo e de mau humor. Nunca cumprimentava com bom dia e nunca sorria. Como nunca conversava com ninguém, nenhum dos atendentes sabia seu nome. O velhinho entrava andando com dificuldade apoiado em sua bengala e se sentava sempre na mesma mesa, a última do salão, bem próxima a parede. Certa vez um novo cliente estava sentado ali, e o velhinho de súbito bateu com a bengala na cabeça dele ordenando que saísse. Por sorte a confusão não se estendeu, o jovem mesmo tendo ficado petrificado no momento, passou a mão pela cabeça, logo se retirou sem dizer uma palavra e foi se sentar em outra mesa, uma do outro lado do salão, bem afastada do velho. Outra vez, na mesa ao lado sentou uma mãe com dois meninos, em um determinado momento o velho bateu a mão com força na mesa e falando alto exigiu silêncio. Os pequenos se assustaram e começaram a chorar, a mãe foi embora deixando o café pela metade na xícara.

Na última terça não foi diferente. Ele entrou mancando com semblante sério, andando devagar. Apoiando-se na bengala dirigiu-se até os fundos e se sentou no mesmo lugar. A atendente logo foi até ele com seu bloquinho e caneta em mãos.

- Bom dia, o que vai querer hoje?

- O de sempre! Respondeu o velho com rispidez sem olhar para ela.

A atendente assentiu com a cabeça e saiu. Foi até o balcão e entregou o papel com o pedido ao outro funcionário. Ele leu: “Um chá pro chato”.

Os dois não seguraram uma gargalhada. O que chamou atenção de algumas pessoas próximas que olharam para eles com semblantes confusos. A atendente para disfarçar foi atender outras mesas e o funcionário de trás do balcão amassou o papel e em seguida apressou-se a fazer o pedido. O velho ao longe os observava e perguntava-se sobre o que estaria escrito no papel.

Seja lá o que fosse, cobiçou o riso espontâneo, o humor e a alegria daqueles dois jovens atendentes. Quando foi à última vez que ele tinha rido assim? Pensou.

Ansiou saber o que tinha sido tão engraçado que despertará a gargalhadas deles. Sentiu inveja! Desejou ter um motivo, um apenas que fosse, para sorrir de novo.

Ela disse... Ele disse

(Uma Ínfima História de Amor)

Ela disse: te amo!

Ele disse: eu também!

Ela perguntou: eu também, o quê?

Ele respondeu: o mesmo que você, ué!

...

Ele não a amava!

Microconto

Taíssa Viveiros

19/08/2022

Pequeno dialogo

Certa vez dentro da sala de uma Esplanada, meus olhos lúgubres ficavam a observar a fina chuva que teimava em cair naquele dia. Entre quatro paredes e o vidro embaçado, imaginava você conversando ou mesmo concentrada em seu trabalho, linda como sempre. Ficava tão ansioso para vê-la que muitas vezes escutava uma musica dos Beatles, de preferência, para ver se conseguia relaxar.

Olhava da janela, via as pessoas sempre apressadas passarem, nesse momento, sem ter nada haver, lembrava do nosso primeiro encontro naquela mesma sala que durante muito tempo não significou nada pra mim, era um lugar até então sem vida. Todos os momentos que surgiram, a paixão sincera, os poemas, a companhia verdadeira, o por do sol que só Brasília tem nasceram ali, dentro daquelas quatro paredes.

Em um desses dias vivemos o seu aniversário, distante um do outro, é verdade, mas comemoramos mesmo assim; foi mas um ano que passou, e nesse dia meu semblante se esvaiu mais e mais de sua lembrança. Não havia raiva, não havia ódio, só carinho e paixão.

Neste dia em especial desejei-lhe muitas felicidade, eu sei que muitas vezes desejar é fácil, mas além disso, pedi-lhe permissão para pôr-me a seu dispor, se tão somente quisesse e precisasse um dia de um verdadeiro amigo. Não sei o porque disso, talvez seja porque eu queria muito bem a você, e quando se quer bem a quem se ama, se busca o melhor para ela, os obstáculos são as próprias soluções de todos os seus problemas, ledo engano!

Em especial desejei que seus anos fossem repletos de felicidades e realizações, facilitando sua caminha na busca incansável de seus ideais, diminuindo seu sofrimento diante dos obstáculos, multiplicando suas vitórias. Desejei ainda que sua generosidade fosse conservada para que a influência de falsos amigos não penetrasse em seu coração, que você conseguisse encontrar DEUS e sentir NELE, a prova de que a bondade existe, e o amor não é impossível.

Muitas coisas foram ditas neste dia; que eu conseguisse durante a minha existência ser para você uma presença marcante e capaz de eternizar todas as suas aspirações e seus ideais de jovem mulher. Que o TODO PODEROSO não se tornasse inconstante em suas decisões, em suas certezas, que a sua essência fosse sempre buscada nas provações de cada dia, que ao redescobrir ELE, fizesse você perceber e notar aqueles que te amavam de verdade.

Esses anos todos se passaram, novos aniversários ocorreram na sua vida, novas felicitações foram desejadas para você; a nossa amizade e a nossa paixão tão fantástica, tão show da vida, passou por nós, sem deixar um bilhete de esperança, sem deixar rastro.

Lembro-me de quando chegava na sua frente, ficava nervoso, no corredor, em todos os

trechos existentes no meu universo, era só você quem importava, mas ninguém. Quando se levantava, todos caíam a seus pés como escravos a reverenciar uma deusa grega, que muitas vezes no silêncio do dia só observava o tempo passar, como uma pobre menina sem sono que olha para o lado e vê as peças de um grande quebra cabeça que não consegue ser montado.

Quando ia ao seu encontro, muitas vezes sentia seu coração magoado, que não queria ser incomodado, ai então eu saia de mansinho com o meu coração apertado, meio que sem destino, em um caminho erradamente escolhido, erradamente seguido, sem saber se um dia teria volta.

Infelizmente não teve, o tempo passou e essa paixão seguiu seu caminho, eu fiquei no lamento desse pequeno dialogo buscando explicações para o que sinto e espero até hoje.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)



Foto: ©Marise Castro

(Morro do Pai Inácio) - Chapada Diamantina - Bahia

Crônicas

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Ex-Diretor Regente da AMOS – Academia Musical Orquestra Show da PMMG; Bacharel em Direito; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Correspondente da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do título de Honra ao Mérito, concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG, pelo relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos!



A Janela Indiscreta

É manhã de uma preguiçosa sexta-feira. Preguiçosa por ser o primeiro dia de mais um prolongado “feriadão” – coisa de brasileiro. A data cívica – ou religiosa, não importa, mesmo porque, o importante é a farra – fora comemorada na quinta-feira. Contudo, e para deleite dos preguiçosos, ela fora “emendada” com a sexta, sábado e o domingo, com alguns, ainda, “enforcando” a segunda – este é o “Brasil que vai pra frente!”

O astro rei, penetrando pelo meu quarto, adentra pelas minhas semiabertas pálpebras ferindo-me as retinas, despertando-me. Ainda deitado, espreguiço-me e abro a bocarra em um escandaloso bocejo. Levanto-me e faço alguns exercícios de alongamento. Vou até à janela, abro-a deixando a brisa da manhã adentrar os meus aposentos. As janelas dos prédios em frente estão abertas. O trânsito não era caótico, como de costume. O feriadão levava, na noite da quarta, os curtidores do feriado da quinta. E lá foram eles para as praias, sítios ou cidades históricas. Enfim, era um final de semana esperado de há muito.

Aos meus ouvidos chegam uma repetida melodia, um mavioso cantar. Vasculho os arredores para ver de onde vinha tão belo cantar. De repente, com olhos nus vejo-a despida. Ávido, busco um binóculo. Queria vê-la bem de pertinho se deliciando nas águas da sua banheira. Ela se vira para o meu lado. Medro por julgar ter sido descoberto. Recolho-me envergonhado. Da fresta da cortina vejo que ela não me viu – respiro fundo, aliviado! Ela se posiciona em pé na borda da sua banheira. Meus olhos parecem querer saltar fora das órbitas, tamanha era a minha ansiedade.

De repente, noto que o marido – ou namorado, sei lá – se aproxima da banheira. Ressabiado, novamente me escondo por trás da minha cortina e fico aguardando “*a barra ficar limpa*”. O intruso, enfim se afasta. Ato contínuo, acerto o meu binóculo e espero os acontecimentos vindouros.

Vejo-a se sacudir em trejeitos bem femininos a mirar-se no espelho d’água de onde, há pouco, saíra. Ato seguinte, ela emite um melodioso trinado da sua canora melodia, bate as suas asinhas e se posta ao lado do seu amado em uma das partes superiores da sua Carandiru/

Gaiola. E de onde estava, ela – a maravilhosa canarina belga – novamente fez a sua linda melodia espargir-se por todos os cantos.

Senti pena por vê-la prisioneira. O seu cantar deveria ser para todos, e não somente para o seu carcereiro. Estava presa, porque o seu “*hediondo crime foi o de saber cantar*”. E esse lindo canto não poderia ser considerado um crime, mas – e tão somente diga-se – deveria ser ouvido como um lindo *Hino ao Amor!*

...como água e óleo.

Está escrito e promulgado na constituição brasileira que o Estado é laico. Mas será mesmo?

Com a crescente expansão de igrejas e religiões no país noto cada vez mais que a fé se mistura com política e não sei até que ponto isso poderá trazer ainda mais polarização na sociedade que por outros motivos já discutem e se digladiam nas questões de cunho ideológicos, o que para mim é insensato e despropositado já que podemos e devemos debater todo e qualquer assunto que envolve interesses da população (e somos parte da mesma...) com civilidade, educação e racionalidade.

Claro que vivemos em um ambiente livre e democrático e não estou aqui afirmando que não é possível ter em nosso congresso representantes de organizações religiosas, porém creio que esse contexto reacende a desconfiança de que a presença religiosa na esfera pública a enfraquece, pois introduz uma lógica particularista no lugar onde só deveria prevalecer interesses comuns a nação. Tal presença afronta um pilar da democracia, que é a laicidade do Estado. Em minha opinião conceder espaço a correntes organizadas das religiões significaria reforçar os efeitos fragmentadores do diferencialismo, seja porque a pretensão de verdade do discurso religioso não combina com pluralismo e respeito à diferença, seja porque isso abriria a porta a que um número indefinido de demandas por representação e reconhecimento enfraquecesse os acordos coletivos essenciais e necessários à preservação de uma ordem democrática.

O conservadorismo moral e normalmente inflexível corriqueiramente associado aos agentes religiosos reforça a imagem de promover orientações de caráter individualista, pois é comum seus defensores sugerirem que o Estado deve ser movido a realizar políticas que estejam de acordo com o que o pragmatismo que a crença de cada doutrina prega.

Em um mundo cada vez mais globalizado e conectado as múltiplas culturas seria um contrassenso tais práticas, visto que toda e qualquer sociedade tende a se interagir viabilizando mais conhecimentos, oportunidades, sociabilidade e fomentando a pluralidade e transformação em grupos, seguimentos e setores, alavancando aperfeiçoamentos e capacitação a todos sem distinção. Claro que tudo isso deve acontecer preservando valores éticos, morais e legais de cada lugar.

Então faço esse questionamento inclusive a vocês leitores se acham que política e religião devem se misturar ou continuar sendo como água e óleo?....

É para refletir.

Inté procês ...

Antônio de Magalhães

Estamos velhos, será?

(crônica)

Muitas pessoas se sentem velhos, ou agem como velhos; às vezes nem têm tanta idade p'ra isso, é ou, não é?! Você querido leitor, conhece alguém assim? O quê? Você é assim? Não acredito. ... Rsrshr ... bem, mas se for assim, creia, está na hora de fazer uma reflexão. Ficar velho é natural e consequência da vida, mas se tornar chato e por vezes inconveniente, não. Isso não, por favor.

O pior é que sem querer a gente leva junto outras pessoas, por exemplo: - o parceiro, marido, amigo, qualquer coisa do gênero; que talvez esteja esperando mais de você. – Dizer constantemente que está mal, que não gosta disso ou daquilo, que está sem paciência p'ra fazer qualquer coisa fora do costume, que as músicas de hoje são chatas, que no seu tempo de jovem é que as coisas funcionavam e ainda afirma, “coisas que não voltam mais”.... rsrshr.. - pare com isso, por gentileza... se esforce, aceite que dói menos. Anime-se.

Ah, mas não é somente isso. Às vezes a consequência de não compreender bem esse momento da vida gera um problema maior, o abandono. Seu parceiro te deixa por outra ou outro, não sei. Às vezes o infeliz morre mais cedo por falta de estímulo p'ra viver; – as doenças dão salto triplo de alegria quando encontram um corpo assim, “pretenso cadáver”.

Portanto, preste atenção; evite certas coisas que caracterizam um velho chato, quase que insuportável: – Não ria pelo canto da boca, como se não achasse graça no que lhe contam – sorria p'ra valer, abra uma gargalhada “daquelas”... sem medo de perder a perereca... rsrshr... – ora, né não?! – Pare com esse medo de sair às ruas, procure um lugar seguro p'ra passear, se distrair. – “Ah, mas em todo canto está perigoso” – aí meu amigo, vá p'ra academia, treine jiu jitsu... karatê, chave inglesa ou pague um segurança, mas saia dessa de ter medo, a gente vai morrer qualquer dia, não tem jeito. Na praia não deixe de segurar a mão de seu amor... corra um pouquinho, se cair tente se levantar... não esqueça o “Benguê”, pequenos hematomas vão lhe fazer muito bem e até lembrar-se de sua juventude... ora, ora ... um arranhãozinho de nada. Eu, hein!

É isso amigões, ninguém deixa de ser Senhor ou Senhora por possuir um espírito jovem. Não se deixem envelhecer só porque é um direito de todos nós e até garantido por lei... não se entristeça só porque já não dá mais p'ra viver tudo intensamente. Também, pare com esse negócio de dizer que é sábio só porque está velho... “sou experiente, sei muita coisa” – sabe nada. Viva, se tiver que tirar alguma coisa do armário, tire. Mas leve junto algumas loucuras e muitas emoções. A gente só tem uma vida, acabou, lascou-se. – P'ra finalizar, me faça um grande favor... em qualquer lugar... “não arraste a sandália, pelo amor de Deus”.

.....
Antônio Souza

(Escritor/Poeta)

CRÔNICA - RETRATO DA DESIGUALDADE

Ao meio fio da calçada dormia um homem maltrapilho, alheio a tudo que lhe rodeava.

Detive-me por alguns instantes a observá-lo e mil pensamentos perpassaram em minha mente...

O que leva um ser humano a ser um indigente? Qual sua origem? Onde estão os seus parentes? Quais fatos que o levaram a viver na sarjeta?

Olhei com pesar o destino miserável daquela pobre criatura e conclui: O que eu poderia oferecer-lhe, senão algumas migalhas que lhe proporcionasse apenas uma refeição?

Isso é praticamente insignificante... A vida são tantos instantes!!!

Coloquei uns trocados em seu bolso e segui em frente inconformada...

O mendigo continuou dormindo, ignorando minhas indagações e a si próprio...

E os transeuntes apressados iam e vinham também ignorando a sua existência...

BRYZZA

FONTE DE FELICIDADE

Chove lá fora e, aqui dentro, sinto uma invasão de sentimentos que me levam à chuva, não o meu corpo físico, mas minha alma leve, que se veste de brisa da manhã. Vejo-me recebendo cada gotícula de água cristalina que cai suavemente... Escuto o canto alegre dos pássaros que vivem em meu quintal, sinfonia tão bela, que me embevece. Regozijo-me!

Penso: como sou felizarda por ter todas essas riquezas naturais gratuitamente. São tesouros de valores inestimáveis, bem ao alcance de nossas mãos, ou, à sensibilidade de nossas almas.

Agradeço ao criador do universo, pela perfeita criação, da qual sou parte, embora, por minha própria natureza, ainda em construção. Luto, para crescer como ser e me fazer merecer tudo isso.

Sonho com um tempo de paz, beleza e harmonia; com o amor fluindo e sendo disseminado por todos os seres, em todos os lugares. Pois só assim, beberemos da fonte da eterna felicidade.

Cellyme

O TEMPO

O tempo é apenas um fio, tudo vai passando. (Rubem Alves)

Quando me pediram para falar sobre o tempo, foi que me dei conta de algumas particularidades, a partir das quais pude ver o que aprendi com ele.

Nasci em um tempo que, no Brasil, ainda predominava a população rural, cujos habitantes viviam de forma simples, sem uso de tecnologias avançadas. No fim da década de 50, foi o período no qual se intensificou o processo de transformações nas áreas de infraestrutura (rodovias, aeroportos e hidroelétricas), de modo a consolidar, nas décadas seguintes, mudanças na configuração socioeconômica do país.

Naquele tempo havia orgulho do nosso país. As pessoas tinham ideais e lutavam por eles usando as armas que acreditavam ser as melhores para vencer a guerra contra a ditadura, como a música, o cinema, o teatro, as artes em geral.

Nas décadas de 60 e 70 começaram as mudanças na revolução sexual, no feminismo, nos movimentos sociais e os jovens tinham ideais de liberdade. As bandas internacionais e nacionais tocavam boas músicas, dançava-se e cantava-se ao som dos Beatles e da Jovem Guarda. Foi um período de evoluções tecnológicas, a exemplo da TV, através da qual se via os festivais de músicas, ainda em preto e branco, em que despontavam artistas, com qualidade musical, que resistem ao tempo, a exemplo de Elis Regina, Gilberto Gil, Caetano Veloso... .

Acompanhei pelos meios de comunicação de comunicação da época (rádio, tv, jornais e revistas) importantes avanços, como o surgimento da informática e da internet. Jovem e com curiosidade própria de quem tinha sonhos a realizar, queria saber o que acontecia no Brasil, mesmo que algumas notícias chegassem com atrasos, mas era por meio delas que se podia gerar expectativas em um futuro melhor, com educação formal e emprego.

Vivi muitos anos numa sociedade na qual havia respeito, principalmente pelos mais velhos, porque se reconhecia que eles tinham mais experiência de vida e sabiam sobre o certo e o errado, pois haviam aprendido com o tempo.

Até poucas décadas atrás aprendia-se sobre ética, com a educação vivenciada no ambiente familiar, onde se tinha como base valores e princípios que formavam o caráter de uma pessoa. A escola era o lugar de transmissão e assimilação do conhecimento. E sabia-se, que o saber era poder.

Namorei e me casei num tempo em que as distâncias que separavam os casais apaixonados eram medidas em quilômetros e milhas, e as cartas enviadas pelos correios era o elo que os aproximavam. Mesmo chegando com atrasos, era por meio delas que se contavam as novidades e se reafirmavam as juras de amor, mesmo que o tempo e a distância, por vezes, mudassem o rumo dos sentimentos.

Toda criança tinha o direito de brincar na rua com os amigos, também tinha deveres e horários estabelecidos para estudar, dormir e se alimentar. Na adolescência, aproveitava-se para viver intensamente o que se podia, sem conflitos interiores com os limites estabelecidos pelos pais, nada demais, pois era o desafio era viver intensamente aquela fase de aventurar-se, era o tempo das utopias. Desde muito jovem havia a compreensão de que era preciso ter-se objetivos e estabelecer um tempo para conquistá-los. Na vida adulta, sabia-se da importância de trabalhar para autossustentar-se e que haveria um tempo até se aposentar.

Sou de um tempo no qual se aprendia a dar valor ao que não tem preço, a exemplo das amizades leais, do respeito e a valorar o que tem preço, pois se comprava apenas o que se precisava e se podia pagar, sem a pressão e as facilidades da sociedade de consumo.

Aproveitei bem um tempo que era bonito sonhar, apreciar o belo, contemplar a natureza e preservá-la. Era natural se emocionar com conquistas, como passar no vestibular – após enfrentar uma concorrência alta para ingressar em uma Universidade pública, nem sempre no curso de vocação, mas o que era possível frequentar por questões de logística, por exemplo. Nesse tempo, as ações do presente eram responsáveis pelas conquistas do futuro.

Aprendi que o tempo passa, e além de não voltar, leva muitas coisas, também traz referências para o processo de aprendizado, e é exatamente isso que ele nos ensina, aprender a viver cada tempo, com a sua realidade.

Nestes tempos modernos vivemos numa democracia conturbada, pessoas sem propósitos, as músicas e os artistas são incontáveis, mas a qualidade e as letras são questionáveis, há pouca poesia. Ainda há rock, mas o funk lidera. A modernidade transformou cartas em e-mails, a velocidade e a amplitude das informações chegam a nos confundir sobre o que é verdade ou *fake*, os meios de comunicação estão na palma das mãos, no celular. O fato é que, nessa sociedade líquida, tudo é fugaz, sem importância ou valor. Sabe-se muito, sobre quase nada. E que novidade contaremos daqui a algum tempo?

Diante desse contexto, a máxima é que se viva cada momento como um presente, já que o futuro é incerto, as mudanças são imprevisíveis e as inovações têm o poder de alterar os rumos, mesmo aqueles traçados com prazos definidos no tempo e no espaço.

Diante disso e, já que as circunstâncias mudam com o tempo, devemos ter cuidado com o que fazemos como pessoas deste tempo, de modo a deixarmos marcas indeléveis, aquelas que o tempo não apagam.

E quer saber, o que melhor aprendi nessa viagem no tempo é que a felicidade é atemporal e sentida a qualquer hora e em qualquer lugar.

Iêda Chaves Freitas

15.09.2022

Órbita Social

A vida é uma oportunidade dada ao indivíduo para que ele experimente um pouco dos elementos disponíveis no universo, incluindo a natureza, com finalidade de preservação das espécies e a autopreservação. Com base na teoria comportamental, o homem é um único animal do reino que tem a capacidade de raciocinar e decidir, o que deveria, em tese, ser ótimo, porque dentre todas as alternativas não escolheria a opção prejudicial à saúde. Neste sentido, a humanidade vem pagando o preço por cada passo em falso, e a medida que avança em estruturas físicas e tecnológicas engessa os princípios e valores morais e éticos, mesmo com prejuízo do bem comum. A coletividade é a base social, não o contrário. Como foi dito, o homem se perdeu no caminho por pensar e agir individualmente, em busca de seu próprio Vale do Silício, às custas da destruição em massa. São tantas atitudes umbilicais, e como resultado tem-se um movimento de rotação egocêntrica. Tudo gira em torno de um determinado indivíduo ou grupo, o resto que amargue. É lamentável assistir pelo esquadro a dilapidação da natureza, a desumanização do animal racional, o homicídio da ética, o desmame da solidariedade e o patriotismo ao poder. A vida, nesse sentido, passou a ser um mosaico de desafios, uma guerra de sempre, pois não é possível sobreviver na sociedade do caos sem dano colateral. E, falando em dano, a órbita social encontra-se, nesse momento, parada e distante do indivíduo. Uma exclusão sem precedentes, amparada pela lei do retorno: causas e consequências.

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador/BA.

Por outros tempos, uma década atrás, tive um ex-cunhado que, verdade seja dita, era um habilidoso marceneiro, com entalhes interessantes e sua marca em casas de gente exigente se fazia mostrar bem como seu preço cobrado a peso de ouro. Amigo íntimo de uns pileques, havia casos em que se dava ao luxo de recusar clientes por pura vaidade e pagava caro quando os trabalhos rareavam por se rebaixar a fazer valer seu nome com orçamentos medíocres a troco do sustento. Isso porque insistia em fazer a segunda-feira parecer domingo em semanas que uma vez curtas não fechavam diante dos gastos que reclamavam trabalho no primeiro dia delas.

Certa feita me chamou para ajuda-lo em um serviço na casa de um promotor de justiça, ele se empolgava com essa gente e até usava o nome deles nos botequins e portinhas de venda de aguardente não sem antes se encharcar à larga. Dai que ele me chamou para um serviço orçado em elevada quantia, num suntuoso apartamento, eu disse casa, mas me enganei, e promovendo a quebradeira para preparar o novo ambiente, fomos interrompidos para buscar material em uma madeireira na área central da capital. Rua Rio Grande do Sul, especificamente, Ah! O Bairro eu não lembro mais, mas era saindo para Nova Lima depois de passar pela Savassi, lá pra cima. Lugar de gente sem preocupações financeiras.

A coisa estava indo bem e o Nobre Marceneiro, o nome dele? Jaci, pois é. O Jaci fez elevada compra com necessidade de ser lavada em um carro de praça pago, essas camionetas aí, tudo ajustado e faltava pagar e sair, quando ele pediu para usar o banheiro da Madeireira, e enfiou lá pra dentro, fez o que tinha que fazer e já voltando foi reconhecido pro um antigo funcionário, como sendo alguém que deixou uma conta antiga sem pagar. Este foi ao patrão lhe clareando a memória. Então tudo mudou. O patrão chamou o promotor e disse que cancelaria a compra por não vender para o Jaci e o promotor engrossou o caldo dizendo que a compra era dele, mas o dono do comércio bateu o pé e disse que dali não sairia nada para alguém que foi um dia embora de lá como caloteiro. Por longos minutos travaram acirrada discussão e o promotor tentou pegar mais leve e nada dissuadiu o dono da madeireira a vender pra ele que ficou aborrecido, contudo, de pés e mãos atadas.

Próximo da hora de fechar o promotor ausentou-se para esfriar a cabeça quando voltou havia deixado seu carro dentro do estabelecimento e veio um funcionário pedir que o retirasse. Novo dissabor e ele não poupou o funcionário dizendo que aquele caro só sairia da li quando ele resolvesse. O impasse era acompanhado por mim e pelo Jaci que nada dizia, sabendo, entretanto, ser o causador do problema. Sem vontade de colaborar na retirada do seu veículo o promotor foi lá para esquina e quando voltou vou seu carro atravessado do lado de fora. O dono mandou uns dez funcionários arrastarem e ainda ficou atravessado e todos tinham caído fora com a loja fechada. Ele foi embora espumando e em quem pesasse estar sua casa toda bagunçada dispensou eu e u Jaci dois na hora e ainda aconselhou que ficássemos fora do seu caminho.

Hora de *arrumar* a casa

O machismo será o tema norteador do meu próximo romance, em processo de escrita há meses. Escrevo sobre o que me incomoda e essa é uma das questões mais graves, complexas e difíceis de mudar e que precisam desesperadamente ser mudadas!

Quem me conhece intimamente sabe que não suporto Jair Messias Bolsonaro (que de “messias”, vamos combinar, não tem nada), que considero uma criatura desprezível, abomino praticamente tudo o que ele faz e diz. Mas por mais repugnante que esse indivíduo seja, uma coisa temos que compreender: Bolsonaro não criou o machismo, o racismo, a homofobia. O que ele fez foi escancarar as portas, com seu orgulho descabido, para que os preconceituosos se sentissem acolhidos e à vontade para “sair do armário”, para colocar de lado a máscara do “politicamente correto” e esbravejar o que realmente pensam e são.

É muito fácil identificar um bolsonarista, ainda que ele não se assuma como tal. Porque bolsonarismo é sinônimo de um modo muito específico de ver a vida. Cinco minutos de conversa é mais que suficiente para evidenciar quando estamos na companhia de um: são pessoas que acreditam que homens são superiores às mulheres, que brancos são superiores a negros, que homossexuais precisam ser curados, que a culpa de tudo de ruim é do PT e que se importar com os outros é sinônimo de ser comunista. Socorro!! Essa mentalidade horrenda dói fisicamente em mim.

Quando vai cair a ficha que ninguém é superior a ninguém?

Independentemente de o atual presidente ter realmente levado uma facada em 2018, às vésperas das eleições – ou de ter sido uma estratégia muito bem bolada para encobrir uma cirurgia necessária por um antigo problema de saúde e colocá-lo em posição de vítima, e assim favorecê-lo no pleito presidencial –, o fato é que Bolsonaro, volta e mexe, está no hospital com uma “obstrução intestinal” e, uma hora dessas, pode morrer (não que eu esteja torcendo por isso, longe de mim). Tecnicamente, cada um de nós pode morrer a qualquer instante, mas isso é outra coisa... Seja como for, a questão é que, mesmo que Bolsonaro morra, não vão morrer de golpe as dezenas de milhões de bolsonaristas que se identificam com sua mentalidade mórbida. Mesmo que Bolsonaro morra, o bolsonarismo não vai morrer. Virão outros para defender suas ideias distorcidas.

Nossa sociedade está doente, o caso é gravíssimo e não vislumbro nenhum tratamento a curto prazo. E quando o assunto é machismo, com a chegada do bolsonarismo, fomos parar na UTI. Desigualdade salarial, violência contra a mulher, objetificação sexual, assédios, abusos, estupros, feminicídios. Agora está tudo

descarado, presentes na nossa rotina – se não vivemos na carne, ao menos tomamos conhecimento de denúncias diárias. Os bolsonaristas batem no peito para dizer que “as mulheres são inferiores, ficam de mi-mi-mi, não reconhecem o seu lugar” (abaixo deles, no caso). Até aí, OK, porque é mais fácil brigar contra um machismo exacerbado, vindo de homens (boçais), sobretudo estranhos. Mas, e quando o machismo está ao nosso lado, quando ele parte de pessoas próximas por quem nutrimos carinho? O que fazer quando ele vem do pai, do tio, do irmão, do sobrinho, do filho? Pior ainda, o que fazer quando a gente enxerga o maldito machismo estampado em atitudes das mulheres com quem convivemos, mulheres batalhadoras, que amamos de todo coração e que admiramos pra caramba?

O pior machismo, penso eu, é o machismo cultural velado. Tão sutil que às vezes nem a própria pessoa percebe (nem a que sofre o machismo, nem a que é machista). Esse machismo estrutural está institucionalizado, arraigado na nossa sociedade em pequeníssimos e infinitos detalhes do dia a dia. Crescemos em ambientes em que “isso é coisa de mulher”, “isso é coisa de homem”. Apenas um exemplo: as tarefas domésticas. São “coisa de mulher”? As mulheres por acaso gostam mais de limpar a casa que os homens? *Os pobrezinhos não levam jeito, fazem tudo errado, mal feito, raramente tomam a iniciativa de limpar, enquanto as meninas fazem sem a gente ter que pedir.* Por acaso elas *enxergam* mais que eles? Ou é muito mais cômodo “não enxergar”? Qual é o nome disso, se não é *machismo*? Até quando vamos continuar reproduzindo comportamentos machistas dentro da nossa casa, fingindo que não é? Até quando vamos agir como se isso fosse *normal* e certo? Até quando vamos contribuir para que as mulheres continuem ocupando um lugar de submissão, como serviços de nossos lares, lares que TODOS habitam e sujam?

Não tenho respostas para todas essas perguntas, o que me sobram são dúvidas e uma vontade latente de que isso mude, que a gente encontre um jeito de fazer diferente, de ajustar os ponteiros sem destruir ou magoar as pessoas que amamos – mas chega de nós sermos magoadas! Porque, no fim das contas, todas queremos o mesmo: igualdade de direitos e oportunidades. Ser tratadas pelo que somos: nem superior, nem inferior a ninguém.

Talvez nossa maior contribuição – a mais simples e também a mais complicada, porque exige pulso firme e muita persistência (o processo pode ser desgastante, mas é necessário!) – seja a gente conseguir colocar em prática essa mudança dentro da nossa casa. Nossa casa é a célula. É imprescindível que cada célula fique sã para que o corpo se cure da doença. Bora *arrumar* a casa?

Joice Lima é bacharel em Jornalismo (UFSM), licenciada em Teatro (UFPEl) e especialista em Educação (IFSUL-

Pelotas). É servidora pública do Município. Também é atriz, diretora de teatro e dramaturga. Têm publicados quatro romances solo: os dramas contemporâneos *Café Cortado* (2021) e *Hortênsias de Agosto* (2018); o autobiográfico *Uma gaúcha em Madri* (2008) e o *thriller psicológico Amor doentio de mãe* (2006), além da comédia teatral adulta *Depois do Happy Ending* (2008) e de integrar as coletâneas *De Quatro* (2021) e *Dramaturgia em Processo* (2010). Mora em Pelotas/RS.



Foto de Laureano Bittencourt

Veja suas cicatrizes

Veja suas cicatrizes, se for necessário reveja seus passos também.

Lembre-se que olhar para trás não tem problema, a questão é repetir as mesmas atitudes esperando resultados diferentes.

Não se iluda ao esperar algo diferente se não muda o jeito de caminhar.

Entenda, os acontecimentos foram necessários mesmo que isso tenha quebrado o seu coração.

Ainda que a distância possa lhe trazer um fio de esperança, na verdade nada voltará a ser como foi.

A decisão de ficar ou partir foi feita antes mesmo de tudo acontecer.

A decisão de expor o que se sentia em palavras, nem sempre condiz com as atitudes apresentadas.

Tudo não passou de uma diversão, um passatempo ou apenas mais um em meio a toda aquela multidão.

Um jogo perigoso em que se quis arriscar.

Não importa mais, o que tinha que acontecer, aconteceu e não sobrou pedra sobre pedra para contar história.

Permita que a chuva te lave e leve para longe tudo aquilo que não lhe cabe mais.

Independentemente do que aconteceu, um aprendizado lhe foi imposto.

Nem toda batalha se ganha, mas com ela vem algo muito precioso.

Os dias passarão como num piscar de olhos e tudo ficará bem.

O tempo é o senhor da razão e ele lhe ensinará na prática o que por vezes na teoria não quis dar atenção.

Apenas não se torne tudo aquilo que um dia odiou e quem lhe feriu.

Aproveite o hoje e siga em frente.

Karol Costa

Vai Desistir? Não vai não!

Muitos desistiram de tudo e de todos.

Alguns pelos sofrimentos, outros pelas ausências, outros pela carência, outros pelas mentiras, falsidades e traições, outros ainda pelos desenganos.

Mas será que foi para isso que viemos? Para desistir?

Não seriam essas coisas testes, provas que cada um tem que superar?

Superar seus medos, suas mágoas, suas fraquezas, superar as mentiras de nossas vidas que só nós sabemos.

A prova maior sempre será a prova do espelho.

Ser capaz de olhar a si mesmo e com o reflexo conversar, sorrir e falar, eu sou eu, sim com meus defeitos, meus problemas, mas também minhas virtudes.

Não vim aqui para desistir não, e mais, vim também para impedir que outros desistam.

Então pare de trelelê e mimimi. Levante a cabeça e aceite e enfrente o que a vida lhe oferece.

E nunca desista de tentar ser feliz.

Autor: Magno Quadros

Questionamento

Somos aprisionados pelo sistema educacional que procura nos doutrinar, e nos mostrar como não ser livre, como não se comportar como um narco-capitalista. Essa baliza não é ideológica, mas uma ideia de organização social do livre mercado, na qualidade dos serviços justos; na saúde de um povo que sofre pela ineficiência do Estado. Essa inocuidade está aí a 500 anos, desde a chegada dos Portugueses nas terras tupiniquins, e parece que vai durar no mínimo mais 500!

Uma sociedade libertaria não pode ser confundida como uma sociedade sem classe, mas uma instituição que luta para preservar o cidadão, e isso acontece desde a Idade média onde alguns senhores feudais faziam as intermediações entre o Rei e os camponeses, o homem livre, com a intensão de libertar ou mesmo a ideia de que o mundo fosse melhor, menos ditatorial.

O narco-capitalista preconiza a família, a sociedade por excelência, se opõe ao abuso da relação entre homem e Estado. Principiológicamente busca na incerteza a injustiça, a luta pelo fim da bandidolatria; o sentido para tudo que acontece, e muitas vezes a percepção está em saber diferenciar o certo do errado, o justo do injusto.

As mudanças acontecem todos os dias, é um fenômeno que parece não ser irreversível, inconvertível, não interessa quem esteja liderando; a verdade é que a história está sendo mudada, para pior! Ou para melhor! Não sabemos e talvez jamais chegaremos a saber.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)



Foto: © Marise Castro

Ensaio



Foto e Arte por Marise Castro

Arte Pra Quê?

Escolher a Arte como suporte de vida é saber esta vida com belezas e dores. Por essência, a abstração dos sentimentos que a envolve não desperta interesse em muita gente. A Pintura, a Gravura, Escultura, o Teatro, a Dança, Cinema e Música (as três últimas pensadas como produções de expressões artísticas, longe da prática para consumo), são quase restritas a um público específico que teve acesso a conhecimentos fundamentados sobre elas. As escolas têm em seus currículos a disciplina Artes como obrigatória, mas o seu conteúdo é planejado apenas para “constar” da obrigatoriedade, sendo matéria que não reprova. Raríssimas são as que a tratam como relevante para a construção do pensamento crítico e conseqüente formação do aluno como um ser político no mundo. Em muitas dessas escolas Professores de Artes se veem na condição de “organizadores de murais”, “decoradores” de festas juninas, Natal, Dia das Mães e segue. Além do fato de se verem classificados como “professores de submatéria” pelos próprios pares, é bastante comum vermos pessoas referindo-se à disciplina como “recreativa”, “pausa nas matérias conteudistas de ‘relevada’ importância”, entre outras interpretações depreciativas.

Levantarei aqui breves questões sobre as Artes Visuais, disciplina com a qual trabalho. Ressalto que o que precisamos lembrar é que a Educação Artística, para além do seu conteúdo teórico, que é importante como fonte de referência e conhecimento, carrega no seu processo de condução à criação a necessidade de promover a observação, o pensar, a contextualização (histórica, social e antropológica), para então, com os conceitos de História da Arte aprendidos, facilitar a construção, e não apenas o absorver teores. As experiências vividas pelos alunos durante as práticas artísticas, aquelas em que eles podem desenvolver a sua autonomia, são absolutamente relevantes para o seu crescimento enquanto produtores de ideias e, conseqüentemente, virem a tornar-se sujeitos críticos das suas construções e dos outros. Essas experiências trarão, também, posteriores enriquecimentos ao aprendizado geral, a partir do momento em que ele apreende a necessidade do pensar para intuir e realizar.

Mas, afinal, para que a Arte?

Primeiramente, precisamos dissociar a palavra Arte da palavra Museu. A Arte não está restrita apenas a este espaço. Ela está presente tanto no teclado no qual digito esse texto quanto no quadro que ornamenta a minha ou a parede do leitor. Também é preciso pensar que, ademais do exprimir sentimentos e percepções do mundo, nos valem da Arte para expor a visão do momento em que vivemos e que contará adiante sobre nossos tempos, haja vista a Arte Rupestre, que muito nos revelou sobre o homem pré-histórico, por exemplo.

Dito isso, é válido salientar que, além de servir à apreciação estética, à livre expressão e à historiografia, a Arte Visual está presente em todos os momentos do nosso cotidiano, tais como: na casa onde moramos, no design dos seus móveis, utensílios, eletrodomésticos e eletrônicos, objetos de decoração e têxteis que a compõem; no paisagismo das ruas onde estão localizadas, nos veículos que transitam por elas; no jogo de videogame de toda criança, jovem ou adulto e no jeans que usamos, enfim, para tudo o que nos cerca, temos a criação de um artista visual. Os engenheiros e arquitetos precisam do desenho geométrico tanto quanto os cineastas e figurinistas precisam do desenho livre para apresentarem seus projetos. Como, então, não ser necessário aprender sobre o que nos rodeia?

Certa vez um aluno do Ensino Médio, rolando a tela do celular enquanto falava - num provocativo desdém, questionou o porquê de ter aulas de Arte. Não via a menor importância na matéria. Aproveitei o mote de ele ter o telefone em mãos e comecei a falar sobre os ícones, que identificam cada aplicativo, que estavam contidos ali. Alguém os tinha pensado e desenhado. Mencionei o modelo daquele aparelho usando o mesmo argumento. Como poderia não haver importância em algo que o levou a escolher determinado tipo em detrimento a outro? Ele compreendeu, sem que precisasse me alongar. E eis que ao solicitar uma atividade com tema livre em formato de projeto, e respeitando a autonomia e método individuais, o aluno surpreendeu apresentando um excelente trabalho de criação sobre ícones, símbolos e signos, além de trazer uma pesquisa muito bem fundamentada. A conversa e a pesquisa permitiram a construção do pensamento e o conhecimento enriqueceu sua produção. Esse é apenas um dos muitos exemplos em que o protagonismo (autonomia) do aluno nas ações artísticas práticas estimulam a criatividade a partir do raciocínio. O professor age apenas como um facilitador para a execução dessas ações.

Finalizando esse esboço de artigo, digo que não, não é a Arte a grande “redentora” das dificuldades de assimilação do aluno, mas a que propicia um caminho, de maneira lúdica, para tal.

“A arte existe porque a vida não basta” (Ferreira Gullar)

Sugestões para leitura:

- História da Arte - Graça Proença
- Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte - Ana Mae Barbosa
- A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho - Fernando Hernandez

- Pedagogia da Autonomia - Paulo Freire

- Como Estimular um Olhar Curioso e Investigativo nos Alunos dos Anos Finais do Ensino

Fundamental - Carlos Arouca

Marise Castro – Professora de Artes Cênicas e Artes Visuais

& cursando Artes Visuais/Escultura - UFRJ

Fatos tecnológicos e sociais, uma visão técnico-científica da poluição eletrônica

Mikael Mansur Martinelli

Ciência, tecnologia e inovação são fundamentais no desenvolvimento da sociedade. Por meio da ciência a humanidade compreende um pouco mais sobre a natureza e os impactos que as tecnologias exercem nela. É por meio da ciência que podemos melhorar nossa qualidade de vida e novas adaptações a impactos ambientais.

Por meio dos série de métodos e instrumentos, a ciência nos permite analisar o lugar onde estamos e ver além do nosso futuro. O empreendimento científico e tecnológico do ser humano ao longo de sua história é responsável por tudo que a humanidade construiu até aqui. Por meio da tecnologia a humanidade de aproximou, os primeiros rádios e televisões, criavam reuniões com mais diversos grupos, hoje a mesma tecnologia que nos aproximou fisicamente é a mesma que nos distancia fisicamente, mas não visualmente.

A energia renovável é das tecnologias mais óbvias, quando pensamos em sustentabilidade, mas não podemos deixar de fora dessa lista as fontes renováveis como energia solar, eólica e hidroelétrica que tornaram-se muito mais difundidas e baratas nos últimos anos. A tecnologia eletrônica está avançando também. As empresas de Tecnologia Artificial criar regras para controlar os cortes de emissões de gases poluentes de seus produtos e devem estar sempre atentos a leis e regulamentações que venham impactar o meio ambiente. Toda sua produção se atenta a como se produz, compra e descarta. Assim, várias empresas geradoras desse lixo tecnológico tomam para si a responsabilidade de recolhê-lo e fazer o descarte correto, também é possível descartar os seus eletrônicos através das PEVs (Ponto de Entrega Voluntária, onde cada empresa recolhe, preferencialmente, o lixo que ela produz, como as farmácias que recolhem medicamentos vencidos ou sem interesse de uso, bateria, cabos e outros eletrônicos por empresas da área de TI.

Grandes empresas buscam garantir interesses e selos que comprovem a

sustentabilidade ambiental, a identidade sustentável é tanto para competir com para sinalizar uma virtude aos consumidores, que cada vez mais procuram tecnologias sustentáveis. As assinaturas eletrônicas, gestão digital de documentos, computação em nuvem, uso de energias renováveis e recolhimento para reciclagem de materiais são cruciais para a renovação e atuação da empresa no mercado.

Os Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrônicos (REEE) ou, simplesmente, lixos eletrônicos são todos os dispositivos eletroeletrônicos, como: celulares, tablets e computadores a TVs, lavadoras, geladeiras, etc., descartados por seus donos devido a problemas ou desuso relacionado a atualização de equipamentos. Os equipamentos elétricos e eletrônicos possuem diversos componentes tóxicos em suas estruturas e se descartados de maneira incorreta, podem contaminar animais, solo e lençóis freáticos, entrando na cadeia trófica e prejudicando a saúde o bem estar e plantas e animais. A responsabilidade desses materiais é inteiramente dos próprios fornecedores.

Para que todos fornecedores cumpram com suas devidas obrigações criam-se leis, nos mais diversos âmbitos, para que as empresas desenvolvam estratégias de retorno tanto de embalagens como dos próprios eletroeletrônicos. Fica a cargo do município, o papel de fiscalizar e estabelecer tais regras.

A desconhecimento e, também, a falta de interesse no funcionamento da reciclagem são preocupantes, no Brasil aproximadamente 3% do lixo é reciclado. As autoridades mundiais estão cada vez mais preocupadas com esse baixo índice de reciclagem. Se a cada ano aumenta a oferta de novos eletrônicos, aumenta assim o consumo e a produção, aqueles eletrônicos que não são mais usados muitas vezes são descartados incorretamente.

Pessoas e empresas hoje funcionam exclusivamente com material reciclado, placas de computadores e celulares por exemplo, são desmontadas peça por peça, separadas por categorias e entregues cada material a empresa especializada na reciclagem ou descarte desse material. Muitos desses materiais são reciclados e usados na fabricação de novos produtos, evitando todos um ciclo de extração e produção de novos materiais.

O ensino de uso e reuso de tecnologias nos faz pensar em um mercado com melhores tecnologias, e também, mais baratas, criando uma ponte entre tecnologia e sustentabilidade, que é um mercado em expansão e duradouro, pois não há prejuízos de materiais, e sim, um reuso do que já temos.



Foto: © Marise Castro

Poemas



Escritora e Poeta de Arauá/SE. Pedagoga e Historiadora/UFS. Pós-grad. em História. Mestranda em Educação Superior - FUNIBER. Professora do Estado e Município - Sergipe - Membro da Academia Independente de Letras/AIL, da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo/AILAP. Acadêmica da FEBACLA. Dhc. Em História e Literatura – FEBACLA; Autora dos livros Coração poético, Volumes 1e 2/Versejar.

A saíra emudecida

Cala o seu canto, a doce saíra-apunhalada
Já não chilreia sobre as árvores nordestinas
E a Mata Atlântica, a cada dia mais “calada”,
Perdeu suas notas nas alvoradas matutinas.

Seu belo silvo já não faz nenhum lamento
Sobre a ausência do ser amado na clareira
Enquanto faz seu solitário forrageamento,
Evidencia quanto a felicidade é passageira.

Tal qual o amor, entra na lista de extinção
A graciosa sonata da endêmica “Neimosia”.

Emudecendo, o som de formosa distinção,
Deixa a floresta sem a mais suave poesia!

Adriribeiro/@adri.poesias

Poema de alerta para o risco de extinção da Saíra-apunhalada.

Uma espécie de ave endêmica nordestina que está desaparecendo da Mata Atlântica.



Alegria Mauro T. Manuel =AM=, escritor e poeta de nacionalidade angolana, formado em engenharia de geologia, participou da antologia angolana N'zila – Caminho do sonho e nas antologias Brasileira Encantos Nordestinos, Taverna Poética, Cartografias do coração e antologia Pessoa, é representante da revista THE BARD em Angola e também coordenador do projecto chá da vida na sua cidade.

ESPERANDO

Senhora meu amor
A lua cansou-se de tanto esperar
Agora despede-se para dormir
As estrelas com sorriso fingido
Viajam uma por uma

Deixando o poeta agasalhando a solidão
No palco dos amores
Pizando flores
De quem deseja amar

Senhora meu amor!
Até quando poderei esperar
Os ponteiros cansaram-se

O relógio na rua
Já não funciona mais
O perfume que usei
Já não o sinto – perdeu-se no tempo
As flores que trouxe
Já não são as mesmas
No relógio dos apaixonados
Marcam já 100 horas da noite
Dando os últimos suspiros do dia
O poema que gravei
Sai pelos lábios
Sem ouvidos para ouvir
Sem olhos para testemunhar

Até a jasmim,
Rosa e orquídea
Perdem o brilho
Vivendo longe do beijo.

14-10-2017

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PMQOR; Ex-Diretor Regente da AMOS – Academia Musical Orquestra Show da PMMG; Bacharel em Direito; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Correspondente da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni – MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do título de Honra ao Mérito, concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG, pelo relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos!



INDECISÃO

O mundo está louco –
ou louco estou?
Se sou humano?
Não sei nem se sou!
Não falo – me calo!
Não aspiro – exalo!
Não ando – paro!
Ou... parem o mundo: quero descer,
Pois, sozinho, nada posso fazer!
Se sou um demente? – Talvez!
Se sou humano? – Nem bem sei!
Só o que sei – e quero dizer:
-Parem o Mundo: Quero Descer!...

Ana Clara Brustolin Szlachta

E-mail: anaclara.brs@gmail.com e [ana.szlachta@edu.](mailto:ana.szlachta@edu.colegiolondrinense.com.br)

colegiolondrinense.com.br

O Depois

Por que você quer que seja um infarto?

Se eu entrar naquela porta, você vai ser o prejudicado?

Por que você diz das nossas memórias

Quando sabemos que foram intenções compulsórias

e devemos fazer delas eliminatórias? (é pergunta, né?)

Por que tenho medo de entrar em um aplicativo?

Porque talvez seja você o motivo

Por que tenho que ver

o seu relacionamento que tento esconder?

É... amigos não se olham desse jeito

Mas por que surge esse efeito?

Por que eu tiro proveito

e quase me atiro do parapeito?

Por que não importa o que aconteça,

é você quem não me sai da cabeça?

E é sempre você quem eu espero que apareça

mesmo que eu estremeça

Por que tinha que ser justo você

a pessoa certo no momento errado?

Por que tinha que ser justo você

o alguém que ia dizer

«Foi bom enquanto durou»?

Por que tinha que ser justo você
o ser que me fez enlouquecer
com as suas provocações de me conhecer?

Por que não importa a distância
ou até mesmo a circunstância
Vamos sempre voltar para a mesma implicância?

Por que você me olha através da sala?
Com aquele seu jeito mandala
Que está sempre me tirando a fala?
Com esse seu humor sarcástico que exala?
O quanto você resvala
Mas mesmo com tudo isso, não deixa de ser a minha bengala?

A voz do verso

(Grinalda de Trovas)

Andréa Abdala, Cantares Campos e Marcelo Marques

Escrevo com pena forte,
como a Lua quando fala
e nunca perco meu norte,
mesmo quando verso cala.

Mesmo quando o verso cala,
inda que faleceu sorte,
a poesia me avassala,
paixão de vida ou de morte.

Paixão de vida ou de morte,
a inspiração me embala,
para que a alma me exorte;
sentimento que resvala.

Sentimento que resvala
em tudo o que se aporte,
é quando a alma se exala
sendo céu o meu consorte.

Mesmo quando o verso cala,
paixão de vida ou de morte,
sentimento que resvala,
sendo o céu o seu consorte.

Força Feminina

Angela Ferreira

Por baixo de tecidos
Há um corpo que padece
Sonhos arrefecidos
Muitas vezes parece

Envoltas no véu da dor
Cinza, a cor do firmamento
Fel, o sabor do amor
Sufocado lamento

Jamais desistir de si
De mãos dadas, orar
Livre como colibri
Sempre bom esperar

Com palavras descrevo
Seu destino traçado
Tempo seja longo
Há alguém ao seu lado

No poema, na luta
Em apoio a causa
Força da natureza
Sem trégua, nem pausa

Agirá, certamente
Cuidando de todas nós
Mulheres fortes, sábias
Não cessemos nossa voz!

IMAGEM E SEMELHANÇA

Angela Ferreira

origem esplendorosa
reverbera o verbo
santíssima felicidade

ELUCUBRAÇÃO

Angela Ferreira

enquanto voares, vives
souberes, não serás dominado
resistires, estarás livre

Escritora e poeta, autora do livro *Aflorar Poetrix* (Scortecci/2022) participou de diversas antologias e coletâneas, membro de cinco academias e da confraria literária *Ciranda Poetrix*, publicações em revistas, blogs, redes sociais, participou de contação de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zummm 87,5 FM pela APEOESP. Instagram: @angela.ferreira3



*O poema **Força Feminina** faz parte da **Coletânea Mulherio das Letras para Elas – Amare**
Editora, Ser MulherArte editorial / 2021

A PALAVRA PROFERIDA

Linguajar que nos conduz a quase tudo,
Comunica e nos leva à paz querida.
Denota, enfim, o que somos
A palavra proferida.

Ensina-nos o bom caminho
Em conselhos e guarida,
Mas também sempre ofende
A palavra proferida.

Veza por outra nos abala
Comunicando aguerrida:
Um adeus! Triste amargor
Da palavra proferida.

Deixa-nos em recordações contar
Tantas emoções vividas...
Deixa eco a ressoar
Belas palavras proferidas.

Palavras que guiam e ensinam...
Palavras sempre benditas..
São essas imagens divinas
A palavra proferida.

Palavras que agonizam,
Maltratam, ferem inseridas,
Quando o uso é indevido

Da palavra proferida.

Não fosse esse comunicar

Como seria essa lida?

Talvez forma tão vulgar

Sem palavra proferida.

Antenor Rosalino

CANDURA

Candura: (à) (há) uma poesia simples.
Não farta de si - inesgotáveis seus elos em textos -
em si mesmo é, na sua honra de ser.

Céu azul,
água límpida,
clarão do imaginável,
e nuvens de algodão doce.

Toda a humanidade tece o conceito do amor.
Porque então destecem lapsos de memória?

Antonio Jadel

Antonio Jadel de Brito Mendes

OAB/SP 120.278 - CRA/SP 76.180

ajadel@uol.com.br / ajadel@aasp.org.br

cel.(11) 99520.1391 / **AJ - ADVOCACIA** - www.ajadel.com.br



Ariane de Medeiros Pereira gosta de traduzir a vida em poética de um modo simples e alegre. Perceber os seres e a natureza a fascinada e as horas passam.

Viver para mim

Ariane de Medeiros Pereira

Enebria em seu mundo a bailar
O colorido se fazia morada nas mais tênues palavras
Gostava de admirar a beleza da vida, em sons e em emoções
Acabou apreciando demais e se perdeu em seu gosto

Quando percebeu já tinha que reordenar seu métier
Que havia ficava cabalando entre aqueles ritmos
Não foi levada em consideração em suas sensibilidades
Aprendeu a se tornar angustiada e melancólica

Interessante que seu luto não durou por demais
Certo dia, resolveu que a vida valia a pena
A sua maneira, sem pressa, obrigações ou espera
E partiu em uma nova aventura sensível!

Dicotomia em evidência

Ariane de Medeiros Pereira

Era tarde ou cedo demais
Era pontual ou atrasada demais
Era o amor ou ódio em fervor
Era a angustia ou acalmaria a cantar

Nesse era ou não era
Reolveu sua dicotomia
Com uma nova promessa de vida
Que espalhava o renascer da morada

Tudo se fazia magia naquele pequeno ser
Que teimava em ver o melhor da vida
Mesmo quando tudo era escuridão
E daí, ela tinha a sensibilidade de se transmutar!

Arrumar a casa

Ariane de Medeiros Pereira

Era uma confusão sem fim
Espalhado pensamentos, amores e desamores
Não sabia se ia ou se vinha
Os pensamentos se embaralhavam, e não conseguia decifrará

As teias eram tamanhas que amarram um elefante
Mas, não se sabia como ordenar
Juntou tanta poeira e insetos
Que no final a casa estava cheia

Foi necessário reorganizar aquela bagunça espiritual

Começou pelas gavetas do Eu interior

Não demorou a se distanciar e arrumar a paisagem

Ao final, a mudança era visível e ela voltou a si!

POESIA - ECOS DE AMOR...

Me abstenho de palavras requintadas
pra expressar o amor que me domina,
não importa o teor de minhas rimas,
simplesmente eu quero ser amada...

Que os meus versos sejam o clamor,
de um coração que bate no compasso
do anseio de aninhar-me em teus braços
e entregar-me plenamente ao teu amor...

Que a poesia que verte do meu peito,
encontre a ressonância que desejo,
que alcance a sintonia que eu almejo
e atinja a fusão do amor perfeito...

BRYZZA

Rocha Dura

Não são meus versos uma procura
De um amor de certa forma insano,
Tão pouco seja julgado como leviano
Que há muito na vida perdura.

Não é o coração uma rocha dura,
Indiferente a todo e qualquer dano,
Amor que persista não é profano
A alma o afirma de fonte segura!

Na poesia está ele bem patente
Quem a ler certamente também sente
O que se descreve na presente cena,

Composição bastante inocente
Que o poeta tem em mente
Não sabe ele, se a escrever, vale a pena!

Casmil, 23.08.2022

LEVEZA

Sou seguidora de teus passos
Mesmo por caminhos desconhecidos
Nas longínquas distâncias
Sob um sol causticante, ou, chuva torrencial
Estou em você e você está em mim
Na escuridão da noite ou em noite enluarada
Nos meus sonhos adormecidos
Ou, em meus mais despertos devaneios
Somos duas partes da mesma matéria
Extremidades interligadas pelas afinidades
Que ainda não sabemos, como e onde surgiram
Sobrevivem a todos os percalços, todas as lonjuras
Afaga a alma com a doce mão do amor
Ah, quão leve é o toque da mão, que arrebatou o coração
Que mágico é o sorriso no olhar, que leva o meu pensar
Aonde quer que você vá.

Cellyme

Virtual e real

O poeta
que existe
em mim
se inspira
em alguém
muito especial:
ela é real
no meu
mundo virtual.

Chico Legal

BARBANTE

- (B)oa leitura eu indico
(A) quem gosta de folhear.
(R)ecomendo esta revista
(B)em elaborada e apreciada
(A)qui e aonde quer que vá.
(N)ão percam esse precioso
(T)empo de lazer cultural...
(E) vejam que sugestão genial!

Abraços literários

Chico Legal

Linhas de Esperança

A vida traz alegrias
mas nem sempre é assim
As vezes fardos pesados,
faz-nos pensar que é o fim

Nos fardos que a vida impõe,
às vezes o doce azeda
Podemos contar com os ângulos
e aprender a chupar os limões

Dependendo do ponto de vista
transvestindo-se de criança
Se terce no peso do fardo
com as linhas de esperança

Na vida, ainda que bem vivida
fardos vem... fardos vão
E nada passa batido
O que não é benção é lição.

De Cirleide Campos

A nossa Alma fala

Claudio Trindade

Conexão espiritual

Algo que não se explica

O sentir divino

A intensão na ponta dos dedos

Na mente...

Coração pulsa mais rápido

Uma fala sem vozes

Somente alma

Incompreensível

Inusitado...

Eterno e inacabado

A emoção em transpor barreiras

Eis o grande segredo

Captar mensagens

Só seu coração explica

Fala... só ela,

A alma

BARBANTE & NÓ

Fazer-se presente na vida de alguém

Não é a vida do outro invadir

Fazer o bem sem olhar a quem

Somar, se alegrar e também acudir

Poucos amigos cabem nos dedos

As pessoas merecem respeito

A lenda de cada um e seus medos

Somos diferentes, cada um do seu jeito

Acolhimento é feito amor de casa

O ninho pode ser apenas um abraço

O amor real transborda e vaza

Saber ouvir, é um dom de Deus raro

Barbantes também tem nós tortos

Cuide de cada vida, bem tão caro

Cristina Gaspar

A SOCIEDADE DORME, A MATILHA CAÇA.

Dorme a sociedade,
enquanto a matilha
caça a presa,
o sangue não escorrerá
entre teus dentes imundos,
tentam incendiar os gravetos,
alisam e assopram,
o que se vê são os degraus
de um abismo,
quem dedicará olhos
para a grande massa?
A massa é invisível,
o estado precisa de luneta
para discernir sua insignificância,
o estado não bota os pés
nos guetos,
a miséria indis põe
nossos ratos,
a matilha nunca sentirá
a dor das periferias,
a matilha dorme no ouro
e na prata,
a massa dorme, esperando
as migalhas,

a matilha discorre pela
madrugada,
espera a presa na encruzilhada,
mata a caça,
apaga nossa ilusão
nosso voto,
tímida liberdade.

Divino Ângelo

SEXTILHA DA PINTADA

Autor: Elidiomar Ribeiro

elidiomar@gmail.com

Onça-pintada é fera

E por aqui já passou

Panthera onca, seu nome

Foi Lineu quem batizou

Gato mais forte, feroz

Que o cordel já versou

Cada pinta é esfera

Evolução desenhou

O amarelo que some

Na mata que camuflou

Mas não fugiu tão veloz

Caçador lhe atirou

A extinção não espera

Mãe natureza chorou

De sangue, homem tem fome

Mais um bicho ele caçou

Perversidade atroz:

O grande gato tombou

Se escondeu na tapera

O caçador lhe cercou

Mirou aos berros de: Tome!

Bala ricocheteou

Assustando o algoz

Foi Anhangá quem salvou

O vilão se desespera

Pois o gatão levantou

Ela pega, mata, come

Jogo agora virou

Interessante p'ra nós

A pintada escapou.

A DESPEDIDA DA ALMA

Ser...
estar
permanecer
ficar.

A essência ficou.
A alma partiu.
Despediu-se...
sem dizer adeus.
Escondeu - se...
na penumbra da noite.
Dissipou-se entre as nuvens,
perdeu-se nos sonhos.
Brincou de pique com as estrelas.
Atropelou os cometas.
Iluminou-se com a luz da lua.
Cegou-se com o brilho do sol.
Embalou-se na poesia.
Enlaçou-se na magia do amor.
Caiu no sono profundo...
para nunca mais acordar!

Elza Francisco



Elza Ghetti Zerbatto

Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui.

Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das seguintes Academias:

Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional.

Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais, e da Revista Danda desde julho de 2022.

Você é luz

Você é luz,
que veio ao mundo,
para trazer mais luz.

Servir e se doar,
sem esperar nada em troca.

Quantas bênçãos já recebeste,
e nem sequer agradeceste?

Doe um pouco a quem precisa,
e perceba o quanto és privilegiado.

Você acha mesmo que está,
no mundo para passear ou brincar?

Elza Ghetti Zerbatto

ROMEU E JULIETA SERTANEJOS

Em noites de lua cheia
É tão belo o meu sertão
O Céu prateado clareia
Os prados da região

Naquela casinha branca
Tem uma bela ninfeta
Entre outras donzelas tantas
O seu nome é Julieta

Sentada lá na soleira
Vendo estrelas, o piscar
Tocaiando a porteira
Espera o amado chegar

Com seu cabelo trançado
Presos com laços violeta
Veste um vestido listrado
Ostentando singeleza

Ouve um barulho de trote
Na direção do roçado
Seu coração bate forte
_Oh, deve ser meu amado!

Em seu jegue Alopado
Sob o luar prateado
Transcendendo com'um Deus
Eis que surge o seu Romeu

_ Oh, meu amado Romeu
Mais forte do que Teseu
Até mesmo que Sansão
Tu alegras meu coração!

_ Vem minha doce morena
Meu docinho de chuchu
Com teu cheiro de alfazema
Mais perfumosa és tu
Pegue essa flô, uma prenda
Roubada do mandacaru!

Erivaslucena

PELEJE!

Conversando com D. Pedro
Sobre sua composição
Reli o hino que repete
Cada passo da aventura
Resolvi responder
Com a atual conjuntura
Em que mesmo resultou
Seu grito na gravura?
Pois livre ainda não somos
Mas lutamos como povo
Não com vestes de bravura
Com a lida de todo dia
Esse texto se anuncia
Com a minha assinatura.

Peleje, pois livres não somos!

A pátria mãe idolatrada
Que não é gentil
Com seus filhos trabalhadores
Mas muito com quem é vil
Não pode ver contente
Uma terra que violente
Como miséria intermitente...
Que não controla o próprio cio.
O sol que vem a raiar todos os dias
Não é de liberdade
Mas de repressão
E de balas perdidas que acham corpos negros, indígenas,
Escondidos pelo chão
A brava gente brasileira
Serve a muitos senhores
Pois teme não ter trabalho
Teme não ir ao hospital
Teme o auxílio cobrado
Nos lucros do capital.
O temor ainda é servil
Pois a pátria não é livre
Não é pai nem é mãe
Muito menos gentil.
O rubro no Rio Negro
Transporta o 5G pau Brasil
Zombando de nosso povo
Com a ajuda de poderosa mão

Garbosa, estatal e anil
Sem limites de demarcações
Matam nas matas
Indígenas, indigenistas
Enganos vis nos ultrajam
Órgãos cuja defesa
É o ataque fugaz.
Ficamos no Brasil
mas que seja pelo bem
Dos que trabalham e vivem sem
Dignidade e paz

O temor ainda é servil
Pois a pátria não é livre
Não é pai nem é mãe
Muito menos gentil.
As sombras tristes que nos rondam
Não se afugentam tão depressa
Sobrevivem aos ventos
Superam os anjos
Aqui ficam
Mesmo que o grito imaginário
Esteja firme nos quadros
Somos assassinados
Baixamos a cabeça ao desalmado
Que prefere ver a morte
A investir na vida
Filhos clamam, Caros filhos
Afrontados na alma
Há tanto sangue derramado...
Falanges que esganam mulheres
Que aprisionam crianças
Que entorpecem indignados
A hostilidade que torna invisível
Quem dorme nas ruas e acorda arrebetado
Não permite ultrapassar as muralhas
Para contabilizar
Um dia de independência
Apesar das diárias batalhas.
Não precisa ser viril
Que não haja imperialismo
Os Pedros que edificam nossa história
Tem Marias e Joões
Quitérias, tantos nomes do Brasil
Povo trabalhador
Que ara a terra e alimenta cada mesa

Três vezes ao dia
É o digno líder sem realeza
Que precisa ter poder
Não para oprimir
Mas para deliberar os caminhos a seguir
Desenvenenar os organismos
Alimentar o povo
Com emprego e dignidade.
Que não seja varonil
Mas de todas as cores
De todos os gêneros
Na multidiversidade
Que pode resplandecer um Brasil.
Respeite seu povo.
Não permita a fome.
Já tendo lutado contra outros invasores
Não mate seu povo
Com pistolas legais
Com fuzis negociados
Não permita alvejar
Crianças em seu lar
No caminho para a escola
Arrumando prateleiras
Em mercados de esmola
Onde ontem mesmo vimos palmatória.
Peleje, pois livres não somos!
Ainda se pede benção ao senhoril
Não são duzentos anos
Que contam nossa história
Éramos livres em nossas identidades
Antes dos tais 500
Amávamos nossas divindades
Sem a cruz do opressor
Produzíamos sem acumular
Para não desperdiçar
Os confrontos entre nós
Resolvia entre nós mesmos
Eram no campo da luta
As disputas dos povos
Todas no seu lugar
Hoje expulsam quem protege
Matam quem preserva
Assassinam quem defende
Peleje, pois livres não somos!
Seremos quando os povos
Livres dos grilhões da dependência

Para honrar compromissos
Para ter saúde
Para trabalhar
Para alimentar nossos filhos...
Livres seremos
Quando não necessitarmos
De «ajuda» pro remédio
De arrumar telhado
De veículo patrocinado
De contrato em meio salário...
Livres seremos
quando formos o que somos
Sem ter que receber o que é nosso
Como se presente fosse
Como se favor fizessem.
Peleje!
Pois livres seremos
Para além de eleições
Quando todas as gerações.
Pensarem que outras hão de vir
Avante, por liberdade de ser e de viver.
Por agora
Livres não somos
O temor ainda é servil
Pois a pátria não é livre
Não é pai nem é mãe
E muito menos gentil.

Fabiana Lisboa
Umbaúba/SE
06 de setembro/2022



Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, e do Fanzine Asas de Mãe. Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

A SINGELA FLOR QUE SE ENCANTOU

Fátima Nascimento Leite

Então,

Chegou o tempo,

E se encantou mais um coração.

De um poeta, deixando um lamento...

E no grande grupo de amizade,

A sensação é de dor...

A literatura grita saudade.

Esse momento é de clamor...

A contadora de histórias.
Aos pequeninos, doadora de amor.
E em seu círculo de amigos.
Foi ternura e companheirismo nos doou.

Se entregava em tudo que fazia,
Pois se doava com fervor.
Trabalhava todo dia,
Em nome da literatura e do amor.

Singela flor do dia,
Que hoje um céu iluminou...
É agora uma poetisa estrela,
Que lá do alto, aqui clareou...

Uma homenagem póstuma à escritora e poetisa Salizete Freire – 09 – 09 - 2022

É o arco perseguindo a flecha

Geneviève Faé

**(@genevievefae, escritora e professora de redação da Escola Apoio.
Contato: genefaers@hotmail.com)**

TEXTO CRIATIVO é quando o escritor sequestra o leitor no meio da tarde

No conforto da certeza da rotina

Na hora da falta do café

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”

Quando todo mundo olha, o escritor vê

E enxerga um certo incômodo, alguma angústia, algo que precisa desaguar via escrita

Algo que é preciso reparar

Texto criativo é quando emerge uma analogia inesperada

Uma comparação insólita

Uma metáfora desesperada por ser venerada

O rato no encalço do gato

O texto criativo é ir além

É a faca na ponta do murro

É festa no fundo do poço

Texto criativo é inesquecível

É o anel que perde o dedo

É o sol vendo a gente se pôr

É a esfinge tremendo em medo

Apagar a luz pra ver melhor

Celebrar o caco de vidro

Abraçar a quinta decepção

Lutar pelos moinhos de vento

É a flor que morre de amor
É o mar beijando o asfalto
É a ferida que dói e se ressentida
É o infinito enquanto acaba

É explodir a caixa
E pensar fora da hora
É o espelho encarando a sombra

Texto criativo é impossível de copiar
É impossível de esquecer
É quando o texto marca
e reescreve o leitor

É o arco perseguindo a flecha
por toda uma eternidade literária

Paradoxos

Por Íris Zorah

Eu gosto do mistério causado pelo encontro evidente entre
duas almas

do silêncio ensurdecador à espera de uma só palavra

do vazio deglutido preenchido por sentimento

do olhar cego que só enxerga aquilo que vem de dentro

Eu gosto da distância composta de intimidade

do toque sólido coberto de sensibilidade

da música com melodia dançante que me paralisa

da poesia sem rimas que liberta, contesta, intimida

Estudante de Letras Português e Francês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, atua como representante discente do Colegiado de Francês.

Dados para contato: iriszorah05@gmail.com

Carol, Caroline

Carol, Caroline

Kakita, Katinha

Minha estrela

Minha princesinha

Minha alegria

De sorriso encantador

Olhos de esmeralda

Minha linda flor.

Carol, Caroline,

És minha emoção

A dona do meu coração

Faz-me sentir viva

Deus, devo-lhe

Eterna gratidão!

Meu amor maior

Minha pedra

Rara e preciosa

Minha estrela guia

Meu sol e minha rosa.

Carol, Caroline

Você é o farol

Dos meus olhos

Meu sorriso largo

É a minha paz.

Menina linda

Que Deus me deu
Amor meu.

Com você, Carol
O meu mundo
É colorido
Mágico, encantado
Você é meu
Arco-íris particular.

É minha nuvem
De algodão doce
Minha fábrica
De chocolate
Minha jazida
De diamante.

Você é meu
Lado romântico
Divertido
O meu suspiro
E a musa
Das minhas criações.

É o sentido
Do meu viver
É o desejo
Do meu querer
É tudo o que
Eu gostaria de ter.

Com você, filha
Ganho
formas e significados
sou sujeito, tenho verbos
e predicados.
Sou completa
Porque tenho
Você ao meu lado.

Carol, Caroline
minha menina
de rara beleza
de emoções sossegadas
e guardadas,
de fala mansa
e tom suave
que faz o quer
e bem entende
muito independente,
inteligente e refinada.

Amante de joias
pedras preciosas
e ouro.
Mas, dentre toda a riqueza,
é o meu tesouro.

De repente
você cresceu

desabrochou

Bateu asas

E voo.

Mas, para mim

você será

minha eterna criança

que um dia

carreguei no colo

amamentei,

te segurei

pelas mãos

e ensinei a andar.

Você foi criada

Com muito

Carinho e amor

Nunca permita

Que ninguém

Roube o seu sonho

A sua alegria

A sua paz

Ame-se!

Carinhosa

Amorosa

Responsável

Obstinada

Linda

Inteligente

Notável

Encantadora

Para Carol, o meu amor e o meu coração. Te amo, filha!

Jaciara Santos Souza Dias

Salvador/BA

MOLDANDO MEU KARMA

Tornei concreto o lado espiritual
Porém sem esquecer da matéria.
Tratando todos, como um igual,
Sem olhar riquezas nem miséria.

Procurando sempre evitar o mal,
Nas dimensões físicas ou etéreas,
Tornei concreto o lado espiritual
Porém sem esquecer da matéria.

Em oração, vou ao Pai celestial,
Rogar bênçãos pra novas ideias,
Procurando sempre evitar o mal,
Nas dimensões físicas ou etéreas,

Reconhecendo-me um ser dual,
Sujeito as falhas desta odisseia,
Em oração, vou ao Pai celestial,
Rogar bênçãos pra novas ideias,

Tratando todos, como um igual,
Sem olhar riquezas nem miséria.

Poesia

estilo reprise

criado pelo poeta Elígio Moura

jacó Filho

ALMAS PASSADAS

Poesia de João Cláudio

Pelo muito que fui em sua vida outrora
Pelo grande desgaste em me tornei agora.
E saber que por mim não mais ri ou chora.
Sem te dar adeus eu assim vou-me embora.

Assim vou apagado, como seu último cigarro.
Se queres liberdade a ti não mais me amarro.
Aliás, por aqui mesmo a nada mais me agarro.
Desculpe se sequer em ti em descuido, esbarro.

Sentindo ainda secura marrom da folha que cai,
A indecisão de um amor que não entra nem sai
E ademais, a sangria fria emotiva que se esvai.
Vou para longe, indo lá para onde o vento vai.

Após me ver diante de ti, murcho como a flor,
Cuja pétala sem vida um dia exalou doce odor.
Faço das raias do destino serem o meu corredor,
Fugindo da solidão, em desalentado desamor.

A lua lança na noite gélida azulado manto triste.
Sinto que você sem vida, da minha vida esvaíste.
Enterramos no passado um amor que não existe,
Com pás de cruéis agruras que nada mais resiste.

Prisão sobre rodas¹

As portas não são fáceis de fechar.

Lá, fora, sorrisos e gargalhadas
de quem nada tem a perder num dia
de sol de domingo.

Cá estou eu:

parado, sentado, como sempre.

Eles não querem mais que eu
esteja entre eles.

Fiquei sabendo que atrapalho,
Pois, não consigo nem posso
agir como uma pessoa “normal”,
para eles.

Torne-me um estorvo, peso morto.
Como uma folha seca que cai ao chão,
esperando que a umidade e os fungos
a decomponham e transformem em adubo.

Eu sou, depois do acidente, a deficiência
ou ela é apenas uma condição
cuja todos a enxergam antes de me verem,
de pensar que sinto, que dói...
Que sou humano?
Eis-me aqui, penitente,
cumprindo a sentença numa prisão sobre rodas.

1 José Domingos Angelo Santos é professor da educação básica, graduado em Letras Português pela UFS e mestrando em Letras pela mesma universidade. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio, mesclando propostas, gêneros e estilos diferentes. E-mail: josevernaculo@gmail.com.

(o esboço da vertigem)

o céu era logo ali
e eu não acreditava -
voyeur de primeira miragem

na sombra dos olhos
nuvens empurravam e colocavam no mesmo degrau
casas e horizontes

em lápis-lazúli tracei
o esboço da vertigem

uma paleta de cores
com o sol coroadado de flores
na escala infinita dos sonhos

onde você cria as imagens
e decifra a nudez do barro
no abandono das margens

José Carlos de Souza

POESIA FORA DE HORA

José Victor do Lago

Uma teima um poema
Não, poesia não é obrigação
O coração tem seu lema
Sobrevive da emoção

Meu coração é teu
Mas quem sabe não convém
Para quem já sofreu
É melhor ser de ninguém

Para te escrever uma poesia
Precisa que surja o momento
Que seja de muita alegria
Longe de dor e lamento

Sei que sabes me entender
Compreendes os meus limites
Penso em ti no meu viver
Que a sorte, o pensamento imite

O poema é liberdade
O poeta um mensageiro
No poema mostra a verdade

Escancara ao mundo inteiro

Contradizendo tudo, sou tranquilo em afirmar

Que seja sem inspiração ou vontade

Que o momento careça de liberdade

Seja lá o que quiser o destino, vou sempre te AMAR



Maria desmantelada

Maria desmantelada vive a se desmantelar
Acha graça de tudo e cai de pernas pro ar
Anda toda faceira e gosta de rebolar
Dá risadas gostosas de boca aberta pro ar.

Maria desmantelada é só risada antes de dormir
Já acorda toda suada de tanto que ela sorri.
Basta abrir os olhos e pensar em se levantar
Vai sorrindo pelas ruas quando ela vai trabalhar.

Maria desmantelada vive sempre a dar risadas
Principalmente se alguém faz alguma coisa errada
Às vezes a pobrezinha é mal interpretada.

Um dia uma senhora foi tirar satisfação
Por sorrir de uma pessoa que se estatelou no chão
Maria caiu na risada e não foi brinquedo não.

A senhora se revoltou e foi aquela confusão
Chamaram a polícia que a levou para a prisão
Maria já entrou sorrindo dentro do camburão.

Quando viram Maria toda desmantelada
A roupa da coitadinha estava toda rasgada
Mesmo assim Maria não parava de dar risada.

Tomaram o depoimento de Maria desmantelada
Não encontraram crime algum, era apenas a risada
Até o delegado achou graça e Maria foi liberada.

Joyce Lima

Foto – Joyce Lima

FOLHAS E VERSOS

Por Juliana S. Valis

*Não perca seus versos em folhas do nada,
Quando o coração lhe brada procurando amor,
Permita que essa dor transcenda sua estrada,
Da vida além da rua, por onde o tempo for*

*E além das folhas e dos véus da vida,
Entre riso e lágrima, seu próprio olhar procura
O mais belo mar que o sonho, em nós, abriga
No suor que há em cada sã loucura...*

*Amanhã renasce algum amor que acalma
E toda flor plantada no coração, mais tarde,
Torna-se paz na estrada que enaltece a alma!*

*Enfim, não perca seus versos como folhas sós,
Indo além dos universos que todo medo invade,
Deixe que a esperança sente nesse banco em nós.*

{A Felicidade solta a voz...}

Ah, quando olho e vejo
Sem sombras ou mesmo borrões
Os olhos teus a sorrirem pros meus...

Meu coração
Dispara e faz festa
Minh' Alma até dança...

As incertezas se calam

A Felicidade solta a voz...

Juli Lima

[Qual “a VERDADE”, VOCÊ busca?] (Dueto)

*Qual a verdade... eu busco?
E acaso haveria mais de uma?
Enganamo-nos muito
Sim, todos já provaram do cálice do engano
E antes ninguém conhecia qu’engando estivesse*

*Deus meu, ond’está a verdade qu’eu busco?
Contudo, ele permanece... calado
Seria o qu’eu sonho... verdadeiro e real?*

*Adormeço-me (como todos) à espera d’uma resposta (que nunca chega)
E Ele silencioso se aproxima
E então perguntei para mim mesmo:
- Quem está... aqui?
E como que a querer brincar comigo, manteve-se em silêncio*

[_ A verdade!

*Não, te afastai de mim
E contigo toda e qualquer “verdade barulhenta”*

*Visto que
A verdade é pura...
silente...
Transcendente...
E, sempre presente...
Em mim[...]*

*A cristalina Verdade...
É o amor*

Eis, pois a única VERDADE que reconheço...

...O AMOR!!!

Juli Lima e Cássio Palhares

ALMA NA PALMA

Toda calma

Toda palma

Na palma do tudo posso

Quando o coração está disposto...

No sorriso da criança

No amanhecer de esperança

Quando a gratidão é presente

Na imensidão de tantos horizontes...

O valor está no perfume

Que exala desta palma

E, com toda a calma

Mostra-se resiliente

Quando parece estar ausente

E, merece tantas palmas...

Quando o coração só pede calma!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

NEM SEMPRE ESTAMOS PRESENTES EM NOSSAS AÇÕES

“Fiat voluntas tua ...”

“Seja feita a vossa vontade...”

(Mateus 6:10)

*Há quanto tempo fazemos “as coisas assim”?
Dizem que grande parte da vida existe... na vontade
Mas, oh! por que fazemos inúmeras “coisas”... sem vontade alguma?
E por que fazemos tantas “coisas” cruéis?
E não é que em tod’hora [com praticamente todos] vemos isto?*

*Ah! Confesso desconhecer quem nunca traiu os movimentos de su’alma,
... deixando, portanto, de realizar sua própria vontade
A se concluir que nem sempre somos... livres
Considerando que ser livre não é tanto fazer o que quer ou deseja,
... mas, sobretudo, não fazer o que não quer
E é tão difícil ser “assim” o tempo todo!*

*Que fazemos da vida e na vida?
Alguém “faz ideia”?
Que fazemos... no tempo?
Será qu’estamos “sempre presentes” em tudo o que fazemos?
Oh! com certeza... nem sempre
E assim fazemos, talvez, apenas para fingir qu’estamos vivos, sei lá...
Já que nessas horas a vontade não s’encontra em nossos movimentos
E não somos “totalmente” em nossas ações (porque não estamos nelas)
E no que fazemos estamos... ausentes*

*E interessante este paradoxo no que tanto pode ser bom quanto ruim
Do mal a ser feito já que ninguém está presente e não nos vê
E, por isso, ninguém nos condenará (por falta de testemunha ocular)
E também do bem quando é feito só quando estamos ocultos
Da ação (geralmente caridosa) que não se ostenta nem se envaidece pelo que fez
A ser desta forma... um “ato nobre”
Oh! como são raros no mundo!*

*Às vezes fazemos coisas estranhas
Às vezes fazemos o que queremos
Às vezes fazemos o que gostamos (e pagamos por isto)
E às vezes até não fazemos deste modo... (e também pagamos por isto)
Às vezes fazemos coisas levados pela força das emoções
Tais como:
Ansiedade, raiva, tristeza, encantamento, nojo, admiração, dúvida, desejo...*

Às vezes falta-nos a devida coragem para fazer o que gostaríamos

*E, assim, não fazemos
Ou justamente pela falta de ousadia não fazemos
E, às vezes, não fazemos simplesmente porque não queremos
Quando também deixamos de fazer porque não sabemos [como fazer]
E, deste modo, nem tentamos...*

*Às vezes fazemos o que fazemos só para sermos [pelo grupo] ... aceitos
E destarte fazemos para sermos por ele – o grupo - percebidos
E quando assim geralmente fazemos, é sempre em negação aos nossos princípios,
... e, principalmente, pelo que não queremos ser... ignorados*

*Às vezes fazemos o que fazemos partindo da obediência de qu'estamos
... “cumprindo ordens”
Oh! quem não se lembra da conhecida frase dita pelo oficial e criminoso nazista,
... Adolf Eichmann, em seu julgamento: “Eu só cumpria ordens”?
A se justificar com tais palavras... todos os seus crimes e maldades?
Ao que ele também afirmou:
«Nunca fiz nada sem obter instruções expressas com antecedência de Adolf Hitler
... ou qualquer um dos meus superiores»
Embora remorso algum apresentou, pelo que adiante completou:
“Devo dizer que não me arrependo de nada...
Tive que obedecer às regras da guerra e à minha bandeira”*

*E aqui eu pergunto:
É possível fazer algo sem qu'esteja “consciente” de seu ato?
Bom, não irei aqui prolongar nisto...*

*Às vezes fazemos coisas só porque a maioria faz (efeito manada)
Ou seja: quase todo mundo é assim...
E, por isso, achamos que «deve ser feito» devido ao «credo que se vigora»
Ou só por causa dos hipócritas ditames sociais*

*Às vezes fazemos coisas apenas “por conveniência”
Sim, às vezes fazemos o que fazemos para cumprir “um protocolo”
Como aqueles que dizem:
- Irei a tal reunião de família «para cumprir minha obrigação»
- Vou participar de tal evento só para «mostrar presença»
Isto é:
Fazendo coisas contra a vontade, em simples obediência a «regras de etiqueta social»*

E assim, mais uma vez a liberdade sendo sacrificada

*Às vezes fazemos o que fazemos... por puro medo
Às vezes fazemos algo pelo “peso da consciência”
Às vezes fazemos coisas somente para “quitar um favor” co'alguém
E, desta forma, saldarmos e liquidarmos nossa dívida co'ele*

*Às vezes fazemos coisas pela força do impulso... (e nos arrependemos)
Às vezes fazemos o que fazemos tomado pela vingança
O conhecido “um acerto de contas”
A ação provocada pelo famoso «ID»*

*E às vezes fazemos o que fazemos pelo que assim achamos que desta forma
... “deve ser feito”
Quando fazemos pelo “dever” de fazer, e não pelo prazer,
(com total entusiasmo e fazendo “apenas por fazer”)
Agindo em nome do «SUPEREGO»*

*Às vezes fazemos o que fazemos porque “precisava” ser deste modo
E, portanto, “era o certo”
E às vezes não fazemos o que gostaríamos porque não era “o correto”
(em obediência à consciência ou, também... ao “superego”)*

*Por que Deus nos fez?
Será que Ele arrependeu... de nos ter feito?
Tenho aqui minhas dúvidas
Embora a Bíblia afirma que sim:
“Paenituit Dominum quod hominem fecisset in terra,
... et tactus dolore cordis intrinsecus:
“Então o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra,
... e isso cortou-lhe o coração” (Gênesis 6:6)*

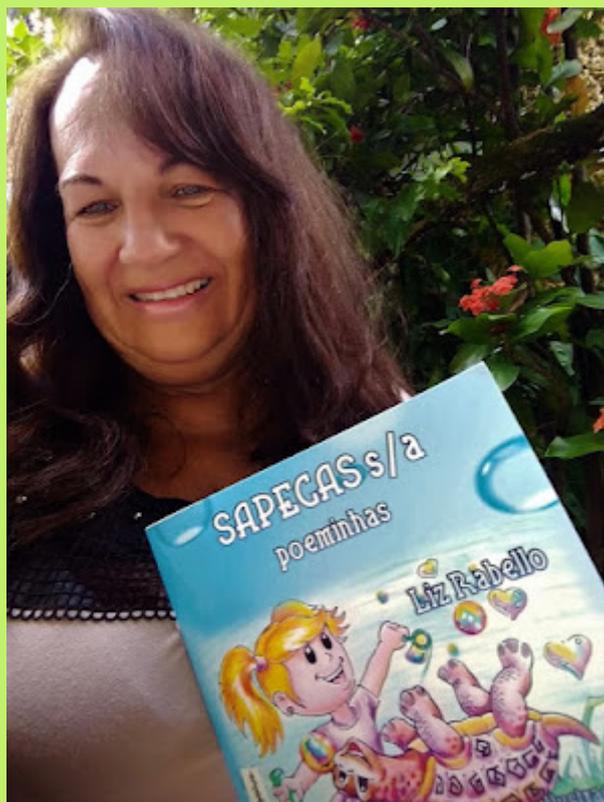
*Pois bem, sem querer confrontar a Bíblia eu agora me pergunto:
- Será que Deus se arrependeu mesmo de nos ter criado?
Bom, acho melhor parar por aqui*

12/09/2022

*“Mesmo que vivas um século, nunca deixes de aprender”
(Anônimo)*

Kim Akemi Hinata

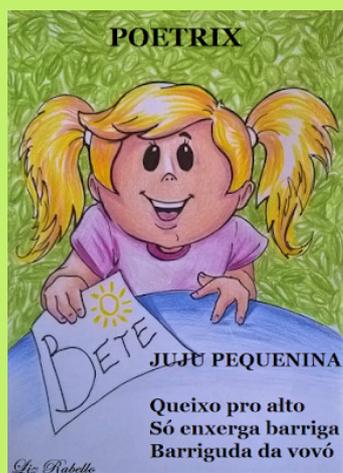
DIÁLOGOS ENTRE FORMAS POÉTICAS



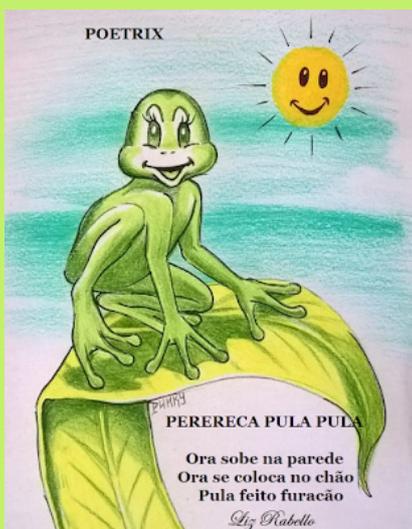
Escritora: Liz Rabello

Ilustrações: Punk Além da Lenda

MEU LIVRO INFANTIL NASCEU POETRIX, TERCETOS INSPIRADOS NAS ARTES DE MEUS PERSONAGENS REAIS... AGORA ESTOU TRANSFORMANDO-OS EM TROVAS.







TROVA



**Perereca sabidinha,
só queria passear,
mas carro da vovozinha,
não é lugar de ficar.**

Liz Rabello

SPINA

UMA NOVA FORMA POÉTICA

A Nova Forma Poética SPINA foi criada por Ronnaldo de Andrade. Ela veio à luz em 10/12/2019, em uma região de Santo Amaro, São Paulo, em homenagem ao saudoso professor emérito da USP: Segismundo Spina.



O LAPIDAR DIÁRIO

Tudo muda rapidamente nos dias de hoje. Nada é feito para durar, desde as mercadorias até as relações amorosas. Vivemos sob a lógica do imediatismo e do descarte. Nesse tempo de incertezas, a única constante é a mudança. Ao mesmo tempo em que as comunicações à distância e a rapidez de informações se tornam cada vez mais reais, a comunicação escrita continua essencial. É comum, famílias, em restaurantes, juntos, estarem separados pelos celulares. Cada um lendo e escrevendo isoladamente. Estes textos não podem ser prolixos. Igualmente, na Literatura, os poemas minimalistas conquistam espaços cada vez mais firmes. Num momento em que Versos Livres tomam conta de diversas publicações; quando muitas vezes o exagero das liberdades chega a destruir as regras gramaticais da Língua Portuguesa; no instante histórico em que surgem impulsionados pelos grupos de criação literária, via redes sociais, manifestações poéticas diferenciadas, como a volta das tradicionais Trovas, os populares Cordéis, as pérolas em Haicais; as pílulas em Poetrix e as mais recentes criações: Camaquianos, Aldravias... Cada qual com suas especificidades; entre elas, damos destaque ao SPINA. Tenho experimentado criações em cada uma destas formas poéticas, mas, não com tanta avidez como no caso do SPINA. Percebo que estou em busca da perfeição, e que, esta não é um ato isolado, mas um hábito. Nós nos transformamos naquilo que praticamos com frequência. O que antes era difícil, torna-se fácil. Esta Nova Forma Poética, criada por Ronnaldo de Andrade, tem regras básicas muito bem estruturadas, que nos permite uma constante autoanálise fundamental para quem se dedica diariamente a lapidar o próprio texto. Um bom SPINA segue a receita: “Trinta e quatro palavras arrancadas do dicionário da vida, pinceladas com canetas e tintas da inspiração. Pegue palavras frias e as aconchegue à memória, dispa sentidos comuns, vista duplicidade. Siga as regras da criação Spinaísta e gramaticais. Use a linguagem formal. Verifique se a estética está agradável aos olhos, equilibre os versos entre si, todos com o mesmo tamanho. Corte aparas, deixe em maturação.

Recheie com Figuras de Linguagem e muita poeticidade. Faça a revisão. Permita a imaginação. Seja criativo.”

Liz Rabello

UM APERITIVO DO QUE É O LIVRO SOLO: GIRASSÓIS POÉTICOS, DE LIZ RABELLO:



EMPODERAMENTO

Enfrento feras, solto
fragilidades ao vento,
amenizo meus medos.

Coragem! Há de se redescobrir:
âmago do coração dos desejos.
Engolir todos os fiéis arremedos,
purpurinas que brilham em farpas,
confetes que burlam os rochedos.

Liz Rabello

INTENTOS PARADOXAIS

Desejei carnaval, confetes,
serpentinhas, beijos, alegria.
Voluntariamente, me perdi.

Ao encontrar-te, eu me mudei;
era fantástico esbarrar em mim
dentro do coração, onde residi.
Disseste adeus! No labirinto de
mim, noutra prisão, me despedi.

Liz Rabello

PERMITA

Coração nada explica,
sente, agradece, ilusão
vomita. Simples assim.

Mente, des(mente) a euforia latente,
contradição calma, em volátil vento.
Pulsa simples(mente) amor sem fim.
Ele distancia realidades de verdades,
carrega só doces sentimentos, enfim!

Liz Rabello



Foto - Cirurgia Espiritual (junho 2009) - Cicatriz no peito de Júlio César de Sá Roriz

De Volta à Cena do Crime.

*XX, Século passado, o médico usa objeto cortante.
A imagem na película chega a ser impactante.
No cinema, para crianças a cena é chocante.*

*A ferida incisa, sem anestesia, aparece visível.
Pasma, expectador, testemunha: “foi incrível”.
XXI, boquiabertos com emprego de um bisturi invisível.*

As Vozes dos Céus apontam a espiritualidade como norte.

Como explicar surgir na pele cicatriz, onde não houve corte?

Luiz Carlos Formiga

Amor Inteiro

Vem,

Me aquece nessa noite fria

Dá-me o tudo que preciso agora

Acalma o que minh'alma clama

O teu calor, tua luz, tua chama

Vem,

Me entontece do seu corpo

Me embriaga do seu cheiro

Me domina agora por inteiro

Sem nenhum véu a te ocultar

Vem e me acalenta como sonho

Vem e prova todo o meu desejo

Vem e me abraça noite adentro

Pois você é só o que eu almejo

Vem,

E me intoxica com teu amar!

Marcus Vinícius Andrade

14/07/2022

PALHAÇADA

Que a lágrima que eu guardei, role na face na hora certa, para que eu não tenha que chorar na hora errada sem derramar uma lágrima!...

Que a música da minha vida seja feita de versos de amor, para que eu possa voltar a acreditar em dois dançando juntinhos, de rosto colado, sussurrando frases de amor...

Que o filme da minha vida seja exibido em longa-metragem, para que eu tenha tempo de assisti-lo até o fim, para que eu não tenha que inventar um final feliz para um amor que foi infeliz...

Que neste palco da vida eu não seja o único palhaço que tenha que chorar toda vez que entrar em cena, para provar que temos que rir de uma palhaçada...

Maripenna

PRIMAVERANDO

Hoje, bem cedinho, em minha caminhada,
Maravilhada e encantada percebi
Que as árvores começam a se vestir
De folhas verdinhas e lindas flores...
A vida, enfim, está primaverando,
As cores, finalmente, se revelando...
Quem sabe novos amores virão desabrochando?

O sol ainda nascia,
Mas sua energia foi de mim se apoderando.
Senti tanta alegria que, ao chegar em casa,
Escrevi esta singela poesia.
Parece até que criei asas...
Me veio uma vontade louca de poder voar,
De passarinhar... de também primaverar...
Vestir-me de cores e olores,
E, sedutora como as flores,
Voltar a me apaixonar...

Mariale

Estado de Poesia...

*Se sob a noite de estrelas claras, estáticas
penetra-me um poema
corpo intenso, nu,
com nome de mar, sente...
é nele que, em carne, sol se acende.*

*Fogo, braços, boca, mãos ,
coração aproveita...
Sobrevoando sedas de mares
cambraias de lago,
ou doídos silêncios
navega na intensidade q' alma pede...*

*Importa não
que desamor tenha-no perfurado
sofrimento dilacerando-o, sangrasse...
no sossego do sangue
corpo pede poesia...*

*pois que, então,
sim...
em verso te cantuo, oh poema
tu que no ritmo do teu suspiro
incendeia , acalma,
sopra chamas
perfumando-me poesia...*

Marisa Costa

Novos Desejos

A maturidade traz novos desejos...

Hoje não quero nada pela metade:

Quero tudo por inteiro, completo.

Quero sonhos e liberdade.

Quero plenitude e sabores.

Quero paz e calma.

Quero abraços e amores.

Quero versos e autonomia.

Quero vinhos e cultura.

Quero harmonia e verdades.

Quero dança e formosura.

Quero livros e casualidade.

Quero melodia e viagens.

Quero arte e natureza.

Quero amigos e cúmplices.

Quero poesia e gentileza.

Patrícia Alvarenga

COM O TEMPO...

“O maior erro que você pode cometer é o de ficar
o tempo todo com medo de cometer algum”
(Elbert Hubbard)

Chegamos aqui como uma página em branco
Mas, com o tempo...

Quem pode olhar para o tempo
... e amá-lo?
O passado que não existe [mais],
... contudo parece estar [sempre] presente [aqui], sei lá!

Oh! queria [eu] esquecer muitas coisas
Queria muito...
Queria [eu] começar tudo de novo [e de forma diferente]
Mas o tempo... é cruel
Nada volta
Embora fiquem... as memórias
Seria uma “sacanagem”... do Tempo?

A verdade é que
se você ainda lembra,
... o Tempo jamais esqueceu

É verdade:
O Tempo nada “deleta” de seu “HD” (de sua memória)

E o que lembramos e o qu’esquecemos... no tempo?
E por que lembramos... e por qu’esquecemos?

Passam as estações e os anos a caminhar a passos largos
O que o Tempo esquece?
Como antes disse: nada

Por que as ofensas são [sempre] lembradas [no tempo]
... e os favores esquecidos são [com o tempo]?

Quem desejo teria de se livrar de suas nefastas lembranças?
Mas, enquanto lutamos por isso mais [delas] nos recordamos
Ou será qu’esquecer [delas] irrealizável seria?
Guerra inútil, então!
E enquanto alguém (sei lá por quê!) aspira a santidade
... mais [ele] se lembra que é um pecador (ou mesmo um demônio)
Com o tempo será que esta minha guerra acaba?

Ai! confesso que as más lembranças são minhas maiores tentações
E que [elas] roubam a paz de minh'alma
Com o tempo será qu'eu mudarei?
Nesta altura do campeonato...!

Nossas memórias (vagabundas)... de interesse!
Nossas obsessões... por revide... (por vingança)!
Como somos infelizes, meu Deus!
Ficamos assim... com o tempo
... ou já nascemos miseráveis (antes de “nosso” tempo)?

17 de agosto de 2022

“Para um escritor autêntico, mais de um leitor é exagero”
(Lêdo Ivo)

Paulo da Cruz

Perfumes

Rosangela Mariano

São Leopoldo - RS

As flores
azuis e brancas,
impregnadas
do perfume
de orvalho,
desabrocham
solitárias...

Em suas
delicadas
pétalas,
a magia
da primavera...

Blog de poesias: <http://lunaraescritora.blogspot.com>

Depois que tudo passar.

Depois que tudo passar... Terei aprendido que a guerra pode vir silenciosa
Que suas armas estarão escondidas em um aperto de mão
E os soldados que outrora, de cores camufladas iam para o combate
Vestem-se agora com a paz, o amor e a solidariedade.

De minhas janelas cheias de flores
Voltarei a sentir o mundo com cheiros, cores e sabores
Em meu lar não faltará à quem tem frio de solidão
Uma xícara de café para lhe aquecer o coração.

Poderei me despir do medo
Mas em minha consciência a certeza de que não sou invencível
Porque o gosto salgado da dor e da saudade será história
Permanente em minha memória.

Com gratidão, mais forte e a alma leve, vou recomeçar
Com um sorriso livre quero te abraçar
E assim roubar de vc o cheiro doce que o abraço tem
Depois que tudo passar.

Rose Sánchez

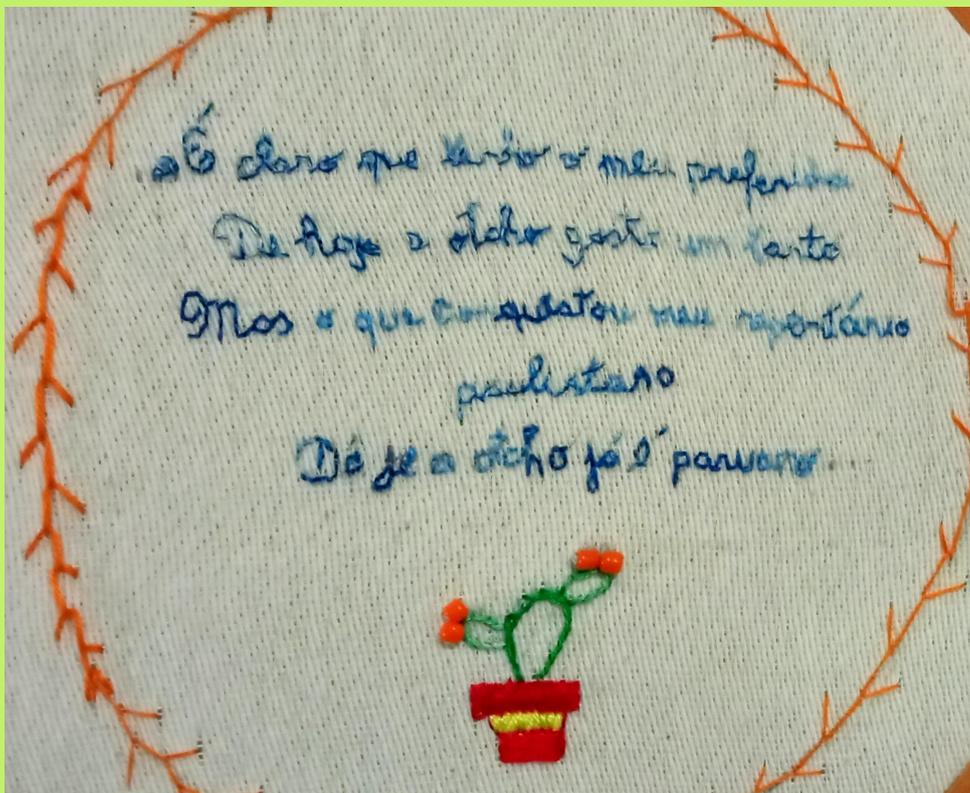


Imagem da autora

Nordestiando

Amo onde nasci e vivi.

Porém, as vezes tudo é muito formal aqui.

Escolhi então um lugar para chamar de meu.

E foi o povo nordestino que me recebeu.

O sotaque de cara me conquistou.

Aquela fala mansa, baixinha, meio cantada, me encantou.

Como quem aprende em uma cartilha.

Fui descobrindo os nomes diferentes que as coisas tinham.

A primeira palavra só aprendi porque teve encenação

Um amigo contando uma história, me mostrou como seu celular papocou no chão.

Cada dia uma palavra eu aprendia.

Dentre elas, uma era bem diferentona

Era a cambalhota que virava Maria Escombona.

O jetcho, o biscotcho e o otcho, têm umas letrinhas a menos e outras a mais.
Que quando pronunciadas as deixam especiais.

Ao levar uma topada no dedão, acreditem dói mais do que um tropeção.
E por falar em topar ela também toma o lugar do touch ou do simples tocar.

Aquela mulher que não casou, era pra mim uma solteirona
Mas ouvi alguém falar um dia.
Que Moça Véia era aquela que ficava pra titia

O eita é pêga
O louco é brôco
A pidona é ximona
O quebrar é torar
O vôte (adoro esse) é vôte mesmo esse ninguém traduziu.
Agora o melhor é confirmar tudo com um Viu.

De mim não mangue não.
Fico brava se por alguém for caçoadada.
Principalmente se o outro vendo graça, solta logo uma gaitada.

O mais falado nem sempre é o mais aprovado.
De todos o melhor representado.
Trocar um palavrão por um Fiducabrunco é a melhor opção.

É claro que tenho o meu preferido.
De hoje a otcho gosto um tanto.
Mas o que conquistou meu repertório paulistano.
Dô ji a otcho já é paruano

Rose Sánchez

“Chove chuva...”

SoniaS

Uma chuva fraquinha cai...

Bate nos vidros das janelas...

O tamborilar dos pingos parecem pequenos brilhantes,

Formando um som suave

Que embala gostoso o sono...

Chove chuva,

vai dizer boa noite

Ao meu bem querer.

Deixe que teu som acalente seu sono.

Que os belos sonhos permaneçam no seu acordar.

“Chove chuva sem parar”.



©TaíssaViveirosFoto/Art

Reencontro

*Não quero mais teu abraço...
Digo adeus pra esse teu laço
Esse tal que amarra a alma
Minh'alma que está em calma
Numa paz nascida sem ti*

*Afinal encontrei meu rumo
Que fora perdido no tempo
Gasto e levado em lamentos
Sentidos por não ter vivido
Ou vivido assim, sem existir...*

*Reexisto agora, enfim,
pois me redescobri, em mim*

Taíssa Viveiros

13/08/2022

Primavera – Estação das Flores

-

Azaléas, Alfazemas, Acácias, Amor perfeito, Bromélias, Begônias e Cravos,
Copo-de-leite, Crisântemos, Dama da Noite, Gardêneas e Hortênsias,
Ipês, Jasmins e Lírios,
Margaridas, Narcisos e Orquídeas,
Papoulas, Rosas e Sempre-Vivas,
Tulipas e Violetas.

Simbologia e o que as flores representam em nossas vidas

Amor à natureza, Pureza e o Ar que Respiramos nos levam a uma boa Reflexão,
Cor, Perfume e fragrância com aquele quê de Admiração,
Viver um grande amor, ternura e carinho que falam direto ao Coração,
Grandeza da alma, Bálsamo e Beleza Espiritual teu nome é purificação,
Energia positiva, Bem querer e sinceridade que nos levam a um estado de sublimação,
Sinceridade, Afeto e Cordialidade deixando falar mais alto a emoção,
Bons fluídos, mensagens positivas e esperança que se renovam sempre nesta estação,
Feminilidade, Beleza e elegância atraindo sempre a atenção,
Harmonia, alegria e graciosidade por que não falar da arrumação?
Sabedoria, força e prosperidade também têm tudo a ver com determinação,
Presentear em datas especiais, amizades sinceras e encontros marcantes que culminam numa boa celebração.

Poderíamos ficar falando horas e horas sobre o bem que as flores nos trazem, mas só o fato delas existirem nos permite imaginar que existe um Ser Superior que, nos presenteou com este imenso jardim colorido de flores em nossas vidas.

E, por último nunca se esqueça dessa máxima: “Fica sempre um pouco de perfume nas mãos daquele que oferece flores”....

Tom oliv do Recanto das Letras

BRINCO - DE - PRINCESA

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA

Brinco - de - PRINCESA é uma planta especial, comestível e ornamental.

Suas flores pendentes em formato de brinco, como são garbosas!

E seu nome faz jus à realeza. Símbolo de elegância e sutileza!

Seus tons variam do lilás, vermelho, rosa e branco.

Eis aí uma beleza da natureza! Aquela que aflora os sonhos

De converter a pessoa comum em uma Alteza, de uma vida de irrefutável grandeza

Morando em um castelo de beleza, onde acenam os súditos, quando da sua presença.

Entoando melodias gloriosas. São momentos de sublime magia!

Em que se fica possuída, pela própria ânsia, de uma vida de nobreza.

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA, natural de Maceió – Alagoas.

Filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda Malta Costa.

Casada, sem filhos.

Servidora Pública da Secretaria de Saúde do DF, aposentada, na carreira de médica Neonatologista.

Publicou seu primeiro livro O OLHAR DA VIDA, em fevereiro de 2022, de poesias.

Tem publicações em várias Antologias Impressas e em E-books. Quatro resultantes de Concursos Literários.

Natureza versada

O auto reverse da vida

se confunde com o movimento de translação,
que faz a terra girar em torno da luz maior,
em paradoxo do pretérito mais que perfeito.

A teoria da relatividade no multiverso,
associa no cateto da hipotenusa à impaciência
no esmagador modo de amafagafar,
no aconchego mitológico da divindade gregoriana

A besta mítica fabulosa no lendário
renascimento humano
tece na estrutura do apogeu
o heroico fictício da natureza versada em pura poesia

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Cartas na mesa

Num jogo do baralho
Tem cartas com cartaz
Se joga indo pelo atalho
Numa jogada contumaz

Na corte fui um valete
Antes de ser um pateta
Um bobo pintando sete
Brincando de ser poeta

Numa carta três de paus
Se revelou uma traição
Perdi o trem num caos
No começo d'uma estação

Numa jogada macabra
Dentro de um jogo real
A trama estava armada
Com uma trapaça geral

Não lembro se fui Rei
Sei que tinha uma dama
Se de copa, ouro não sei
Fui descartado como Ais

Zedio Alvarez



Biografia da Ilustradora

“Artista” desde a pré-escola, **Marise Castro** ‘burlou’ o desejo dos pais e enveredou pelo mundo das Artes. Graduou-se em Artes Cênicas (Bacharelado), posteriormente em Educação Artística (com Licenciatura), e atualmente cursa Artes Visuais/Escultura na UFRJ. É Professora de Artes Visuais e Poeta amadora nas horas vagas. A Licenciatura em Educação Artística a colocou em contato com diversas formas de expressão (Pintura, Gravura, Escultura etc.), e o curso atual com a Escrita de Artista e a Fotografia. Ama e trata a Arte como Vida!

Barbantina

Especial escrito por crianças
ANO II - NÚMERO 14 - SETEMBRO DE 2022



MARIA EDUARDA DA SILVA OLIVEIRA 5-B

Carta aos pequenos e pequenas leitores(as)

Querida criança, estamos bastante felizes por ter você aqui! A Barbantinha tem como objetivo estimular a leitura, a escrita, o desenho e a criatividade. Todo mundo pode tornar-se um artista! É só pegar um lápis e um papel e soltar a imaginação! Vamos lá?!

O nosso desejo é o de recebermos muitas colaborações de crianças do mundo inteiro que queiram mostrar os textos que escrevem e suas pinturas e desenhos. Por isso, pedimos aos pais, às mães, responsáveis, professores e professoras que incentivem suas crianças na arte da escrita e do desenho, para que possam compartilhar conosco dessa alegria.

A Barbantinha foi presenteada nesta edição com a imagem de capa de Maria Eduarda da Silva Oliveira, 11 anos, moradora da cidade de São Paulo, estudante da Escola E. Romão Puiggari. Agradecemos à Maria Eduarda e à sua professora Angela Ferreira por nos proporcionarem esta alegria.

A nossa Barbantinha está recheada de ilustrações e poemas das crianças das Escolas E. Romão Puiggari e EMF Zilda Gomes de São Paulo e da Casa e Aconchego da cidade de Caicó no Rio Grande do Norte esta última trabalha e dedica amor e cuidado às crianças especiais dessa cidade, sendo a maioria das ilustrações aqui publicadas de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Venham, meninos e meninas brincarem de ser barbantes junto conosco!

Um abraço,

Ilustrações



Agatha
São Paulo - SP



Alicia
São Paulo-SP

POEMA

AUTOR: JOÃO GUIMARÃES ROSA

|| O CORRER DA VIDA EMBRULHA JUNDO,
A VIDA É ASSIM, ESQUENTA E FRIA,
A PERTA DESAFROXA AFROXA, SOSSEGA E
DE POIS DE SINGUETA,
O QUE EVA QUER DAR PARA A GENTE
É CORAGEM!

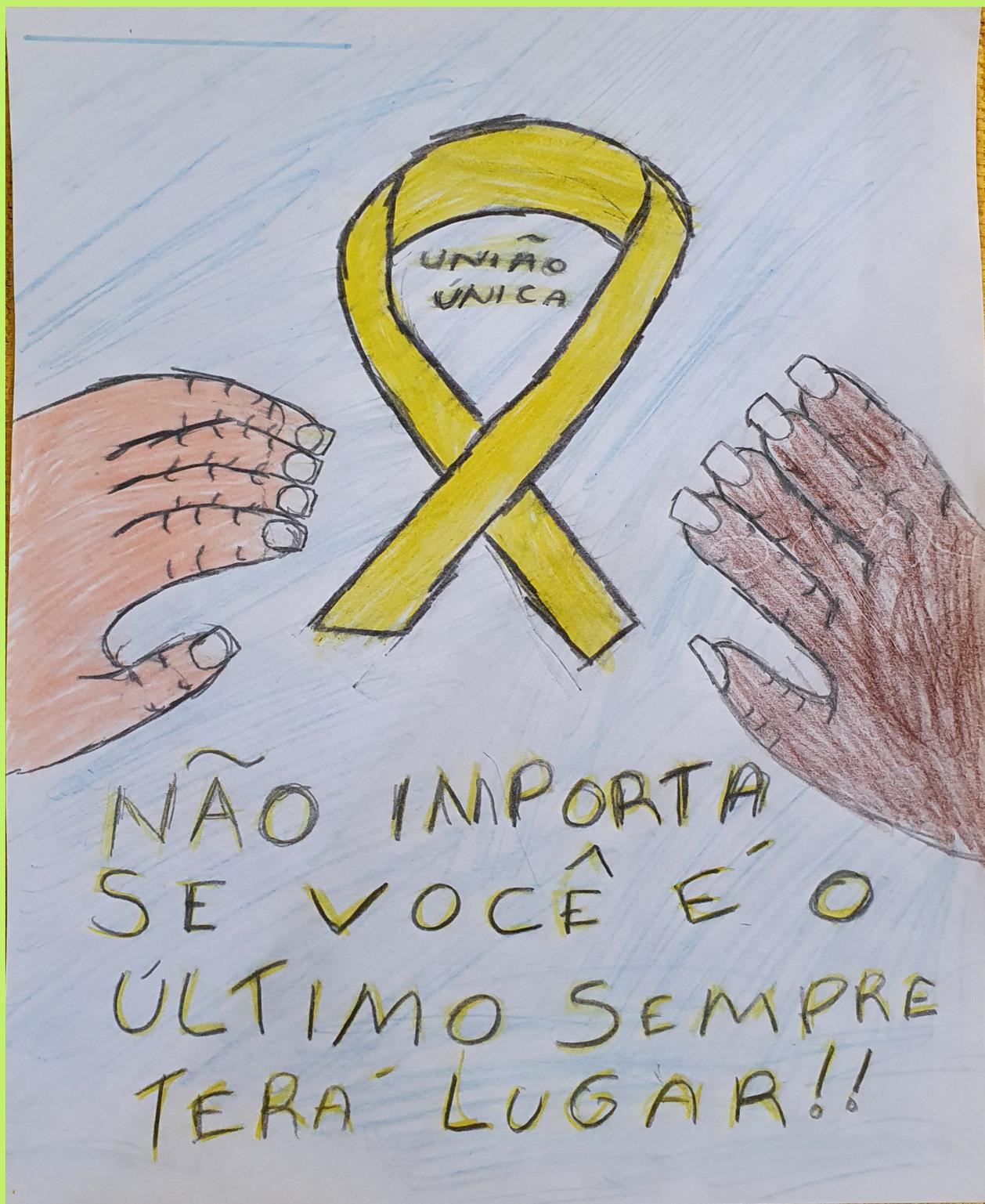
EU GOSTO DESSE POEMA PORQUE
FALA DA VIDA.

Alicia

São Paulo - SP



Angelina Ketley
São Paulo - SP



Bruna
São Paulo - SP



Camilla
São Paulo - SP



Dandara
São Paulo - SP



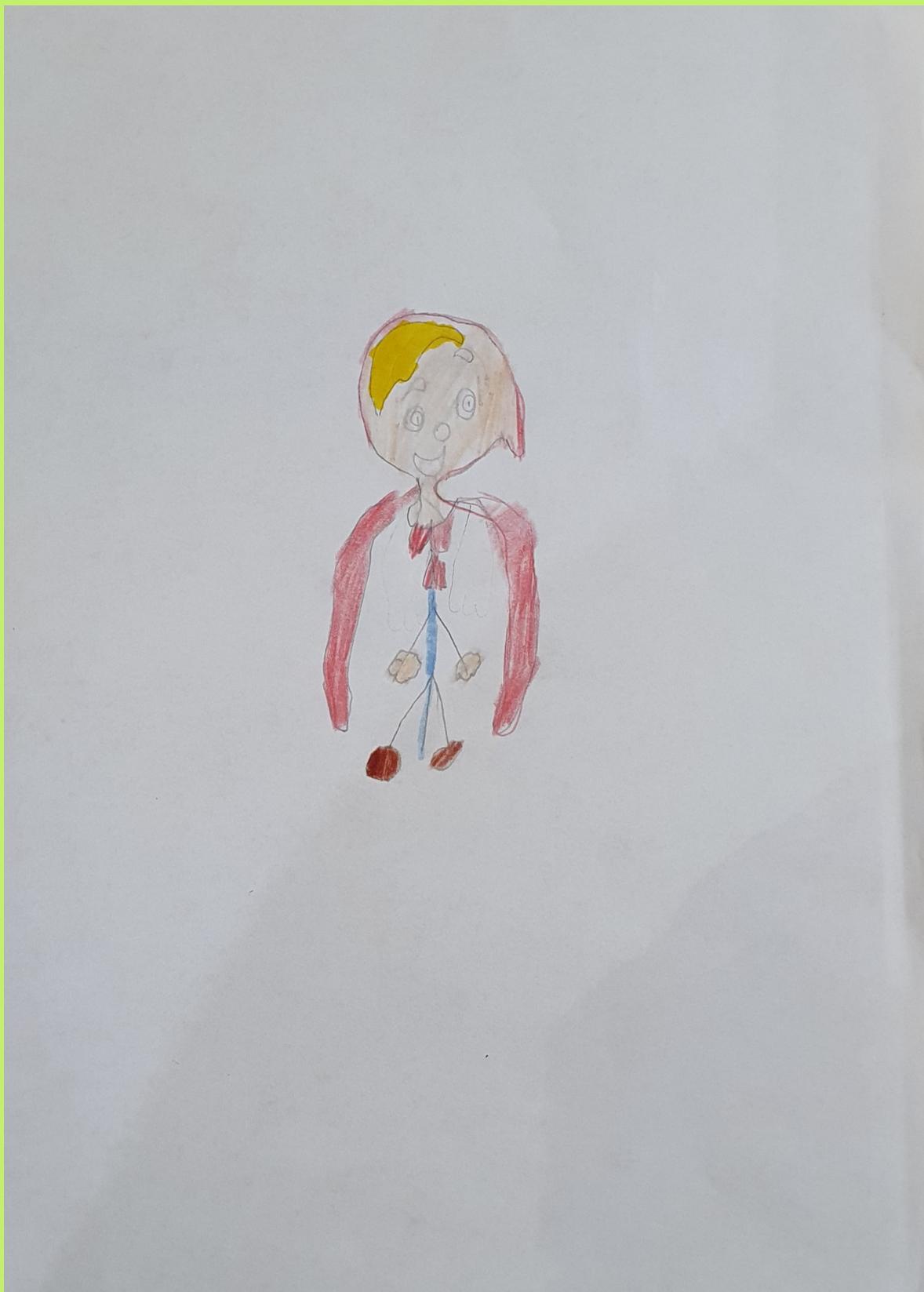
Divine
São Paulo - SP

FLOAM



Eloah
~ ~ ~

Eloah
São Paulo - SP



Fernanda
São Paulo - SP

Beatriz da Silva Apúlio

5º ano C

Professora: Elaine

Tema: Setembro amarelo.

o que significa setembro amarelo?

Esse mês é conhecido como mês contra o suicídio.

Dia não de bullying.

Em dia 6 de agosto a juliana ficou numa escola nova. Passou tudo legal e diferente até entender a diferença que uma acontece em dia 7, por não ir para a escola. Botou sinal para ir embora. Ela percebeu que tinham alguns alunos seguidos da até a porta de casa, mas entrou rápido e nem ligou, isso começou a acontecer com frequência, mas ela achava que eles estavam ali perto em um dia ou outro, ela quase estava chegando na escola, de repente surgiram 2 meninas, e 1 menina começou a empurrar e vir.

- Me conta, me conta!

Quando juliana começou a gritar, eles ficaram com medo de alguém escutar e logo se saíram, quando muito continuou a caminhar, chegou toda molhada os professores se assustaram.

- você está bem.

- Sim.

* Tocou sinal

- Não esqueça a lição de casa.

No mesmo local que tinha acontecido tudo aquilo de manhã, as três pessoas se encaram.

FORONI

Beatriz
Frente 1
São Paulo - SP

mudar para Piracicaba.
 voltou para a escola feliz, radiante, até
 encontrar os 3 pessoas lá.
 - Sentiu alguma falta?
 - Não deu tempo nem de ela começar a que mespo-
 der já começaram a sair e a muita coisa.
 - Então a mãe super preocupada com a filha
 nem tinha nem mente a que poderia estar
 acontecendo. Chegou a um ponto que ela
 não aguentava mais estava chorando
 roxos e de corpo todo. Em uma noite estava
 sozinho em casa, ela já estava decidida
 a se matar, já tinha preparado uma carta
 para sua mãe se despedindo.
 - Chegou a hora.
 e chorando muito! Pensou em tudo que já vivi-
 ver e a que poderia viver, no momento
 exato que iria se suicidar sua mãe che-
 gou.
 - O que você tá fazendo Julia!
 - Mãe eu não aguento mais eu afianço já tem
 muito tempo, e souso Bullring?
 - Porque você não me chamou isso antes! Isso
 abundo e muito sério! Vá na delegacia
 Bullring e crime, com muita medo de ir
 a delegacia decidiu chegar na sua mãe
 e ir. Os policiais chegaram muito por sorte.
 - Amanhã eu irei para sua escola conversar
 com a diretora, com praticamente tudo resol-
 tido, e chamaram os pais dos 3 crianças,
 que foram falar na delegacia, e cada res-
 ponsável decidiu pagar o mil reais de
 indenizar, não com muito trauma Julia. **FORONI**

Beatriz
 Frente 2
 São Paulo - SP

Resumo

Julia mudou de escola. começou a sofrer bullying por muito tempo sua mãe não tinha ideia do que poderia estar acontecendo. Em uma noite Julia ficou sozinha em casa e tentou se suicidar, sua mãe viu tudo e a impediu, foram a delegacia e cada responsável das 3 crianças tiveram que pagar 10mil reais de indenizações. Causa de traumas Julia muda de escola e de cidade. Lá é recebida com muito amor e carinho que é o que Julia precisa para depois de passar por tudo aquilo.

Beatriz
Frente 3
São Paulo - SP

* Penas ela *

autora: Thaina Pedrosa Moreira

dois anos... dois anos que ela se foi...

* dislexão total * boa Meu Deus eu tô atropada
* na escola * hufar ainda bhm que deu para chegar
atempado

- bom algumas vamos abinde a livro na Pagina
junto a Catarina...

finalmente a aula acabou,

- hyy camila!

ah? a Larimar tudo bhm?

- sim eu vim Pergunta se valeu seu sai
comigo hyy

eu gostaria muito mas eu tenho que estudar
eu fui muito mal na Prova e minha mãe
vai ficar muito brava comigo se eu for
mal nessa

- eu entendo ter problemas com a própria
mãe é complicado, mas qualquer coisa
pode me ligar

ok tá tá, é realmente é complicado

Mãe cheguei de novo ela bebeu, boa
Noite Mãe, * ditas na cama * Vou falar
com a Hanabi

aii Hanabi!!

aii camila tudo bhm?

Thaina
Frente 1
São Paulo - SP

as mesmas coisas
de sempre como
já ai na jabão

legal vou embora
da sua semana jul
vem

jul bom mais
vão vai ficar
merenda sozinha

sim ja tenho
idade para isso
e vale também
pra jul maras
com uma plhaa
jul não liga pra
vão

eu sei mais não
tenho ande maras

Um mara contigo !!

ok!

partir maras sozinha! Nossa eu to com
muita fome eu esqueci de comer quando
cheguei, as mã^s *Tata* vão e uma
filha ingrata vão ganha tudo, vão ganham
uma casa uma familia, comida, roupa e
saúde e vão ainda rellama
mãl mas eu não fiz nada, eu to estudando pra

Thaina
Verso 1
São Paulo - SP

- Era pra ser uma surpresa mais parelo que o clima na meio mar
 eu senti tanta saudade de você
 - Alha foi um suplo ter que esperar de você que ela tava aqui, agora bora entrando por que tá chorando e ela não julia que você pegue a vida.
 - Então me conta o que aconteceu, e por que você decidiu vir aqui?
 Minha mãe me expulsou de casa
 Camila e Janabi: a que!
 Ela falou que sou uma filha ingrata e eu eu ganhei tudo e que ela ainda reclama
 - mais teve motivos para isso
 Não é, eu só ia comer e ela pegou e me deu um tapinha na que ela nem tava bebado
 - eu não tinha falado que ia para cozinha
 eu ainda não consegui dinheiro suficiente para casa, julia você me ajudar a arrumar esse dinheiro já que você falou que ia morar comigo
 pode ser
 - vamos comer e amamos, e larina cada a sua mãe?
 - ela só falou que tinha uma cara preligando de ajuda lá na imãrega

No outro dia



Thaina

Verso 2

São Paulo - SP

dinheiro da casa elas se mudaram
pra lá, alguns dias se passaram desde que
elas foram morar na casa

- Camila que tal a gente ir no shopping
boa ideia eu vou me arrumar

para ir na McDonald's!

- Vou!

- Camila!

Mãe! o que você tá fazendo aqui

- filha por favor pida a mãe e volta
para casa

Não eu já tenho onde ficar e eu não vou
voltar para você me tratar daquela jeito

fim da história

recado: adultos entendam que tratar seu filho
desse jeito pode dar trauma e danificar o
psicológico do seu filho que pode levar a
um suicídio para se livrar desse problema
bater e fazer pressão psicológica não é educar
"a mãe eu fui tratado assim e não fiz esse
jeito" mas no seu caso é que você era de um época
diferente já que naquela época você ficavam
em longe até cansa mas hoje em dia não é assim
bater e fazer pressão de seu filho do jeito certo!



Jan / Ene	Feb / Feb	Mar / Mar	Abr / Abr	Mai / May	Jun / Jun	Jul / Jul	Ago / Ago	Set / Sep	Out / Oct	Nov / Nov	Dez / Dic																			
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

Thaina
Verso 3
São Paulo - SP

No Princípio

No princípio, Deus criou os céus e a terra. Deus se movia sobre a escuridão e disse: "Haja luz!" Ele chamou a luz de "dia" e a escuridão de "noite".
"PRIMEIRO DIA! PRONTO!"

Então Deus criou uma divisão para separar as águas acima e abaixo. Desta divisão, Ele chamou esta divisão de "céu".
"SEGUNDO DIA! PRONTO!"

Deus juntou as águas e a terra se fez de "terra" e as águas de "mares". Então, Ele fez brotar sementes e plantas e árvores.
"TERCEIRO DIA! PRONTO!"

Depois, Deus criou as luzes no céu. Ele fez o sol para o dia e a lua para a noite, e todas as estrelas.
"QUARTO DIA! PRONTO!"

Deus fez os peixes para nadarem nas águas e os passaros para voarem no céu. "Encham o mundo com espiros de água e canto!"
"QUINTO DIA! PRONTO!"

Depois Deus fez os animais domésticos, selvagens e os que rastejam sobre o chão.
"Só falta uma coisa a ser feita a mais especial (a) de todas!"

Assim, à sua imagem, Deus fez o homem e a mulher. "Tenham filhos", Ele disse. "Assumam o controle do mundo. Cuidem dos peixes, dos passaros

Esther
Frente
São Paulo - SP

E DOS ANIMAIS!! SEXTO DIA! PRONTO!

data . . .
S T Q Q S S D

ENTÃO DEUS VIU TUDO QUE TINHA FEITO, E MUITO BOM!! ELE DISSE, ENTÃO, NO SETÍMO DIA DEUS DESCANÇOU E FEZ DAQUELE DIA ESPECIAL. SETÍMO DIA! PRONTO!



Esther
Verso
São Paulo - SP

Um Parquinho

Um dia umas crianças viu que um Parquinho
Estava muito feio e com bastante Lixo, então todas
crianças de quem corações pintaram, e se alegraram e
focaram para brincar com muita alegria. Lixo



AUTOR: ISRAEL PENIEL BEZERRA BRASIL

Israel
São Paulo - SP

Era uma vez uma menina chamada Mili, ela morava com sua mãe Gabriely, sua mãe um dia estava com muita dor no peito, então ela foi pro Hospital, e infelizmente ela descobriu que tinha Câncer, ela voltou pra casa e ela mais não contou nada pra filha.

No dia seguinte sua mãe foi lá falar com sua filha

- Mili!! precisa conversar
- Oi mãe, pode falar
- Mili, prometi pra sua mãe que você vai viajar pra França?
- Por que?
- É... pra que sim pra você bem!
- Tá bom

Mili suspeita, mais tinha que obedecer sua mãe, ela estava triste ao mesmo tempo, estava feliz que vai conhecer a França.

Passou uma semana toda estava toda pronta pra sua viagem, então foi de despedida. Foi um momento muito triste pra ela, mais tudo correu bem.



Quando ela chegou se encantou com o lugar, mais ela também lembrou de um amigo de infância.

Jheniffer
Frente 1
São Paulo - SP



- Eu encontrar
- Pochê, vir Tchou tenha que ir
- Tchou

A garota foi chorar e no dia seguinte ficou sabendo que sua mãe faleceu ela ficou triste mais conseguiu superar

7 meses depois...

mãe completa tudo no tempo de tempo uma grande atividade bem de vida

fim.



Jheniffer
 Frente 2
 São Paulo - SP

ela que se mudou para Franca, bem ela pegou o celular dela e foi falar com ele.

- Oi Júnior! Tudo bem?

Bem ele sempre pra responder, então Mili decidiu em frente procurando um lugar para ficar com a dinheiro que sua mãe deu para ela.

Mais tarde enquanto ela continuava procurando um lugar para se acomodar, Mili se deparou com um Hotel linda com umar cor que chamava tanta atenção, e a cozinha maravilhosa e com flores lindas.

ao chegar foi falar com um moço e pegou um quarto para ela, quando chegou segurou duas coisas, depois que acabou tudo deu o celular apitou foi ver quem era e era seu amigo Júnior.

- Oi Mili! Tá bem sim e você?

- Também tô bem!

- Tem uma surpresa!

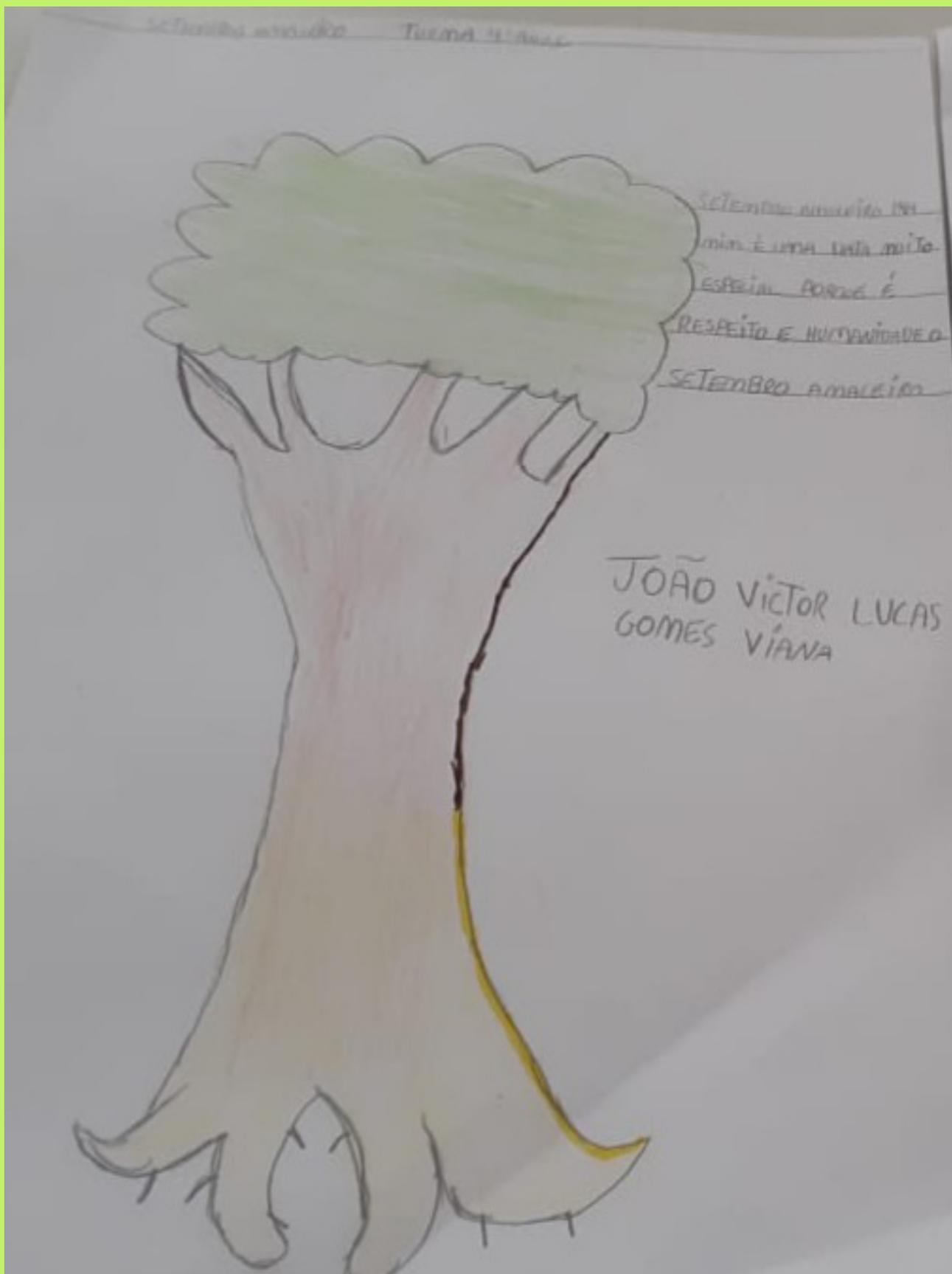
- Qual?

- Estou na Franca!

- Sério que legal! Vamos ver um dia para

FORONI

Jheniffer
Verso
São Paulo - SP



João
São Paulo - SP

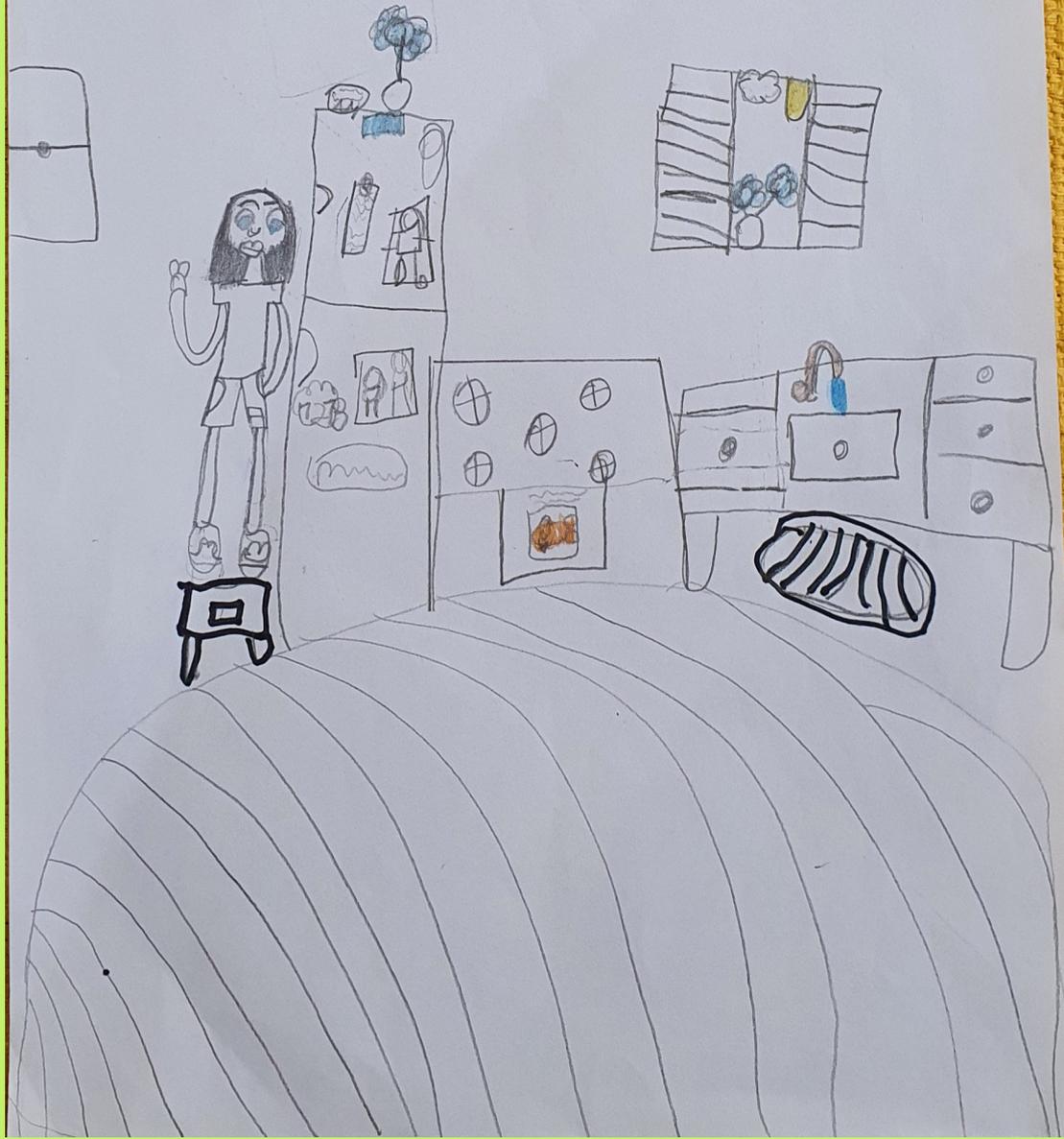
NOME: KAUANNY



Kauanny
São Paulo - SP

NOME: KAUANNY DE PAULA

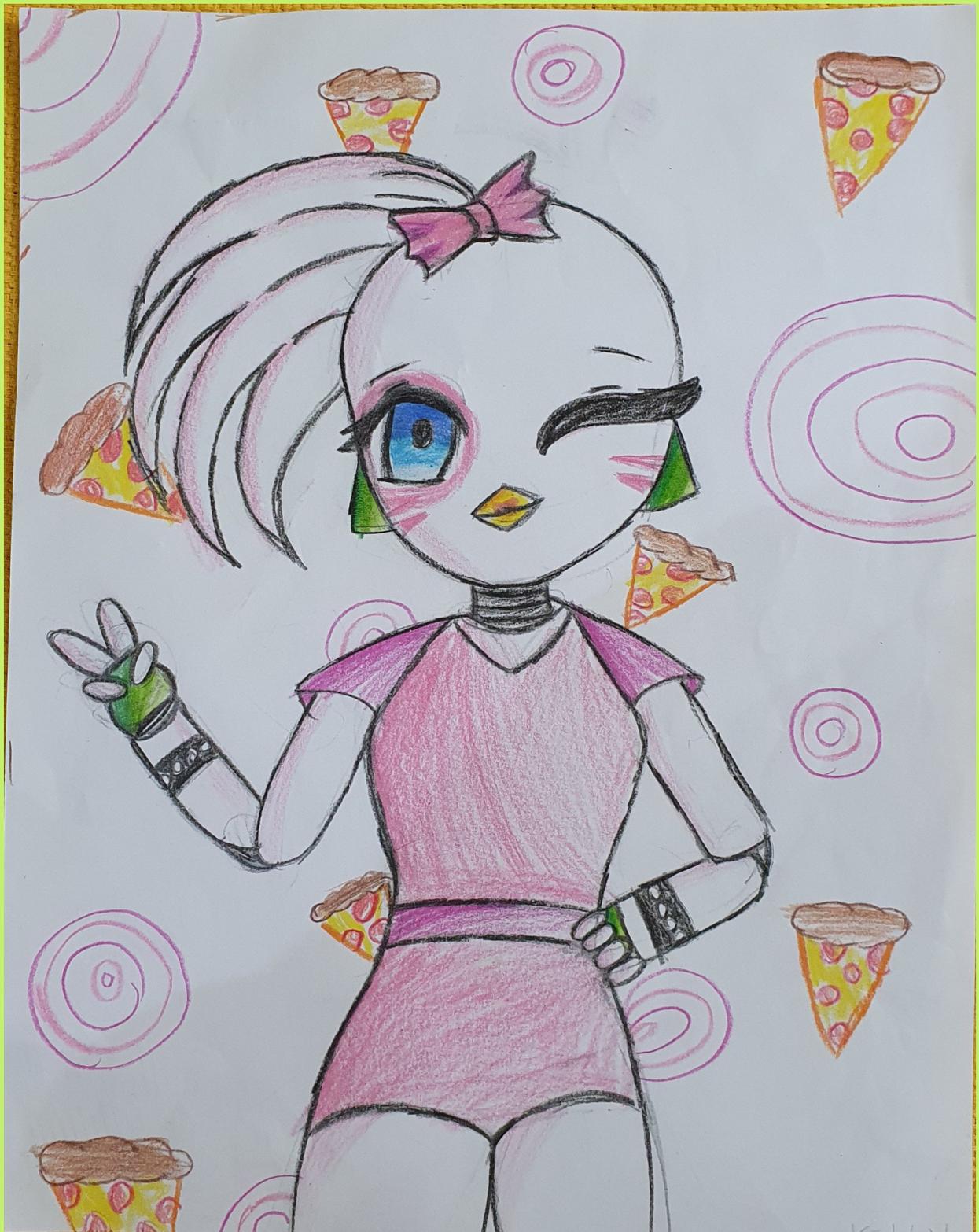
A COZAERA KAUANNY



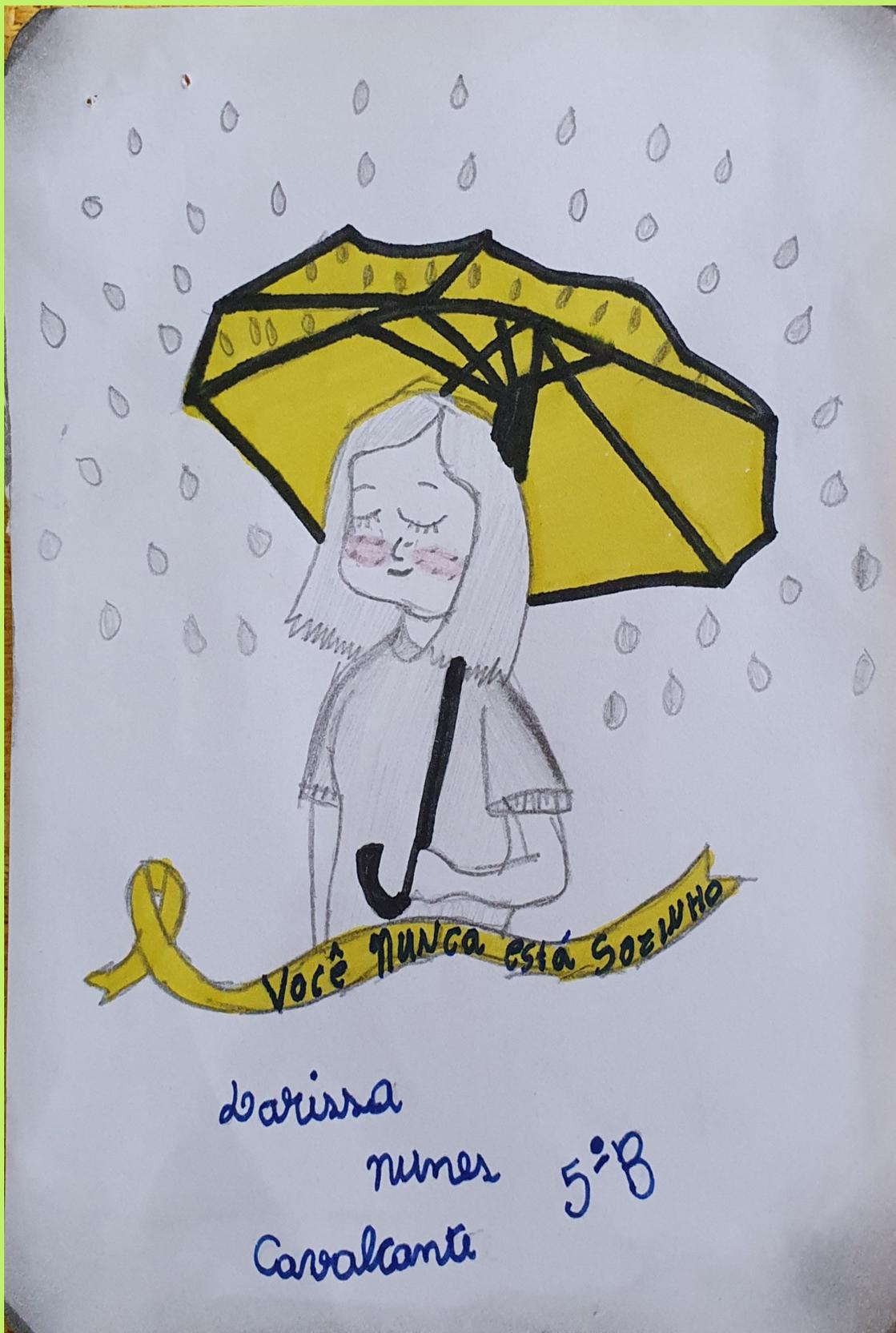
Kauanny
São Paulo - SP



Kelly
São Paulo - SP



Kelly
São Paulo - SP



Larissa
São Paulo - SP



Lorena
São Paulo - SP

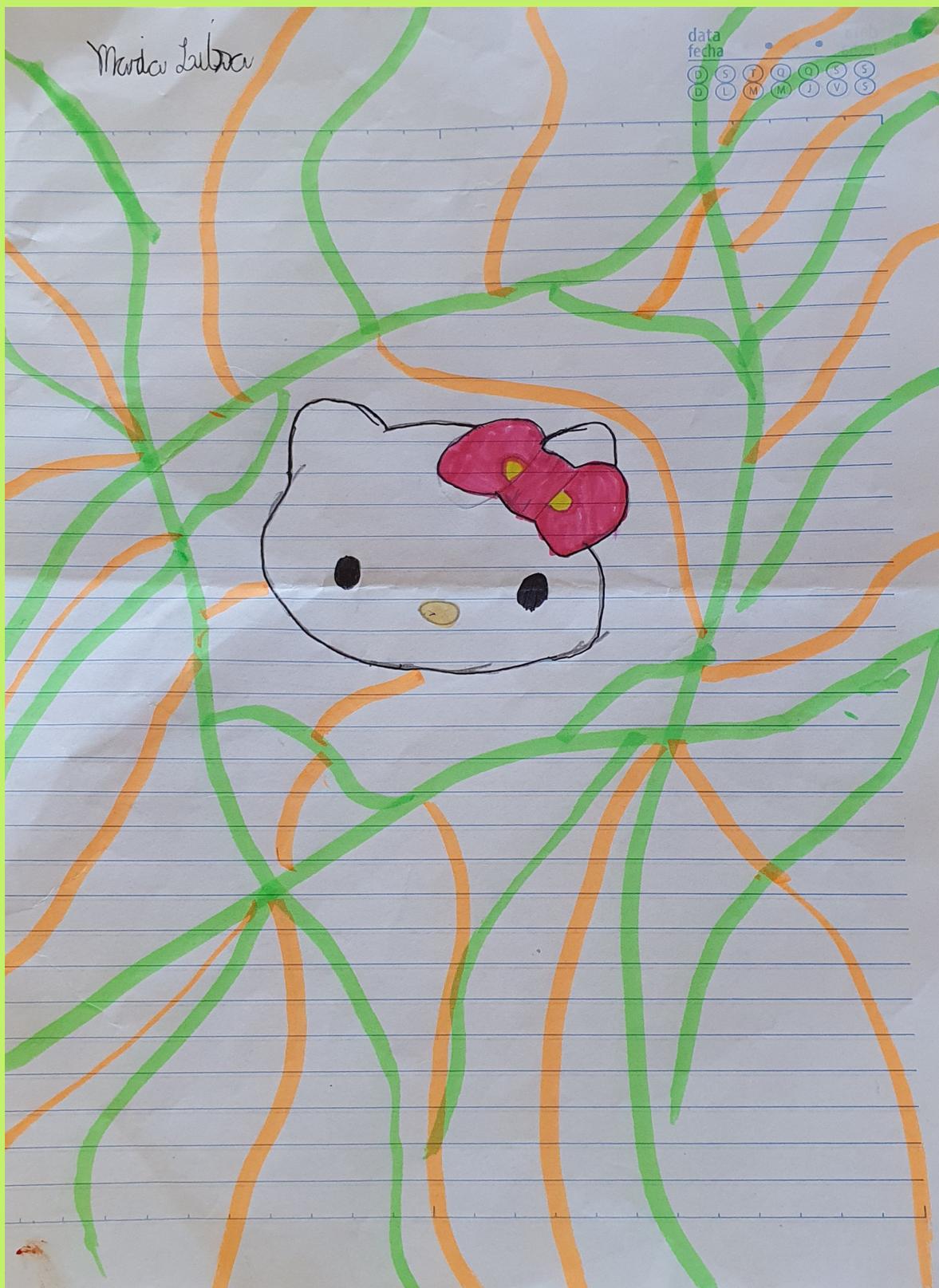


Luan
São Paulo - SP



MARIA EDUARDA DA SILVA OLIVEIRA 5^ªB

Maria Eduarda
São Paulo - SP

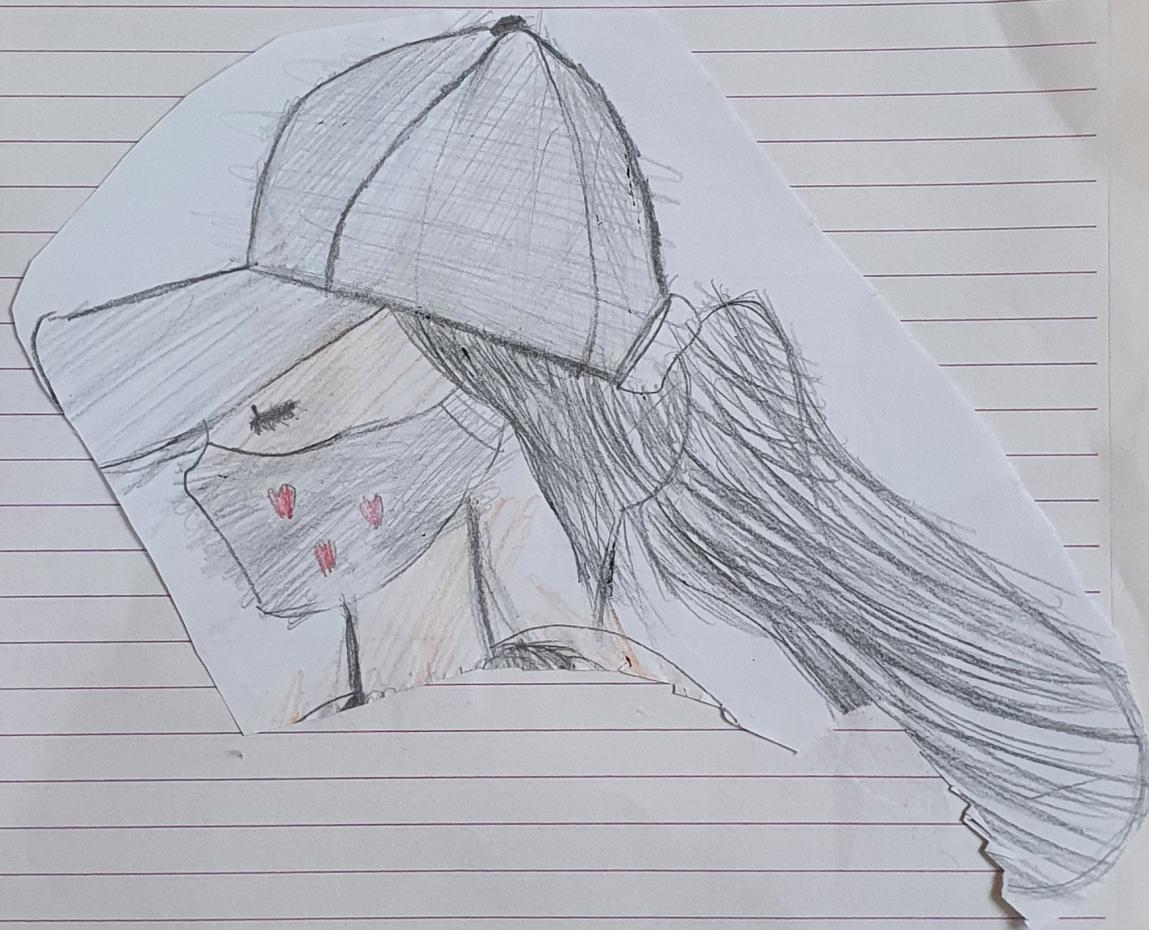


Maria Luisa
São Paulo - SP



Nicollas
São Paulo - SP

D S T Q Q S S
D L M M J V S



Nicole
São Paulo - SP



Nicolý
São Paulo - SP

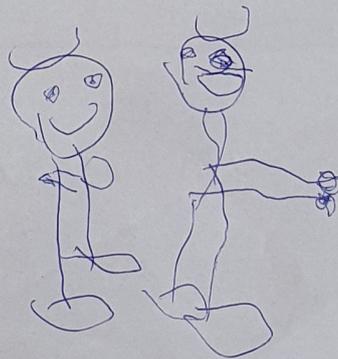


Rihanna
São Paulo - SP

Samuel desenhou
01/2021



João



Hannah



Samuell
São Paulo - SP

VINICIUS USC
SETEMBRO
AMARELO



Vinicius
São Paulo - SP

Yasmin
Frente

O mistério da floresta

Um certo dia, um menino que nasceu, na luz do dia quando abriu os olhos estava em uma floresta, um lugar desconhecido para ele, estava sem mãe, sem pai, comida ou água.

Os anos se passaram ele já está com 11 anos e sempre se perguntava onde está minha mãe e quem sou eu...

Quando noite foi dormir se deitou e escutou um barulho, chegou mais perto e de longe viu uma luz ficou curioso em arrupiado hávia no chão um graveto e um pedaço de casca de árvore velha ele pegou os dois e seguiu caminho pra luz, já chegando viu que aquela luz vinha de dentro de uma árvore.

Espiou pela porta, e viu um certo homem tomando banho, tentou chegar mais perto mais fez barulho o homem imediatamente parou de tocar, o menino com os olhos arregalados, deu um passo pra trás, e seu virou para voltar mas quando estava saindo o homem perguntou - O que faz aqui Jack? o menino respondeu - eu venho ver o que está causando esta luz, o homem pediu para que passasse a noite lá, o menino recusou mais depois de conversar um mudou de ideia.

Quando dia estava em um quarto e o homem não havia em casa, mais observou que havia muita comida e água, então se alimentou, e depois encontrou o homem na guarra e foi lá conversar, sobre o nome dele, como ele o conhecia, e de onde veio.



Yasmin
Frente
São Paulo - SP



O homem explicou tudo e disse que o nome dele era Red, e que chamou ele de Jack porque era o nome do menino.

e todas as noites ia naquela casa, até que um dia o nome estava doente, e o garoto Jack deitou-se ao lado dele e disse - vou cuidar de você. e o red falou - eu sou seu pai. e o menino ficou chocado.

Já dia, o red pai do Jack não tinha mais vida, então o Jack chorou e chorou.

Já foi ficando tarde e ele viu que quase todos os animais haviam morrido depois da morte do pai dele, e ele se perguntou - Porque estão morrem, quem é meu pai. depois de 20 anos ele já era um homem, um explorador, e um caçador mas nunca descobriu quem era seu pai e nem seu mãe. Mas sabia quem ele era um guerreiro. fim

Yasmin
São Paulo - SP

NOMES DAS ESCOLAS E DOS ALUNOS DE SÃO PAULO QUE PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO

EMEF Zilda Gomes

Samuell Yosef Silva Ferreira de Moraes – 7 anos – Diadema/SP

E. E. Romão Puiggari

Agatha Vitória da Silva – 11 anos - São Paulo/SP

Alícia Valentina Ottoni – 11 anos – São Paulo/SP

Angelina Ketley Holanda Cruz – 10 anos – São Paulo/SP

Beatriz da Silva Aprigio – 11 anos - São Paulo/SP

Bruna Ferreira Duarte – 10 anos - São Paulo/SP

Camilla Victoria Ferreira Reis – 10 anos - São Paulo/SP

Dandara Ferreira da Silva – 09 anos - São Paulo/SP

Divine Chinonyelum Igwe Etumnu – 11 anos - São Paulo/SP

Eloah Bergamin Zétula – 10 anos - São Paulo/SP

Esther Protazio Almeida – 08 anos - São Paulo/SP

Fernanda Soares Ribeiro – 10 anos - São Paulo/SP

Israel Peniel Bezerra Brasil – 10 anos - São Paulo/SP

Jheniffer Luz Sérvalo – 11 anos - São Paulo/SP

Kauanny de Paula Poltronieri – 8 anos - São Paulo/SP

Kelly Pucarico Condori - 10 anos - São Paulo/SP

Larissa Nunes Cavalcante - 11 anos – São Paulo/SP

Lorena Felix da Silva – 09 anos - São Paulo/SP

Luan Dalas Choque Delgado – 09 anos - São Paulo/SP

Maria Eduarda da Silva Oliveira – 11 anos - São Paulo/SP

Maria Luísa Gomes da Silva – 09 anos - São Paulo/SP

Nicollas Andrade de Castro – 11 anos - São Paulo/SP

Nicole Alves Cana Verde – 08 anos - São Paulo/SP

Nicolý Camargo Menezes de Lima – 08 anos - São Paulo/SP

Rihanna Dias da Silva – 09 anos - São Paulo/SP

Thaina Pedrosa Moreira – 11 anos - São Paulo/SP

Yasmin Vitória da Silva – 11 anos - São Paulo/SP

João Victor Lucas Gomes Viana - São Paulo/SP

Vinicius - São Paulo/SP

Agradecimentos a tod@s @s docentes, especialmente às professoras incentivadoras:

Angela Ferreira

Cristina Oliveira dos Anjos

Eliane da Silva

Geraldina Souza dos Santos

Sileide Falcão Obara

O trabalho com o Spina está rendendo frutos nas escolas públicas do Brasil. Alguns professores, como a poetisa paranaense Cleusa Piovesan, estão utilizando essa nova forma poética para o ensino de poesia e de linguagem, com oficinas ministradas conjuntamente com Ronaldo de Andrade, que criou essa nova forma poética em 2019, e vem promovendo sua divulgação por meio de página no Facebook (Associação Brasileira de Poetas Spinaístas), e de organização de coletâneas.

O Spina permite-nos reflexões sobre os usos da língua e sobre análise linguística, além de nos proporcionar entretenimento. O Colar de Spinas (oito poemas que abordam a mesma temática, explicada pelo título), proposto no grupo do Facebook por Ronaldo, para a ampliação das possibilidades desse gênero poético, também ganhou alguns adeptos entre estudantes de Ensino Médio, do Colégio Estadual Rocha Pombo, em Capanema/PR.

O destaque é para a estudante do 4º ano do curso de Formação de Docentes, Fátima Petrazzini Grübler, que participou com seis Spinas da Coletânea “De mãos dadas”, lançada em 2021, e apresenta um Colar de Spinas com temática de cunho social, mostrando que a juventude de hoje está atenta e é capaz de escrever um poema-denúncia, abordando as mazelas da população, utilizando-se com maestria das regras do Spina e das figurações que a linguagem poética exige.

JOGOS DE PODER (Fátima Petrazzini Grübler)

01.

Profanam a cidadania,
Nascida das amarguras;
Escolas são sucateadas.

Incerteza, poucos direitos da nação.
Família da ganância exerce domínio
No lugar, povo sangra. Culminadas,
Vidas sucumbem... por direito social,
São feras, atacam presas desejadas!

02.

Direito ao voto.
À escolha: livre,
Dever de cidadão!

A dualidade brasileira omite as
Mazelas do país; futuro incerto.
Nega-se a verdade à população,
Em detrimento ao ego possuído;
No poder vidas caras; desilusão!

03.

Verdade é questionada,
Hierarquia; tão suprema.
“Nós”... curta esperança.

Sem teto, sem comida. Procura-se,
bom coração que alimente angústia.
Desespero da rua invade confiança,
Gritam... famílias sem voz, anônimas,
Enquanto poucos lucram na liderança.

04.

Invade pelo coração
Estratégia de golpe;
Um político cordial...

Ação sem sentimentos, sem princípios
constitucionais, são alvo de trivialidade,
Privilégio, demandas à colega especial.
Relaciona recurso público com privado,
Utilizam sem moderação; tudo oficial!

05.

Recurso é escasso.

Massa é lutadora...

Constrói a nação.

De domingo a domingo, suores
Correm nas veias, sucumbem à
vida sem conforto, sem coesão.
A corte nega compaixão, rasga
Com afinco; mares de corrupção.

06.

Corrupção sem fim,
Jogos, vis falácias...
Em falsos passos...

Como é prestigiada a retórica,
Enganando a todos...sem dó,
Nas luzes se acham. Escassos,
Expõem id, fazem as lavagens,
Às escuras agem: são devassos!

07.

Escuras como graxa,
Que penetram almas;
Sabotam a armadilha.

A população está cansada das
Mentiras, falta de exemplos. O
escape se instaura nessa trilha:
Salvação em mãos coletivas de
saber; ferve agulha na guerrilha!

08.

Escape por igualdades,

Surge sonho: progresso!

As bandeiras flanam...

Movimento popular quebra as barreiras;

Regime indigno de coesão, vergonhoso!

Brasas são cinzas: expressões enganam

Educação aprimora a revolução, contesta

Em mentes inquietas, vivências profanam!

Poesia: Meu coração

Autora: Laura Farias (11 anos)

O meu coração quebrado.

O seu coração inteiro.

Ajude-me a consertá-lo.

O teu coração tão belo.

O meu coração tão só.

Me dê um pouquinho do seu amor

Para que meu coração quebrado

Seja reconstruído.

Com você meu coração

Estará completo de amor.



Mariah
Caicó - RN



Mariah
Caicó - RN

Expediente

Revista Barbante
Vol. X - Nº 48 - 30 de setembro de 2022
ISSN 2238-1414
QUALIS B5

10 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano
Ariane Pereira
Samuel de Mattos

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Juli Lima
Sandra Erickson
Beth Iacomini
Luciene Avanzini

Conselho editorial da Barbantinha

Ana Priscila
Angela Ferreira
Rosâ Silva

Ilustrações desta edição

Marise Castro

Diagramação

Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

Revisão dos autores.



Foto: ©Marise Castro

**VEM SER FELIZ NA BARBANTE
TAMBÉM!!!**

